



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE TRADUÇÃO - INGLÊS

**TRADUÇÃO COMO EDUCAÇÃO À ESTRANHEZA: POR UMA TRADUÇÃO ÉTICA
COMO PEDAGOGIA CULTURAL**

GARDENIA NOGUEIRA LIMA

Brasília
2021

GARDENIA NOGUEIRA LIMA

**TRADUÇÃO COMO EDUCAÇÃO À ESTRANHEZA: POR UMA TRADUÇÃO ÉTICA
COMO PEDAGOGIA CULTURAL**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção de menção na disciplina Projeto Final de Curso Letras-Tradução, sob a orientação da professora Alice Maria de Araújo Ferreira, do curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília.

Brasília
Maio, 2021.

Enquanto a assimilação é vista como uma abordagem que garante a entrada bem sucedida de pessoas negras no meio dominante, ela é, em sua própria essência, desumanizante. (hooks, 2019, p. 148).

*À minha mãe, que perdeu sua saúde mental há muito
tempo e, por isso, afasta quem ela mais ama.
Ao meu esposo e companheiro, que entrou na empreitada
que é ajudá-la.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Armando Braga do Nascimento, funcionário do Instituto de Letras, que nos deixou há menos de um mês, vítima da Covid-19, uma doença para a qual já existe vacina. Armando tocou minha vida pela última vez, e mais uma vez, ajudando-me no início deste semestre com a matrícula para a disciplina de Trabalho de Final de Curso. Ele era solícito, tinha muito conhecimento do seu trabalho e, quando procurávamos por ele ou quando não conseguíamos resolver algum problema por outros canais, ele estava sempre disponível para ajudar. Foi ele a primeira pessoa que conheci no Instituto de Letras, quando entrei para o curso. Lembro que brincou comigo ao reconhecer algo que falei como sendo do nordeste. Armando era muito querido e continuará sendo.

Agradeço à minha orientadora, Alice Maria de Araújo Ferreira, por todo ensinamento e por estar comigo em mais este trabalho.

Agradeço à sociedade brasileira, principalmente àqueles que confiam na ciência e sabem que as universidades públicas são muito importantes para o desenvolvimento do país.

Agradeço ao meu pai e minha mãe que fizeram o que puderam fazer pela vida de suas filhas.

Agradeço ao meu esposo por estar comigo nesse desafio que é viver junto e que é viver neste momento após um ano de pandemia.

RESUMO

A concepção de tradução trazida aqui é a inspirada em Baker (2016), que acredita ser a tradução um instrumento de construção de identidade coletiva e individual. Este trabalho é sobre traduzir eticamente, segundo as ideias de ética apresentadas por Berman (2013) e Meschonnic (2010) e também sobre o aprendizado obtido a partir desse modo de traduzir e do texto escolhido para a tradução. O objetivo de apresentar uma tradução de “Uncut Funk”, de bell hooks e Stuart Hall é obter ideias que sirvam para o letramento racial da sociedade. Já que a nossa sociedade precisa descolonizar a mente como ação para a luta anti-racista. Dessa forma, essa tradução foi desenvolvida seguindo características que respeitem mais o estrangeiro, ao tentar ao máximo reproduzir os seus elementos de estranheza e novidade. Por fim, a tradução foi realizada com a utilização da CAT tool Smartcat e do programa Anticonc. Por fim, apresenta-se a análise de vários trechos traduzidos.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução ética; Pedagogia na tradução; Raça.

ABSTRACT

The conception of translation brought here is inspired by Baker (2016), who believes that translation is an instrument for the construction of collective and individual identity. This work is about translating ethically, according to the ideas of ethics presented by Berman (2013) and Meschonnic (2010) and also about the learning obtained from this way of translating and the text chosen for translation. The purpose of presenting a translation of “Uncut Funk” by bell hooks and Stuart Hall is to learn about ideas that serve the racial literacy of society. Since our society needs to decolonize the mind as an action for the anti-racist struggle. In this way, this translation was developed following characteristics that respect much more the foreigner, while trying to reproduce its elements of strangeness and novelty. The translation was carried out using the cat tool Smartcat and the Anticonc program. Finally, the analysis of several translated excerpts is presented.

Keywords: Translation studies; Ethical translation; Translation pedagogy; Race.

Sumário

1 Introdução	8
2 Por que traduzir Funk sem cortes (Uncut Funk)?	10
3 Projeto de tradução ética e pedagógica	15
4 Processo tradutório	27
4.1 Metodologia	27
4.2 Relatório da tradução	32
5 Considerações Finais	44
6 Referências	45
7 Anexo	47
7.1 Nota da tradução	47
7.2 Tradução	49

1 Introdução

No Brasil, há uma crise da saúde acontecendo no momento em que desenvolvo este trabalho. São muitas mortes diariamente e quem produz, como estou produzindo um texto agora, parece que escreve durante uma guerra. O luto é constante e outros problemas como o racismo no mundo não param. No dia 20 de abril deste ano, o assassino de George Floyd, que era um homem negro morto por um policial em Minnessota, Estados Unidos, foi condenado à prisão em um julgamento que negros do mundo inteiro esperavam acontecer. As últimas palavras de Floyd foram “I can’t breathe” e se tornou um símbolo da luta anti-racista. Eu poderia citar casos de homens negros no Brasil que morreram em mãos de policiais, mas o caso do Floyd é citado aqui porque é muito importante a característica de ele ter reclamado muito por não ter podido respirar. Assim como é característico, no Brasil, a grande quantidade de mortes por Covid-19 no Brasil, que é uma doença que ataca os pulmões.

Segundo Araújo (2020), o percentual de indivíduos negros no Brasil que morreram por Covid-19 é maior que o percentual da composição de negros na população por região. Por exemplo, das pessoas que morreram por Covid-19 no Nordeste, 82% eram negros, mas nesta região negros são 70% da população. Outro exemplo é o do Norte do país, que é composto de 76% de negros e que destes 76%, 86% morreram de Covid-19. Ou seja, negros morrem mais de Covid-19 e em uma velocidade maior que a de não negros. Ainda segundo Araújo (2020), negros morrem de Covid-19 entre 3 e 4 vezes mais que o branco. Isso acontece porque já há um histórico de vida vilipendiada por essa população e a pandemia piora uma situação que já estava complicada. Sendo que, segundo a autora, indivíduos negros são os que mais utilizam o Sistema Único de Saúde que vem sendo enfraquecido pelos poderes públicos (ARAÚJO, 2020). Ou seja, há uma necessidade de se voltar à atenção para dados sobre a doença segundo a raça/cor/etnia, caso se queira diminuir desigualdades na população.

Nos Estados Unidos ou no Brasil, pode-se afirmar que o primeiro a ser desumanizado é o negro ou as populações indígenas, seja em momento de pandemia ou não. É por isso que entender a mente ocidentalizada e o como pensa a branquitude nos dois países é tão importante, porque é com essa conscientização que se consegue dar passos em direção à justiça social. Nesse momento, diálogos de todo tipo e entre os diversos é importante, um diálogo em que as duas partes mantenham o interesse por mudar essa situação de vilipêndio. Em um momento em que o autoritarismo é muito forte no governo federal, é que se deveria haver pessoas traçando diálogos em prol do combate ao autoritarismo.

Em vista disso, a tradução do texto “Uncut Funk” vem para inspirar quem deseja fazer reflexões sobre a vida de uma forma leve e menos corrida no Brasil. “Uncut Funk” foi publicado em 2018, após a morte de Stuart Hall. O livro-diálogo é um respiro para quem ainda acredita que as pessoas têm muito o que contribuir ao passar o que sabem a outras. O objetivo deste trabalho de final de curso é apresentar uma tradução de “Uncut Funk” que observa a ética de tradução dos autores franceses Antoine Berman, em seu livro “A tradução e a letra e o albergue do longínquo”, e Henri Meschonnic, em “Poética do traduzir”. Em adição a esse objetivo geral, o objetivo específico deste trabalho é o de verificar o quanto a arte e a criação na tradução podem ajudar no respeito pela cultura a ser traduzida e no aprendizado pela tradutora-leitora sobre a cultura a ser traduzida.

Nesse sentido, na próxima seção, apresentam-se as justificativas para se traduzir “Uncut Funk”, dando sempre destaque à noção de que o racismo prejudica as imagens que compõem o simbólico das pessoas e que é por isso que o racismo é desconstruído com ações de reconhecimento da população vilipendiada. A seção posterior apresenta algumas características da poética do traduzir, de Meschonnic (2010), e também da tradução à letra, de Berman (2013), porque são essas formas de traduzir eticamente que são seguidas na tradução de “Uncut Funk”. Na última seção deste trabalho, explico a metodologia para se realizar a tradução, e também é onde estão os exemplos de trechos da tradução e sua análise segundo à letra e à poética do traduzir. Por fim, tem-se as considerações finais, onde verifica-se que houve a tentativa de tradução com atenção às deformações e à poética do texto, porém em alguns momentos notou-se algumas justificativas ainda muito ligadas ao sentido do texto.

2 Por que traduzir Funk sem cortes (Uncut Funk)?

A tradução deste trabalho é a da primeira parte do diálogo escrito intitulado “Uncut Funk”, de autoria de bell hooks¹ e Stuart Hall. bell hooks é uma autora feminista negra que escreveu mais de 30 livros sobre raça, gênero, classe e educação, incluindo livros escritos para o público infantil. Ela nasceu em Hopkinsville, em 1952, uma cidade do Kentucky, nos Estados Unidos. A autora conta em seus livros, inclusive no “Uncut Funk”, que viveu a época em que as crianças negras, que estudavam em escolas só para negros nos Estados Unidos, tiveram de começar a estudar em escolas misturadas, porque a segregação havia acabado. bell hooks narra o como foi difícil para ela sair de uma escola perto de sua casa em que os professores negros realmente se preocupavam com o aprendizado das crianças negras (HOOKS, 2019). A autora usa o codinome bell hooks em homenagem a sua avó, mas seu nome de nascimento é Gloria Jean Watkins. hooks é viva e o seu último livro traduzido para o português no Brasil foi o “Tudo sobre o amor”, publicado pela Editora Elefante em 2020.

Stuart Hall é jamaicano e nasceu em Kingston em 1932. Ele morreu com 82 anos em Londres, Reino Unido, em 2014. Hall foi muito importante para os estudos culturais e morou na Grã-Bretanha desde 1951. Ele foi um dos fundadores dos Estudos Culturais britânicos ou da escola Birmingham dos Estudos Culturais e também foi um dos fundadores da *New Left Review*, uma revista muito importante para a área de sociologia. Hall se tornou uma das principais referências sobre os estudos de globalização e as políticas de cultura, com uma visão a partir da diáspora negra. No Brasil, dos livros mais importantes de Hall, tem-se traduzidos o “Da diáspora”, organizado por Liv Sovik, “A identidade cultural na pós-modernidade” e “Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais”.

Stuart Hall e bell hooks são muito importantes para quem estuda raça e se engaja na luta antirracista seja no Brasil, nos Estados Unidos ou no Reino Unido, três países que tem o racismo muito presente, como foi visto claramente com os protestos sobre o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, Reino Unido e Brasil. Em “Funk sem cortes” (Uncut Funk), os autores falam sobre vários assuntos e o principal deles é que, em tudo o que falam, eles desfazem ideias coloniais. Um ponto importante dessa conversa é a afirmação que eles fazem sobre a importância de estar em

¹ Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo de bell hooks (todo escrito em letras minúsculas), porque é uma homenagem a sua avó, Bell Blair Hooks, uma mulher forte que ela admirava. Para a autora, quando o nome de sua avó é chamado, ela ressuscita. Além disso, bell hooks é também escrito assim, porque a autora foge dos cultos de personalidades que modificam autoras na sociedade capitalista e as transformam em produto, deixando de lado o trabalho delas em si (HOOKS, 2019, p. 333).

conversas sobre assuntos diversos e que essas conversas são pedagógicas. Foi a partir de conversas que hooks escreveu vários de seus livros.

Como o Brasil está dividido politicamente e governantes precisam ouvir o povo a fim de angariar forças para afastar o autoritarismo, uma forma de reagir contra a onda autoritária e de contribuir para um debate que fortalece a sociedade brasileira foi a de trazer a tradução do diálogo entre esses dois autores, que trabalham em instituições dos Estados Unidos, mas que fazem o exercício de criticarem o seu próprio lugar de fala. Além disso, o diálogo traz a necessidade de valorizar o outro e o que ele nos traz como aprendizado, pois se isso fizesse parte da cultura do Brasil, se pensássemos mais como um coletivo, se pensássemos no bem estar do outro, não estaríamos morrendo tanto de Covid como estamos morrendo neste exato momento. Nesse sentido, é importante pensar no diálogo como a relação afirmada por Paulo Freire (2020a), um importante filósofo da educação, conhecido como o “patrono da educação brasileira”, quando ele diz que o diálogo

[é] uma relação horizontal de A com B. Nasce do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2020a, p. 141).

Para Freire (2020a), o diálogo é imprescindível à continuidade da ordem política e é também imprescindível a todos os sentidos da vida do ser humano, sendo que o diálogo é inspirado pela crença no ser humano e pela crença que somente posso ser eu mesma quando os outros também conseguirem ser eles mesmos. Ainda sobre a importância do diálogo, o autor francês Antoine Berman (1975) afirma que a forma de tomar mate, que é uma bebida muito comum na Argentina, pode ensinar às pessoas como juntar o individual e o comum. O mate é uma bebida tomada em uma roda de pessoas, uma bebe e passa para a outra e todas tem seu tempo de tomá-lo, porque a próxima está esperando para bebê-lo também. O que é sentido pelo autor é que há na roda de mate um tempo comum que é o tempo que a pessoa espera para tomar o mate mais uma vez, que só acontece quando todo mundo da roda bebe um pouco da mesma erva. Os participantes têm tempo para falar e para se calar. Quando há silêncio, ele nunca é total, para Berman (1975), porque o mate está passando entre os participantes da roda, então a comunicação sempre vai ser mínima. O círculo que é feito é democrático e ninguém tem mais privilégio que outro e não há como fazer subgrupos

dentro da roda. Todo mundo se olha de frente e todos estão presentes para todos. Há uma intimidade entre todos. Para Berman (1975, p. 815), tomar a essência do mate é um encontro com a terra e um convite para meditação. Para o autor, “O mate convida a palavras breves e sentenciosas, mas de peso, escuta concentrada, distribuição rápida e intervenção reflexiva. Todas essas características fazem da mateada um momento poético e reflexivo” (BERMAN, 1975, p. 815). É o que ocorre em um diálogo como o de Stuart Hall e bell hooks, quando duas pessoas se admiram e querem continuar melhorando o ser e o estar juntas, o ser e o estar no mundo. Sendo este um tipo de diálogo em que governos e população deveriam se inspirar, pois os autores trazem a ideia de que ouvem um ao outro interessados e atentos e que vão fazer algo com aquilo que estão ouvindo, que é, se for preciso, mudar as suas próprias posições diante do que o outro fala.

Segundo hooks e Hall (2018), o diálogo tem uma função pedagógica crítica, porque é em uma conversa que se pode tirar reflexões sobre a vida. Ele é fluído, está relacionado com poder e o lugar onde ele acontece, uma instituição por exemplo, interfere no diálogo. Nesse diálogo entre os dois autores, a conversa traz vários temas, como a necessidade do retorno à família de origem, que pode ser vista como um retorno à casa patriarcal, a resistência inconsciente, a posição institucional de quem fala, o essencialismo no feminismo, as dificuldades de se articular raça dentro do feminismo. Para bell hooks, em hooks e Hall (2018), foram os diálogos que ela teve com mulheres negras na companhia telefônica em que ela trabalhava que trouxeram as ideias para a escrita de “Ain’t I a woman?”, traduzido para o Brasil como “Eu não sou uma mulher?”, e seus livros têm essa característica de conversa (HOOKS; HALL, 2018, p. 7). Já para Hall, que afirma ter fome de narrativa, é quando ele pensa que está falando o que precisa escrever que sua escrita consegue se desenvolver melhor. Sendo que, para ele, o importante é conversar sobre as pequenas coisas da vida, a rotina de seu filho e da esposa. Dessa forma, o que pode ser entendido é que ambos acabam tirando da vivência dos assuntos mais domésticos ou de assuntos revelados do cotidiano das pessoas o interesse pela conversa, o que resulta um pouco nas noções passadas por Freire (2020a). Ou seja, é na realidade mais específica e no viver, na experiência, das pessoas que surge o interesse pelo aprofundamento, o aprendizado de algo.

Traduzir “Uncut Funk” é também trabalhar com a esfera da representação e do simbólico das pessoas e angariar mais força para a luta antirracista. Em Anne Phillips (2009), que é professora de Ciência Política e de Teoria de Gênero, na London School of Economics (LSE), em Londres, Reino Unido, a autora analisa os conceitos de políticas públicas de redistribuição e de reconhecimento debatidas por Nancy Fraser e Iris Young. Para Phillips (2009), Fraser acredita ser

necessário ter em mente a diferença entre os conceitos de redistribuição e reconhecimento, porque há o risco grande do deslocamento de um tipo de política pública para outro. Ou seja, há um risco grande de um governo utilizar mais um tipo de política que outro, porém a justiça, segundo Phillips (2009), é realizada pelo equilíbrio entre a utilização dos dois tipos de políticas públicas. As políticas públicas que focam na redistribuição são aquelas em que há o reforço do econômico para se ter uma melhora social na vida das pessoas, já as de reconhecimento reforçam que as identidades marginalizadas precisam ser valorizadas.

Há a possibilidade de gestores apontarem que a solução de um problema social possa ser a utilização de uma política de redistribuição, porém para trabalhadores que vivem em uma periferia longe do centro da cidade, a raça, que está dentro dos tipos de política de reconhecimento, também influencia em sua situação social. O racismo não é resolvido apenas com a existência de muitos negros ricos, porque a situação social mais abastada não faz com que as atitudes racistas desapareçam. Pelo contrário, quando o negro atinge lugares ocupados apenas por brancos é que ele se depara com novas formas de discriminação (COLONNA, 2016). Dessa forma, a utilização de políticas de redistribuição apenas não ajuda a resolver o racismo, mas o reforço das políticas de reconhecimento é o que pode equilibrar esse sistema, de acordo com Phillips (2009). Para a autora, é dando relevância para as características que especificam a realidade, como raça, gênero, classe e geração, que faz com que a sociedade se torne mais igualitária. É nesse sentido do reforço do cultural da população negra e da sua representação simbólica que a tradução de textos como a apresentada aqui é imprescindível. Em minha observação, o racismo está vivo na mente das pessoas e, por isso, narrativas que contradigam a imagem distorcida da população negra devem estar mais presentes no intuito de desfazer noções racistas.

Ainda sobre a questão simbólica de uma população ou o reconhecimento, o Negro² e sua situação é transnacionalizada, o que é característica da modernidade, e foi no Atlântico Negro que essa situação foi gerada (MBEMBE, 2014, p. 34). Mbembe (2014) afirma que a razão negra é composta por primeiros e segundos textos, sendo que os primeiros dizem respeito a tudo o que se inventa, conta e se repete com a intenção de fazer do Negro o sujeito da raça, apresentando-o como um selvagem e com potencial de desqualificação. Esses textos são chamados pelo autor de

² Nesse trabalho de final de curso, a palavra negra/o apresenta duas escritas, uma com inicial maiúscula e outra com a inicial minúscula. Aqui, ele é escrito com a inicial em maiúsculo, porque é assim que ela é grafada em Mbembe (2014). A palavra “outro” e “eu” também pode estar grafada em letra minúscula ou maiúscula neste trabalho, dependendo do uso de cada autora lida. Para entender a utilização de todos esses termos e suas grafias, Grada Kilomba (2019, p. 16-17) afirma que há uma história complexa, dependente da história do país aos quais esses termos são referenciados, e que, para problematizá-los, ela os grafa em itálico. Além disso, ela escreve *Outra/o* em letra maiúscula com o feminino aparecendo primeiro, e escreve *negra/o* em letra minúscula.

“consciência ocidental do Negro”. Os segundos textos são os que compõem a afirmação de identidade do Negro, possui autoderminação e olha para o interior, ou seja, são os textos que restituem a história do Negro (2014, p. 58-59). bell hooks e Stuart Hall com certeza fazem um trabalho que é incluso na ideia de segundos textos de Mbembe (2014). Os dois são conscientes da situação do negro no mundo e o trabalho intelectual que eles produziram faz parte da formação intelectual de muita gente que combate o racismo. Como tradutora e mulher negra, a minha vontade é a de traduzir muitos desses tipos de textos, porque é a leitura de textos como esse diálogo escrito que faz a diferença na vida da maioria da população do Brasil. Isso porque eles são a matéria prima, ou os instrumentos, para um letramento antirracista tão necessário para o desfazimento da mente colonial no Brasil.

3 Projeto de tradução ética e pedagógica

Traduzir leva em consideração o gênero do texto. Para Meschonnic (2010), como o que se traduz é discurso, então a poética é uma crítica que também deve ser feita a partir da prosa. Já Berman (2013) informa que o seu pensamento de tradução foi desenvolvido em textos do domínio da prosa, porque é o que ele tem como experiência de traduzir e, porque ele acredita que essa área foi negligenciada (BERMAN, 2013, p. 65). Para ele, a prosa literária é um texto que deixa aparecer o seu polilinguismo e, por ser um texto em que a escritora precisa lidar com uma grande massa de outros textos, ele acaba por apresentar um “escrever mal”, o que é na verdade, onde está a riqueza do texto (BERMAN, 2013, p. 66). No diálogo, o tipo de texto traduzido neste trabalho, as pessoas estão menos preocupadas ainda em seguir as normas da língua culta, o que pode ser uma fonte também rica para a análise da letra, e da poética, do texto.

A tradução apresenta conceitos variados e dependentes de quem traduz. O conceito de tradução deste trabalho é baseado em Baker (2016, p. 340), que nos apresenta em seu texto vários grupos de tradutoras e intérpretes que trabalham para a mudança do status cor político no mundo. Baker (2016, p. 341) conta um pouco das ações de tradutoras que traduzem texto “por uma identificação com a história ou com o conjunto de ‘histórias’ que fornecem um norte para suas atividades políticas”. Essas tradutoras acreditam que, com a linguagem e a tradução, podem mudar a ordem simbólica, podem mudar o mundo. Assim, “[o] uso de linguagem híbrida, a depreciação deliberada do inglês, o constante rearranjo da ordem e do espaço atribuídos às diferentes línguas em seus websites [...]” estão entre as ações de grupos de tradutoras e tradutores, como o Babels e o Tlaxcala (BAKER, 2016, p. 342). Suas mediações e participações em eventos de importância mundial, como o Fórum Social Mundial e o Fórum Europeu, estão entre as ações que esses grupos realizam. Na tradução apresentada aqui, a ideia é também fazer parte de um trabalho em que as lutas antirracistas mundiais possam se conhecer. Por isso, é tão importante traduzir esses dois autores, bell hooks e Stuart Hall, que apresentam ideias e desfazimento de ideias que são importantes para essas lutas.

Na tradução, autores trazem a ideia de que é preciso haver maior inclusão de outras culturas. Berman (2013) acredita que traduzir um provérbio não é o mesmo que achar equivalentes invariantes ou trazer uma idealidade de tradução em cada língua, mas garantir que suas imagens sejam representadas no texto traduzido. Isso seria acolher o estrangeiro da forma com que ele se apresenta na escrita. Antoine Berman (2013) constitui uma ética de tradução, que está envolvida com o respeito à letra do texto. O respeito à letra é à manutenção das aliterações, das assonâncias,

das repetições, dos cumprimentos das frases, do ritmo, dos tipos de subordinadas, da diversidade das línguas nas traduções. Para o autor, a tradução deve ser o “albergue do longínquo”, onde o outro, o estrangeiro que vem de longe, é acolhido e reproduzido segundo suas formas de ambiguidade, estranhezas e carga de novidade³.

De acordo Berman (2013), é a letra que inspira a criatividade da tradutora. Para ele, uma tradutora não é obrigada a traduzir segundo a ética revelada por ele em seu texto. A cultura que está traduzindo não é obrigada a acolher o outro, mas uma cultura somente se torna uma cultura, no sentido do humanismo da Bildung de Goethe, caso ela seja regida por essa escolha (BERMAN, 2013, p. 93). Segundo Seligmann-Silva (2018, p. 170), a Bildung, que é a formação-cultura de uma nação, é mais que a abertura ao estrangeiro, mas também a capacidade de saída de si, da língua da tradutora, para encontrar o outro e uma volta a si, que vai criar esse si. É esse abandonar a própria língua para encontrar a língua do outro que vai fazer com que a tradutora se modifique e se perceba (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 187).

Esse encontro com o outro, que pode não ser tranquilo, modifica o ser da tradutora. A tradutora acaba aprendendo com o outro, quando pesquisa sobre ele, evidenciando que esse encontro é também pedagógico. Segundo Campos (2017), que é participante do grupo de pesquisa “Traduzindo no Atlântico Negro” da Universidade Federal da Bahia, ela não sabia que passaria por um processo pedagógico denso ao escolher traduzir textos do poeta negro Langston Hughes. Campos (2017, p. 136-137), como tradutora branca, revela que não via as questões de raça, mas que com a tradução a sua consciência sobre a negritude se modificou, empoderando-a sobre as problemáticas sociais, de gênero e afetivas em relação a sua família.

Para Berman (2013, p. 93), o que a sociedade ocidental precisa é de uma educação às estranhezas. O autor critica a tradição histórica de um ocidente que sempre modificou suas traduções para se sentir visto nos textos traduzidos. O apagar traços singulares de uma autora em nome da beleza e do melhor entendimento do texto pelo leitor sempre foi ação comum realizada pela sociedade ocidentalizada. Sendo que, a ética de tradução do Berman (2013) traz essa inclusão do outro ao criticar o duplo da tradução, que é a tradução palavra por palavra e a tradução segundo o sentido do texto. Ou seja, Berman (2013) apresenta uma terceira via que é a tradução segundo a letra do texto. Segundo o autor, o sentido está na letra e a fidelidade⁴ ao texto de origem é uma

³ Estranheza, novidade e ambiguidade são tomadas a partir do referencial ocidental, ou seja, a visão aqui é do ocidente. Assim como a crítica que se faz aqui é ao ocidente por alguns autores ocidentalizados, assim como a escritora deste trabalho de final de curso é de autora ocidental também.

⁴ A questão da fidelidade é uma tema tradicional na tradução, que significa também traduzir mantendo fidelidade ao autor do texto, traduzir literalmente o que diz o autor do texto, que é o contrário de traduzir livremente. Já que traduzir

fidelidade à letra. É a letra do texto que “absorve” o seu sentido (BERMAN, 2013, p. 62). Não é a tradutora que vai conseguir “decifrar” esse sentido, mas a tradução à letra que vai portar um sentido que é dependente da leitura de cada leitora. Em adição, Tymoczko (1995), que pesquisa sobre textos marginalizados, que são os textos suprimidos dos cânones europeus, afirma que:

[m]uitas vezes, na verdade, geralmente, existem obstáculos enormes enfrentados pelos tradutores que desejam trazer os textos de uma cultura marginalizada para um público de cultura dominante: a questão se relaciona com a interpretação do material cultural e social (incluindo direito, economia e assim por diante), história, valores e visão de mundo; problema sério com a transferência de características da literatura, como gênero, forma, convenções de performance e alusões à literatura; bem como as inevitáveis questões de interface linguística. (TYMOCZKO, 1995, p. 13).

Em outras palavras, quanto menos conhecimento a tradutora tem sobre a cultura a ser traduzida, mais ela estará contando uma história nova para as leitoras do texto e a carga de informação referente à cultura a ser traduzida pode se tornar bem grande (TYMOCZKO, 1995). Segundo Tymoczko (1995), a cultura receptora pode até não conseguir entender o texto traduzido por conta da carga de novidade e, quando uma cultura ouve algo que é muito novo, acabar assimilando o que escutou ao interpretar as novas/estranhas informações em algo que já lhe é familiar. Para a autora, os seres humanos têm a tendência de transformar a nova informação em informação já escutada por eles, em algo que eles já têm conhecimento. Nesse momento, é possível relacionar a autora com Berman (1983), já que ele diz que precisamos ter uma educação às estranhezas a fim de não apagar na tradução a nova história lida. Além disso, existe uma base biológica que explica que a gente assimila informações não familiares àquilo que já conhecemos (TYMOCZKO, 1995, p. 13-14).

Para Sommer (2016, p. 528), algumas escritas resistem à leitora e determinam certa distância entre a leitura e a leitora. Esses livros são tão resistentes que diversas leituras não conseguem superar essa distância. Sommer (2016) acredita que a resistência do texto leva à incompetência leitoral, que acontece, porque há marcas do texto que são comumente despercebidas. Para a autora, não existe iniciação possível a esses textos, pois eles até estendem uma mão ao leitor, mas sempre para garantir que continuem a um braço de distância da leitora.

livremente é traduzir e criar durante a tradução. Segundo Berman (2013), ser fiel ao texto não é ser fiel às palavras ou ao sentido do texto, que foi uma questão presente durante toda a história da tradução ocidental, mas é ser fiel à letra do texto, aos significantes construídos pela autora do texto.

A autora acredita que leitoras que têm competência não estão familiarizadas com a aversão e a mudança mais sutil pode fazer com que elas não a percebam, já que figuras da literatura⁵ são dependentes da consciência dos leitores (SOMMER 2016, p. 528). Essas figuras literárias, citadas por Sommer (2016), podem ser também relacionadas como metonímias, que, para Tymoczko (1995), cada cultura tem as suas próprias. Se essas metonímias não provocam lembranças para a leitora, então é porque o público leitor tem uma cultura muito diferente da do texto a ser traduzido. Para Tymoczko (1995), quando a tradutora traduz um texto em que a intertextualidade não é conhecida pelos leitores, a tradutora deve escolher quais as características da cultura, ou da língua, trabalhará no texto de chegada, porque a quantidade de informações de um texto muito novo é grande. Por isso, essa escolha deve ser feita pela tradutora.

Ainda sobre a dificuldade de a cultura leitora de traduções não perceber o estranho⁶ ou o que é novidade, Sommer (2016) afirma que,

[o] resultado tautológico foi que quando os sinais de resistência não têm um padrão reconhecível para os leitores, eles permanecem obscuros e inesperados, como não marcados e invisível para a leitura privilegiada como etnia ou gênero pode ser para a política conservadora. Antecipar a resistência é um remédio parcial; (SOMMER, 2016, p. 530, tradução minha).

Sendo assim, a autora acredita que é necessário reconhecer alguns sinais de que se está lendo um tipo de texto resistente. Isso seria uma boa percepção para uma tradutora ter antes de traduzir o texto. E os sinais podem ser o de silêncio declarado e também o da intimidade que foi negada no texto pela escritora do texto. Para Sommer (2016), Zora Neale Hurston declara isso em seus textos, quando a autora afirma que o branco está sempre tentando descobrir as questões dos outros, porém o negro sempre vai resistir suavemente a sua intenção. Deve-se sempre ficar atento para o fato de o grande Eu ser absorvido pelo menor Outro, pois quando isso acontece imagina-se que a diferença pode ser superada, segundo Sommer (2016). Porém, para a autora, essa questão

⁵ Literatura, no conjunto desse trabalho de final de curso, é toda escrita que pertence a um sistema literário. É o afirmado por Meschonnic quando ele diz que “literatura é a realização máxima da oralidade. Ela o é cada vez que se realiza como uma subjetivação máxima do discurso. [...] A oralidade é a literatura. É seu papel social. (MESCHONNIC, 2010, p. 63).

⁶ Para citar rapidamente, o conceito de estranho pode ser definido aqui como o em Esquivel (2017, p. 14), onde “o estranho é percebido como algo que deveria continuar escondido, mas ‘veio à luz’. Logo, Freud chega ao lugar escondido, familiar, na origem do estranho, de onde todos vieram, o heim (lar), a genitália da mãe.” O autor continua dizendo que Freud afirma que o estranho gera o estranhamento e a estranheza, sendo que o primeiro é definido por Viktor Chklovski como o “fenômeno que leva as pessoas a perceberem os objetos ao seu redor, ou mesmo gestos e atitudes próprias” (ESQUIVEL, 2017, p. 34). Já a estranheza, também citando Viktor Chklovski, está ligada a uma “singularidade, sensação de surpresa, desconforto, desconfiança” e ela só existe porque tem ligação com o familiar (ESQUIVEL, 2017, p. 36; ESQUIVEL, 2017, p. 70).

essencialista, que reduz a outridade ao que é semelhante, não necessariamente quer construir um sujeito de estabilidade e coerência em que o leitor consegue sempre entender e representar. O propósito é, segundo a autora, criar dúvida sobre a capacidade de a leitora saber e também não deixá-la na situação confortável de pensar que está lendo algo ambíguo. O que se quer evitar é o conhecimento possessivo que está na característica de que tudo tem de saber, discurso que se esconde por meio do discurso do amor. Amar uma autora, pesquisar sobre ela não é o mesmo que entender tudo o que ela diz ou entender tudo sobre sua cultura, porque sua estratégia de escrita pode ser resistente.

Segundo Sommer (2016), citando Edward Said, pode ser que o oriente não queria ser conhecido. O ocidente queria conhecê-lo, mas não o contrário. O oriente não queria ser conhecido pelo ocidente. Dessa forma, a autora acredita que, citando Spivak, a pergunta a ser feita é se o leitor com todos os seus privilégios consegue realmente ouvir o silêncio e a aversão que alguns textos da cultura “subalterna” (prefiro dizer subalternizada e por isso concordo com as aspas que a autora utiliza na palavra “subalterna”), apresentam de forma estratégica (SOMMER, 2016, p. 535). Segundo Sommer (2016), apesar de hoje em dia os trabalhos de autoras negras serem mais visíveis, há protestos dessas autoras sobre as dores e custos particulares que essas escritas produzem a elas. Dessa forma, o silêncio também é uma arma contra o trauma vivido por alguns grupos, como os negros e indígenas, e é uma proteção contra terríveis memórias. Há também o tipo de coisa que não pode ser dita, mas autores que resistem podem informar que coisas são essas. Dessa forma, o leitor privilegiado poderia, então, ouvir a mensagem relutante. Sommer (2016) também acredita que uma leitora pode entender algo de forma parcial, assim:

[se] experiência e posicionalidade constituem o sujeito, como pode leitores constituídos distintamente presumirem compreender plenamente escritores constituídos diferentemente? A compreensão adequada ou apropriada pode muito bem estar aquém disso, mas não deixaríamos nos intimidar se nos concentrássemos na compreensão apenas como um objetivo e se permanecéssemos contentes com nossos melhores esforços e sucessos parciais (SOMMER, 2016, p. 543, tradução minha).

Assim sendo, é o acreditar que sua interpretação é a única válida que faz com que a tradutora-leitora assimile as informações de acordo com sua cultura. A tradução à letra também é uma crítica à tradução segundo o sentido, que não faz mais do que colocar a própria cultura do leitor, ou da tradutora-leitora, como algo superior à cultura de origem do texto. Isso seria dizer o mesmo que, como o que foi destacado por Sommer (2016), não conseguimos, como

tradutoras-leitoras, entender plenamente o que uma autora quis dizer e, por isso, uma tradução que arruma o texto, ou apaga as especificidades da escrita da autora, com a justificativa de que a leitora compreenderá melhor o texto, após a arrumação feita, acaba por homogeneizar os textos traduzidos sempre segundo o modo de escrita da cultura da tradutora.

Outra situação a ser mencionada aqui sobre essa assimilação sempre presente é citada por hooks (2013), que informa que, quando escrevia seus artigos em vernáculo negro, o *Black English*, os editores retornavam os artigos sempre corrigidos segundo o inglês padrão. Segundo a autora, ela encoraja seus alunos a usarem sempre a primeira língua que eles aprenderam e depois a traduzi-la para o inglês. Dessa forma, quando suas alunas e alunos começam a usar o *Black English*, as alunas e alunos brancos acabam reclamando, porque não entendem esse vernáculo. Como professora, ela incentiva suas alunas e alunos a pensarem que aquele é o momento para aprender o que não compreendem. Há também nesse momento, a chance de ouvir sem “dominar”, sem ser o dono da fala, nem mesmo ter posse como resultado da interpretação. Alunas e alunos se recusam a ouvir o que não seja o inglês padrão, sem nem mesmo imaginar que essa repressão seja política, que sem perceber estão agindo em prol de uma dominação, que é cultural (HOOKS, 2013).

Celebrar vozes diversificadas é, segundo hooks (2013), um rompimento com a relevância dada ao inglês padrão. Se os textos se diversificam, os leitores também diversificam e rompem, assim, com a cultura de dominação de um falar, de uma história, de uma cultura que homogeniza o outro para torná-lo um igual, ao apagá-lo. O que hooks (2013, p. 232) sugere é que a gente possa conhecer uma narrativa em fragmentos e que se reconheça o lugar de fala e de silêncio, pois a autora acredita que é essa cultura capitalista consumista que nos traz essa vontade de ter desejos realizados imediatamente. Dessa forma, a forte vontade de entender o outro acaba se tornando uma violência, segundo Sommer (2016). “Negligenciar a diferença em prol de uma identificação reconfortante e de pressa autojustificadora com personagens ou experiências textualizadas nega a especificidade, sua autonomia relativa” (SOMMER, 2016, p. 543, tradução minha). Essa vontade de possuir o outro é uma forma de expressão de vontade de poder, pois segundo Sommer (2016), citando Derrida, possuir, conhecer e compreender são outras formas de se falar de poder.

Para Seligmann-Silva (2020), há angústia e medo quando não se conhece o outro e a reação a esse medo é trazer esse outro para dentro, porque o que fica de fora vai gerar angústia. O que fez o conhecimento iluminista foi agir com dominação total em relação ao outro. Somando a isso, o capital torna tudo em mercadoria e subordina esse outro e trabalhadores, por exemplo, são vistos sem a garantia de seus direitos. Se o outro, segundo Seligmann-Silva (2020), não pode ser

transformado em lucro, então acontece a sua aniquilação. Dessa forma, uma nova ética da responsabilidade indica, segundo o autor, que deve ser realizado o método da desoutrização, que afirma que, ao contrário da lógica iluminista que desenvolveu ideias de identidades sólidas, as identidades devem ser imaginadas como devires. Nem o eu-mundo, nem a outrização devem gerar objetificação ou dominação. Assim sendo, um todo em que esteja o eu-mundo e o outro seriam um estar em comum. É esse estar em comum, como fazem as comunidades tradicionais, segundo Seligmann-Silva (2020), que faz com que haja uma ética de existência e também meios de inclusão não centrados na noção de identidade essencialista.

Pensar a desoutrização na tradução é uma ação muito importante para não assimilar o outro e não violentá-lo simbolicamente. Lembrando que Mbembe (2014) afirma que negros não são uma unidade e que a homogeneização dos negros é realizada por estratégias racistas, a mesma que é reproduzida nos segundos textos, que ele chama de “consciência ocidental dos negros”. O que negros podem ter em comum é a luta contra o racismo e é com esse objetivo que eles ocupam o mesmo espaço, mas não porque são iguais. Meschonnic (2010) afirma que o que a gente traduz são textos que carregam discursos e esses discursos são dependentes dos sujeitos. Cada sujeito, para o autor, possui uma política de pensamento que é passada para a sua escrita. Essa política de pensamento também poderia ser chamada de enunciação, que é o que devemos traduzir. Dessa forma, antes de traduzir devemos deixar nossas ideias sobre a cultura de lado e pesquisar antes de escrever. Segundo Campos (2017), é o desconforto ao traduzir um poeta negro que a deixa com maior atenção durante o processo tradutório. O cuidado e a responsabilidade no momento de traduzir é importante, porque tradutoras podem passar a sua ideia de raça para o seu trabalho tradutório (CAMPOS, 2017).

Henri Meschonnic (2010) é também um autor importante para o conceito de uma tradução, assim como Berman (2013), que envolve arte e criação. O autor afirma que o ponto central da “Poética do traduzir” é a noção de oralidade, que segundo o autor é o que as tradutoras devem traduzir, que é a subjetivação no ritmo de Proust, por exemplo, de acordo com Meschonnic (2010, p. 62), que pode incluir, por exemplo, repetições e não escrita segundo a norma padrão, de uma escrita em específico. “Traduzir não o que dizem as palavras, mas o que elas constroem” (MESCHONNIC, 2010, p. Lxii). O oral, para o autor, está na escrita e no que é falado, possuindo sempre uma semântica que lhe é própria (MESCHONNIC, 2010, p. 62).

A poética, para Meschonnic (2010), não é o mesmo que estilística, mas um modo de dizer na escrita, um movimento da palavra na escrita, que aparece mais especificamente no discurso

individual de cada escritora. Para o poeta francês, a reflexão sobre o fazer tradutório requer uma leitora pensativa. O que importa, então, em sua análise é a ação do fazer tradutório que é percebida por meio da análise dos produtos da tradução. Assim como Berman (2013) afirma que não fornece uma receita do como tradutoras devem traduzir, Meschonnic (2010) revela que sua análise não é uma verdade, mas sim uma possibilidade de estratégia do como traduzir. O desafio é, então, segundo Meschonnic (2010, p. xx), construir um lugar da literatura no espaço da teoria da linguagem e um lugar da teoria da linguagem nos sentidos sociais, que criam a arte e o sujeito na sociedade.

Traduzir para Meschonnic (2010) não é traduzir língua, que é a confusão que se faz, é traduzir discurso que é uma atividade do sujeito, de enunciação do sujeito e que forma o contínuo do discurso. Esse contínuo é rítmico e prosódico. Para o autor, então, é o discurso e o contínuo que aparece em todas as escritas de uma autora que tem de ser traduzido. Nesse sentido, a literatura e a tradução são trabalhos nos quais se pode perceber o que o indivíduo faz com a linguagem. É na tradução, e nas várias retraduições de um mesmo texto, que há como perceber o que foi feito da linguagem. Por isso, deve-se tomar muito cuidado no momento de traduzir, porque a tradução pode apagar a forma com que foi organizado o pensamento de uma autora, a sua poética de pensamento e a tradução pode apagar até mesmo o próprio apagamento realizado em uma tradução. Esse apagar também acontece por conta da interpretação, porque tradutoras seguem uma norma culta padrão na escrita e, assim, acreditam em uma racionalização que homogeniza os textos, como foi revelado em Berman (2013). Um dos problemas ao apagar é que a tradução acaba não respeitando a diversidade das línguas e o mito de Babel se confirma. Conforme essa ideia, segundo Meschonnic (2010, p. 6),

[e] se ela [a tradução] não confunde retórica e poética, métrica e ritmo, sentido e significância, rebatendo a alteridade na identidade, sim, a tradução será melhor, simplesmente porque, em ligação com um texto, ela funcionará como um texto. Ela não será simplesmente conduzida por uma interpretação, mas será, por sua vez, portadora. Terá alcançado a sua própria literalidade. A poética do traduzir é o caminho dessa literalidade. O trabalho em curso de uma poética da sociedade.

Dessa forma, se ser literal é traduzir de acordo com a poética do texto, para Berman (2013), essa literalidade se consegue na manutenção da letra no texto traduzido. Outro ponto em que Berman (2013) e Meschonnic (2010) corroboram é o fato de os dois desaconselharem a tradução segundo o sentido do texto. Para Meschonnic (2010, p. xxix), a tradução segundo a interpretação se dá segundo o signo e o sentido, ou seja, são da ordem do descontínuo da linguagem. Para Berman (2013), captar o sentido só traz uma mensagem confusa e deformada do texto, já que o sentido do

texto para ele está na tradução à letra, é na letra que está o sentido do texto e não em uma única captação interpretativa de uma tradutora-leitora.

Em Berman (2013), a unidade da linguagem é a letra, já em Meschonnic (2010), essa unidade é o discurso. O pensamento poético é uma forma de ação sobre a linguagem que constrói o discurso. Ele é um modo de significar, de pensar, de viver e ler, de estar na linguagem (MESCHONNIC, 2010). A poética é crítica e histórica, porque permite um estudo das traduções que cria uma historicidade das traduções (MESCHONNIC, 2010, p. xLii). Isso acontece, como também informa Berman (2013), pelo estudo das retraduições de um texto. A tradução tem essa função de fazer com que se reconheça o seu papel teórico, de historicidade, de oralidade e de modernidade, afirma Meschonnic (2010, p. Lxiii).

Para Meschonnic (2010), traduzir é uma ação artística e, para Berman (2013), a tradutora deve ter liberdade para criar em seu texto traduzido. Não há necessidade de traduzir um provérbio de outra cultura por um provérbio local que transmita o mesmo sentido, pois a tradutora pode simplesmente criar sua própria tradução respeitando o cumprimento ou a concisão, as aliterações e assonâncias, do provérbio na tradução. O ritmo é, então, para Meschonnic (2010, p. 43), a forma com que as autoras organizam as palavras no texto e também é onde o sentido opera. Sendo que, para Berman (2013, p. 78), esse mesmo ritmo pode ser afetado pela pontuação no texto traduzido. Se se traduz o ritmo, se traduz o sentido, porque é ele que tem o sentido do texto.

É o que é construído pelas palavras no texto, que cria a impressão estética e um sentido menos visível, que é o que deve ser traduzido para Meschonnic (2010), e é o que Berman (2013) chama de significantes ou construção de sensações pelo texto. Berman (2013) critica a sociedade ocidental que costuma sempre apagar o diverso no outro e Meschonnic (2010) nos apresenta uma poética também como crítica de sociedade, recusando tradicionais regionalizações e trazendo uma historicidade da linguagem. À ética de Berman, que respeita a letra do texto, é possível relacionar a ideia da característica de resistência que é do próprio ser de alguns textos, assim como um modo próprio de clareza que tem o texto de origem, segundo informa Berman (2013). É essa interação com o texto, que é a fonte de pesquisa da tradutora, que vai construir um aprendizado sobre a cultura e sobre o sujeito, sobre a escritora do texto.

Se traduzir eticamente leva a reconhecer que o estranho precisa ser pesquisado antes de passá-lo para a escrita tradutória, portanto, traduzir eticamente é pedagógico. Para Freire (2020b, p. 142), toda emersão gera uma conscientização, então, toda pesquisa por tema é pedagógica e toda educação se faz por meio do pensar. Para Berman (2013), a tradução também é uma atividade

pensante que é a reflexão sobre a tradução como uma área autônoma. Uma tradução como a sugerida por Berman (2013) e por Meschonnic (2010) necessita de uma análise de informações que gera esse processo educativo.

Para Dalarosa (2012), a pedagogia da tradução tem um “cérebro-espírito” que olha o mundo por meio das sensações, sendo que traduzir um texto desconhecido é participar de uma co-autoria, porque se textualiza junto com o autor da obra. A tradutora pode também produzir visualidades por meio das sensações encontradas no texto. Assim, a pedagogia da tradução pode até mesmo produzir não apenas reconhecimento, mas sensações produzidas pelos objetos. Sendo que, para Dalarosa (2012, p. 6), quando a sensibilidade nasce, cria-se, por meio de um encontro, um movimento entre mundos impessoais do pensar. Dalarosa (2012) acrescenta que

[ao] colocarmos o jogo da tradução na instância da invenção, outras considerações passam a importar no processo envolvido. Entre elas, a sensibilidade aos signos, às sensações e às variações imagéticas de cada expressão textual, bem como da criação de conceitos que possam dinamizar os sentidos já conhecidos. Através dos sentidos, tornamo-nos o que somos e inscrevemos determinada maneira de viver. Dispomos deles, também, por meio de nosso organismo biológico, com o qual é possível olhar, ouvir, degustar, tatear e cheirar textos. Mas o que exatamente olhamos, ouvimos, cheiramos, degustamos e tateamos? O que há na constituição dos sentidos? Aprende-se através dos sentidos? Que tipos de cores, de sons, de cheiros, de superfícies e de gostos afetam ou animam um espírito tradutor em meio à vida? (DALAROSA, 2012, p. 7).

A tradução chamada de produtiva por Dalarosa (2012) é uma em que resiste aos signos reducionistas, que resiste aos signos que possuem maior chance de estereotipar, de exotizar, de reduzir, de trazer clichês como interpretação de algum aspecto da cultura a ser traduzida. Para Appiah (1993), citando Roland Barthes, a literatura é um tipo de texto que serve para o ensino. Esse texto é o que necessita de uma descrição densa de seu contexto literário, por meio de comentários e glosas, que desafia professores e alunos a irem além na procura de respeitar genuinamente a cultura do texto, a terem um respeito genuíno pelos outros.

Para Appiah (2013, p. 816), “o que conta como uma boa tradução de um texto literário — ou seja, um texto ensinado — é que ele deve preservar para nós os recursos que fazem valer a pena ensinar”. No caso do texto traduzido aqui, ou seja, do diálogo entre bell hooks e Stuart Hall, o aprendizado compõe a crítica feita pelo letramento racial que, segundo Aparecida de Jesus Ferreira (2014), que é escritora, professora e estuda questão racial na educação, é uma ferramenta que tem uma compreensão complexa do como a raça influencia na situação econômica, social, política e educacional das pessoas, seja grupos ou indivíduos. O ensino desse letramento racial possui um

conjunto de ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento do letramento racial nas escolas (FERREIRA, 2014, p. 250). Em sua pesquisa, a autora utiliza, por exemplo, autobiografias que refletem sobre a identidade negra. Sendo assim, o diálogo trazido aqui e seus vários tópicos trazidos pelos dois autores negros pode compor uma ferramenta pedagógica contra o racismo e também como forma de aprendizado de tradução, pois, segundo Ferreira (2014), as áreas da linguagem também são responsáveis por educar cidadãos.

Appiah (1993) acredita que a tradução de textos africanos nas universidades americanas deve ser pensada para incentivar o repúdio ao racismo, deve expandir a imaginação dos americanos para além da imagem deles mesmos, deve incitar o desejo verdadeiro do respeito ao Outro e de sua autonomia e deve ser uma tradução de visões que partam dos variados lugares da diáspora. Já o ensino da literatura oral em universidades ocidentalizadas na África deve cuidar para que seja reconhecido que a continuidade entre as formas culturais pré-coloniais e as da contemporaneidade são legítimas e deve desafiar ideias de uma superioridade da cultura ocidentalizada. Sendo que, esse julgamento sobre ser superior ou não é um resultado de ações institucionais (APPIAH, 1993, p. 817). Essas escolhas por quais textos ensinar no espaço ocidentalizado é política, assim como a escolha de um texto para traduzir também o é.

Uma tradução ética deixa explícito consigo uma nota de tradução em que estaria mencionada a posição de tradução, o horizonte de tradução e o projeto de tradução. A posição de tradução de uma tradutora é uma escolha e demonstra a maneira como ela percebe o traduzir, as normas e os discursos sobre tradução, de acordo com Berman (2009). Essa posição está ligada à maneira que a tradutora percebe a linguagem, a sua relação com a sua própria língua e com outras línguas, a relação com a escrita e com trabalhos literários (BERMAN, 2009, p. 59). Segundo Berman (2019), o projeto de tradução é delimitado pela posição da tradução e as demandas de tradução do texto traduzido em específico.

O projeto define o modo como a tradução é realizada, porque, segundo Berman (2009), uma tradução deve ser apresentada junto a seu projeto, já que ela só pode ser julgada segundo o seu próprio projeto. Por mais que a tradutora queira omitir dez páginas do texto de origem em sua tradução, se essa informação não for omitida do projeto, o projeto é válido, conforme afirma o autor. Qualquer problema que houver na tradução, ele vai estar na construção do projeto. A posição e o projeto de tradução estão incluídos no horizonte da tradutora, que é “o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ a forma de sentir, agir e pensar da tradutora” (BERMAN, 2009, p. 63, tradução minha). Nesse sentido, o horizonte da tradutora que

contém o projeto e a posição da tradução estão apresentados na “Nota de tradução” deste trabalho (ver anexo 1).

Há uma importância muito grande do que explicita Berman (2009) com a questão do horizonte, da posição e do projeto de tradução. Esses três aspectos são uma forma de mostrar à leitora que uma tradutora não é um sujeito neutro no universo, que pode fazer com que a tradução seja apenas reprodução do texto de partida. A tradutora possui toda uma construção pessoal que vem de sua vivência, formação escolar, lutas de vida que influenciam no seu modo de traduzir e também no que ela escolhe para traduzir. Mas para além da tradutora, uma “Nota de tradução” (ver anexo 1), que traga a posição, o horizonte e o projeto de tradução, pode fazer com que a leitora obtenha informações referentes à editora, à demanda de publicação, a todo um sistema literário que envolve publicar ou não um texto. Logo, uma tradução que apresente o seu projeto de tradução, por exemplo, pode ser considerada uma tradução mais honesta com suas diversas leitoras. Em termos de aprendizagem, a leitora ficará muito mais informada sobre o seu sistema literário e o de literatura traduzida.

4 Processo tradutório

4.1 Metodologia

A metodologia se dá a partir da teoria de Berman (2013) e Meschonnic (2010). A tradução foi feita sempre analisando se há ou não repetições de léxicos, verificando o tipo de subordinada, tomando cuidado para não aumentar muito a quantidade de pontuação no texto traduzido. Tentou-se sempre não explicar o texto e não alongá-lo muito. Buscou-se analisar se havia algum jogo de léxicos que pudesse passar a interpretação segundo algum dos cinco sentidos. Além disso, verificou-se se havia léxicos que passassem assonância e aliteração, por exemplo. Ou seja, a análise da tradução foi realizada, segundo o afirmado por Berman (2013), ao ter como guia a analítica da deformação, que abre uma reflexão sobre as características das traduções que são éticas, poéticas e pensantes. Segundo o autor, é por meio da consciência sobre a analítica das deformações que a tradutora pode se direcionar a um espaço ético da tradução. As deformações são ações tradutórias que toda tradutora está sujeita a fazer, já que são ações inconscientes. Porém, mesmo tomando consciência delas, não há como eliminá-las de nossa ação tradutória (BERMAN, 2013). Porém, o importante é que a tradutora tome consciência das deformações e tente não reproduzi-las.

Dessa forma, essa tradução procurou evitar o que Berman (2013) chama de tendências deformadoras da tradução. Sendo que, as 13 deformações citadas por Antoine Berman (2013) e que serão analisadas segundo as escolhas tradutória deste trabalho, são: 1) a racionalização, que é a organização de frases e de elementos dentro das frases de acordo com uma ordem do discurso da cultura de tradução, o que acaba linearizando a grande quantidade de estruturas sintáticas apresentadas pelo “original”; 2) a clarificação, que se relaciona com a racionalização, que diz respeito ao nível de clareza das palavras e de sentido das partes do texto; 3) o alongamento, que é resultado das tendências já citadas e que envolve o acrescentar léxicos, artigos, pronomes relativos que não existiam no “original”. Para Berman, esses acréscimos não aumentam a significância do texto, mas sim a sua massa bruta; 4) o enobrecimento, que é a utilização de frases belas, elegantes, tendo como base o texto de origem, que, para Berman (2013), produz um texto mais “elevado”, “brilhante” e “legível” em favor do sentido de textos nas ciências humanas; 5) o empobrecimento qualitativo é a substituição de termos e modos de dizer por outros que não produzem a mesma riqueza sonora e visual apresentadas no texto de origem; 6) o empobrecimento quantitativo acontece quando se acrescenta artigos, pronomes relativos, léxicos explicativos e ornamentais que não existiam no tecido de léxicos do texto de origem; 7) já a homogeneização acontece quando a tradutora arruma o texto, o que é resultado de todas as outras tendências, porque o que se faz é

deixar todos os textos com as mesmas características; 8) a destruição dos ritmos, que acontece quando se aumenta ou se diminui a quantidade de pontuação do texto, o tamanho das frases, por exemplo; 9) a destruição das redes de significantes acontece quando a tradutora não reproduz um jogo produzido pela autora, seja intencionalmente ou não, com as palavras. Certas autoras utilizam certos verbos e adjetivos e não outros, porque eles compõem um sistema no texto e, se a tradutora não reproduz essa sistemática, ela acaba com uma rede de significantes importante para o texto; 10) a destruição de sistematismos é quando a autora utiliza um tipo de subordinada ou certos tempos verbais que produzem também uma sistemática no texto, e a tradutora não reproduz essa sistemática; 11) a destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares, que está muito presente na prosa. Isso acontece quando, por exemplo, traduz-se uma gíria estrangeira por uma local, quando se traduz um estrangeiro de fora por um de dentro; 12) a destruição das locuções é quando se apaga as locuções que carregam consigo uma experiência própria daquela língua, e traduzi-las por equivalentes não as substituem; 13) por fim, a última deformação é o apagamento das superposições de línguas, que acontece quando a tradutora não reproduz as tensões entre as línguas que aparecem no texto fonte.

Além disso, o traduzir somente pode ser avaliado por um projeto de tradução, segundo Berman (2009). Esse projeto é apresentado junto com a tradução do texto, seja como prefácio, como nota da tradução ou como posfácio, exemplos de paratextos que são importantes para conhecer a tradutora do texto e o seu processo de tradução. Segundo Berman (2009), quando se escreve um paratexto informando sobre o processo tradutório, pode-se dizer que a tradutora está sendo honesta, porque está agindo com ética com a sua leitora ao evidenciar todo o processo de tradução.

Para Berman (2009, p. 57-58), não há mais como a tradutora se manter invisível, porque o que se quer é cada vez mais conhecê-la. Leitoras querem saber qual a sua nacionalidade, se ela trabalha somente com tradução e quais outras atividades realiza. Para Berman (2009), há uma necessidade de saber se a tradutora é escritora, se já escreveu trabalhos literários e quais, se a tradutora é bilíngue, que trabalhos já traduziu e que trabalhos ela comumente traduz. Além disso, o que se quer saber sobre a tradutora é se ela já escreveu algum trabalho acadêmico ou artigos, se já escreveu sobre a sua experiência em tradução e que princípios ela segue ao traduzir. Na “Nota de tradução” (ver anexo 1), que é o paratexto escolhido para informar sobre o processo tradutório de “Uncut Funk”, escrita para esta tradução, as características acima citadas são as que podem demonstrar a posição, o projeto de tradução e o horizonte da tradutora para o trabalho traduzido apresentado.

A metodologia deste trabalho também contou com o uso de dicionários online diversos, como o ldoceonline.com e o oxfordlearnersdictionaries.com. O uso da CAT tool “Smartcat” e o uso do programa Antconc também foram instrumentos importantes para a realização da tradução deste trabalho. O Smartcat foi muito útil, porque a sua tradução automática realiza grande parte do trabalho de tradução. Porém, deve-se manter muita atenção durante a tradução, porque todos os trechos da tradução automática precisam ser analisados e reanalisados, já que muitos trechos da tradução precisam de ajustes, seja de gramática, de traduções confusas ou errôneas. O programa acaba ajudando, porém ainda há muito trabalho a ser feito. Sobre o Anticonc, ele foi um instrumento imprescindível para se decidir pela tradução de alguns termos. Primeiramente, foi criado um corpus de textos que pudesse ser referência aos termos que aparecessem em “Uncut funk”. Dessa forma, para compor o corpus com 19 textos, foram escolhidos textos de autores brasileiros, escritos em português ou traduzidos para o português. Os autores dos textos do corpus foram bell hooks, Patrícia Hill Collins, Angela Davis, Rosânia Nascimento, Rodney William, Luiz Antônio Simas e Winnie Bueno. Após isso, todos os textos foram passados para o formato de arquivo “.txt” para serem incluídos no programa.

Em relação ao uso do Anticonc, alguns exemplos que podem ser fornecidos são os das escolhas das escolhas de léxicos, pois teve de haver uma escolha entre termos como o “de oposição”, “oposicionistas” ou “oposicional”. Assim, a tradução para “the oppositional world view” foi “visão de mundo de oposição”, porque não apareceu nenhuma ocorrência para “oposicional” quando foi escrito “oposic*” no anticonc e, além disso, apareceu apenas uma opção para “oposicionistas” (ver figura 1). Já quando foi escrito no anticonc “oposiç*”, com “ç”, a palavra oposição apareceu 101 vezes (ver figura 2). Dessa forma, “...de oposição” foi a escolha desta tradução.

Figura 1: Ocorrência após digitar “oposic*”, com “c”, no Anticonc

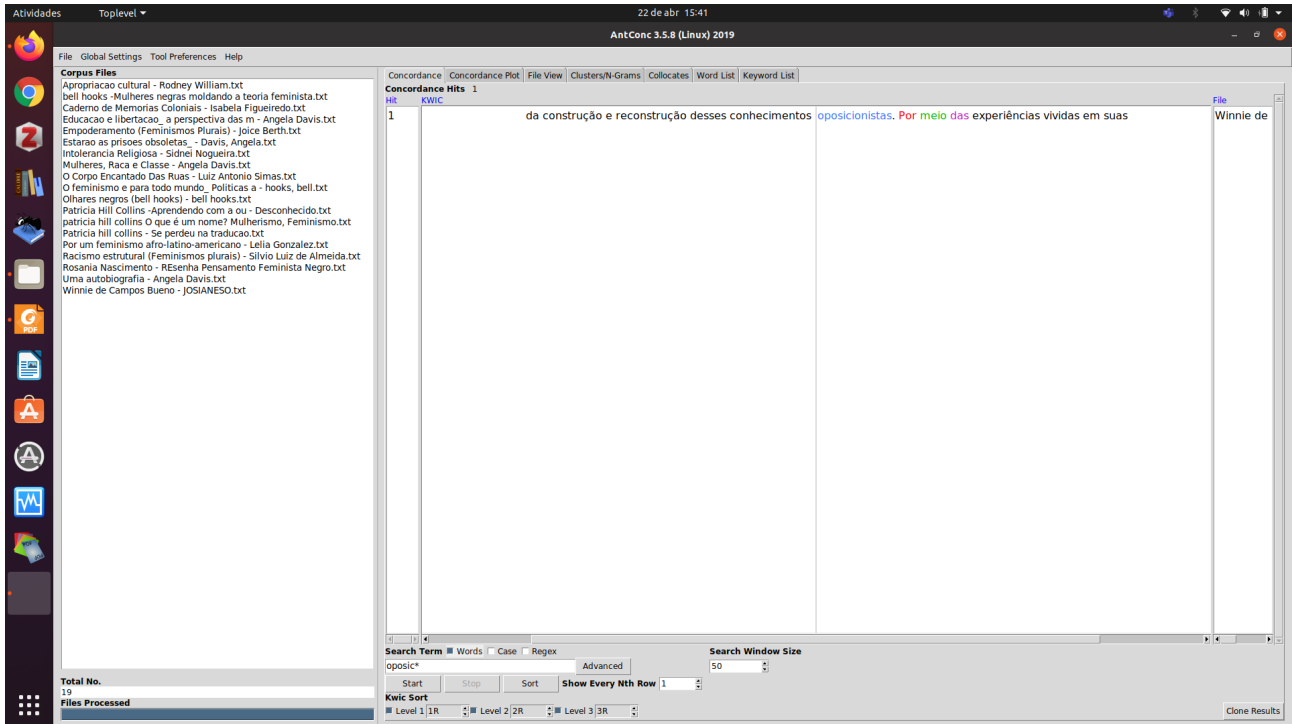
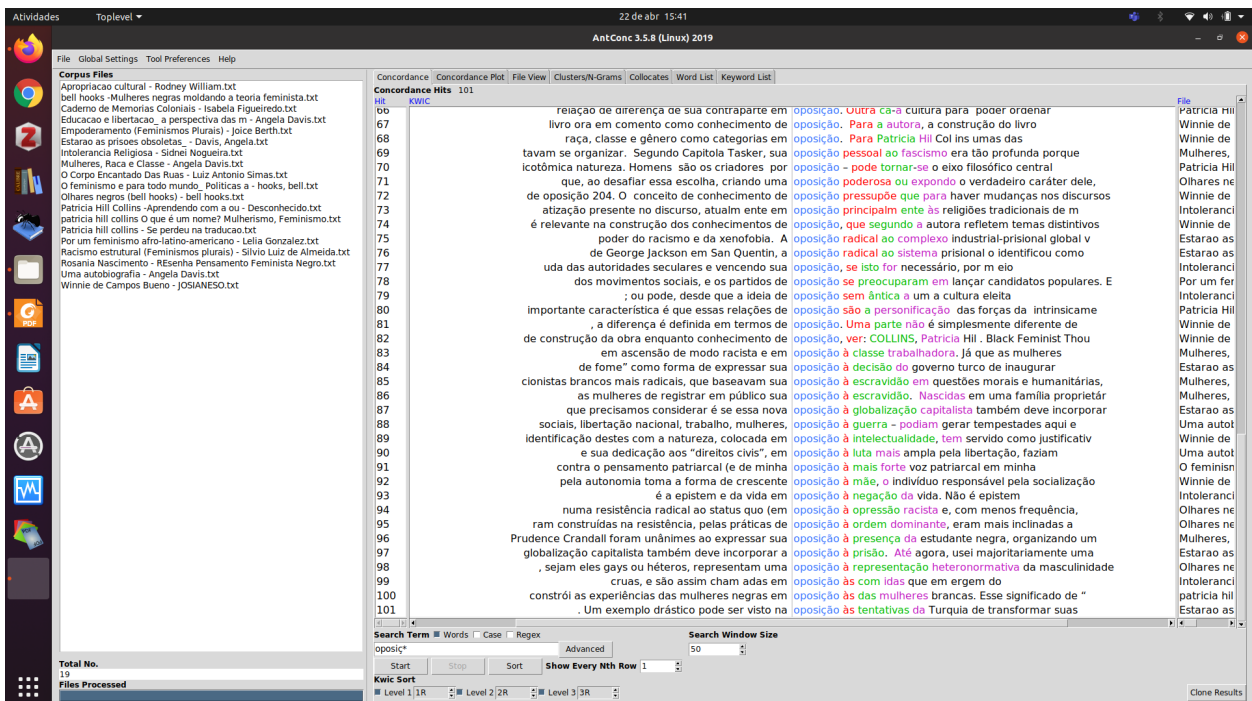


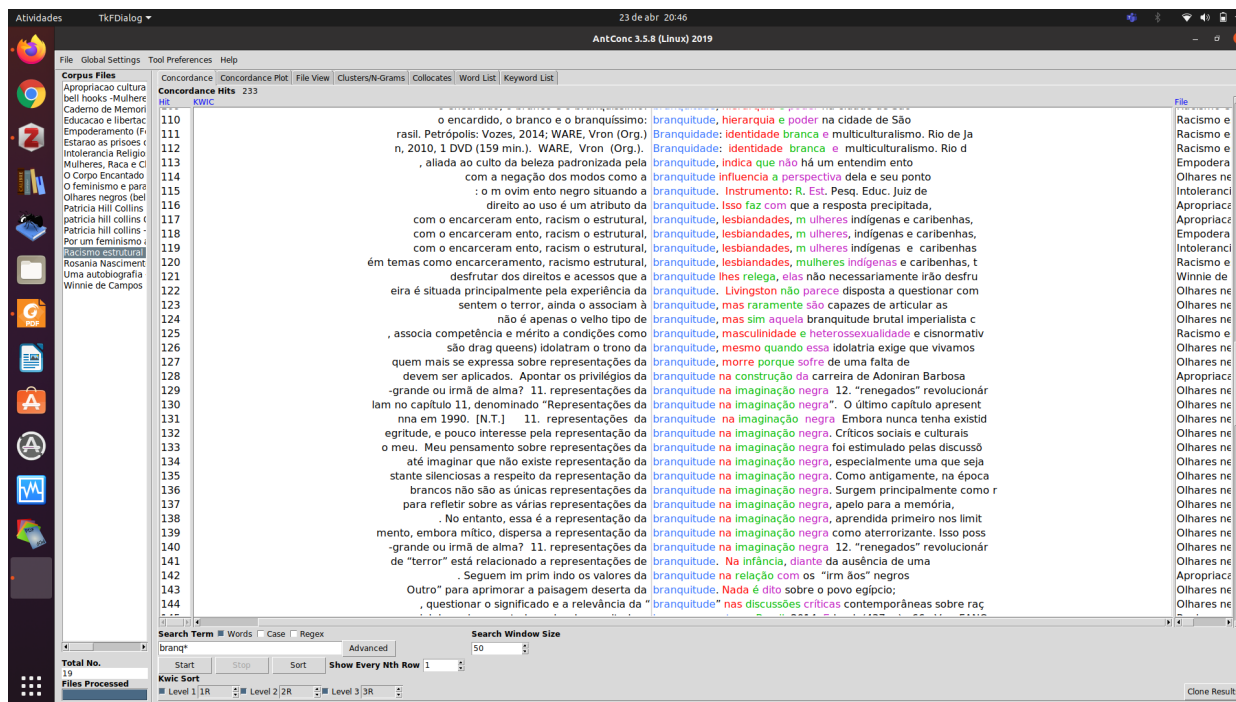
Figura 3: Ocorrência após digitar “oposic*”, com “ç”, no Anticonc



Fonte: Produção própria.

Outra escolha que teve de ser feita foi entre os termos “branquitude” e “branquidade”. Dessa forma, quando se escreveu no Anticonc “branq*”, a palavra “branquidade” apareceu apenas duas vezes (ver figura 3) e, na coluna mais à direita da figura do Anticonc, percebe-se que os dois registros dessa palavra são do mesmo livro. Já a palavra “branquitude” é registrada no Anticonc, também ao se escrever “branq*”, em muito mais quantidade que “branquidade” (ver figura 3 e 4). Por isso, “branquitude” foi a escolha de tradução para “whiteness”. Porém, ambos os termos branquitude e branquidade são sinônimos e o mais utilizado entre eles, nos textos sobre o tema, é mesmo “branquitude” como informa a imagem e também Jesus (2012).

Figura 3: Ocorrência após digitar “branq*” no Anticonc, com destaque para “branquidade” na segunda e terceira linha da imagem. O termo “branquitude” aparecendo em maior quantidade.



Fonte: Produção própria.

Figura 4: Destaque para 233 registros após digitar “branq*”. Os resultados foram: branquitude, branquidade, branquinha e branqueamento.



Fonte: Produção própria.

A utilização do programa Anticonc pode ser um instrumento importante para mostrar o quanto podem ser específicas as escolhas por termos na área de raça. Sendo que, após a tradução, viu-se a necessidade de gerar um glossário de termos de raça, o que pode ser um objetivo para um trabalho futuro.

4.2 Relatório da tradução

Nesta seção, apresento trechos referentes às características que devem ser observadas para se produzir uma tradução ética de acordo com o que diz a tradução à letra, de Berman (2013) e também segundo a poética, de Meschonnic (2010). Dessa forma, na página 88, do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

It is what I call continually “the oppositional world view” that nobody really wants to look at.

Tradução:

Isso é o que eu chamo continuamente de “visão de mundo **de oposição**” que ninguém realmente quer olhar.

A escolha por “de oposição” é justificada por sua presença nos resultados com o corpus do Anticonc. A palavra “oposição” apareceu 101 vezes, já “oposicionista” apareceu apenas uma.

Apesar de que, pode-se afirmar que para o respeito à letra e à poética, de Berman (2013) e de Meschonnic (2010), respectivamente, a escolha por “oposicional” possa ser a que mais respeite o ritmo, a aliteração e assonância do léxico da origem.

Já na página 94 do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

This is what I was trying to bring to the table at the Fanon Conference that I perhaps didn't do skillfully enough, but I was trying to say that there has to be some recognition of the need for a feminist dialogue that can take place between black men and women that is not about erotic relationships, but is about meeting each other as two subjects.

Tradução:

Isso é o que eu estava tentando trazer para a mesa na Fanon Conference, que talvez eu não fiz com habilidade suficiente, mas eu estava tentando dizer que tem de haver algum reconhecimento da necessidade para um diálogo feminista que pode ocorrer entre homens e mulheres negras que não é sobre relações eróticas, mas é sobre o encontro de **um com o outro** como dois sujeitos.

No trecho acima, a tradução de “each other” poderia ser feita com uso do pronome “se” e ficaria “...mas é sobre se encontrar como dois sujeitos...”, porém o que buscou-se fazer foi manter a organização do texto e também não houve mudança de verbo recíproco “se encontrar” no lugar do substantivo “encontro”. Essas questões também podem ser analisadas no texto da Apresentação, escrito por Paul Gilroy, na página 52, do Anexo 1, tem-se:

The evident discipline and formality of the conversational format command the close attention of readers who are invited to appreciate the tone and timbre of these interlocked voices in the same spirit with which the participants listened carefully to each other.

A evidente disciplina e formalidade do formato de conversação requer a atenção especial dos leitores **que** são convidados a apreciar o tom e o timbre dessas vozes interligadas no mesmo espírito com o qual os participantes atentamente escutavam **um ao outro**.

Nesse trecho, tentou-se reproduzir a oração subordinada restritiva, que começa com o pronome relativo “que” e há também a preservação da organização da frase ao traduzir “each other” por “um ao outro”. Sendo que este último poderia ser simplesmente substituído por um “se” antes do “escutavam”, ou seja, resultando em “... no mesmo espírito com o qual os participantes atentamente se escutavam.”

Na página 83, do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

We certainly saw that with Farrakhan and The Million Man March.

Tradução:

Nós certamente vimos isso com Farrakhan e a **Marcha de um Milhão de Homens** (Million Man March).

Nesse trecho, como não foi encontrada a tradução oficial para o português de “Million Man March”, uma tradução é fornecida, mas o seu original aparece ao lado para fazer referência ao evento estrangeiro na sua língua de origem, assim como foi feito por Torres Filhos em suas várias traduções de conceitos em Schlegel e em Novalis, como informa Seligmann-Silva (2018).

Na página 57, do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

“Ahh, I’m definitely tired. I don’t know if I can bring myself to talk about this.”

Tradução:

“Ah, estou definitivamente cansado. Não sei se **consigo** falar sobre isso”

Nesse trecho, os termos “can bring myself” foram traduzidos por “consigo”, ou seja, foi utilizado um modal junto com uma expressão idiomática, “bring myself”, mas ela foi reduzida a um único léxico, o que pode fazer com que se perca parte do efeito da expressão para a leitora da tradução. Uma tradução que pudesse evitar essa perda poderia ser: “Eu não sei se posso me forçar a falar sobre isso”. O que parece é que “não sei se posso me forçar” é um paradoxo na língua portuguesa, porque brasileiros não se forçam a falar a não ser em uma confissão em julgamento. Por isso, foi feita a escolha pelo verbo “consigo”.

Na página 57, do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

I have been thinking about growing up in a world of folks who never learned how to read or write, or folks who didn’t read much, an intense world of non-readers and non-writers.

Tradução:

Tenho pensado sobre crescer em um mundo de pessoas que nunca aprenderam a ler ou a escrever, ou pessoas que não leram muito, um mundo intenso de **não-leitores** e **não-escritores**.

No final desse trecho, “non-readers” e “non-writers” foram traduzidos para “não-leitores” e “não-escritores”, porque reproduz a aliteração, apesar de que, no novo acordo ortográfico do português, os prefixos de negação “des” e “in” perderam o hífen e, agora, as palavras “desumano” e “inumano” são léxicos não separados por prefixo. Então, palavras como a palavra “não-verbal” é grafada agora como “não verbal”, perdendo o hífen. O que se pode concluir, então, que “não-leitores” e “não-escritos” são neologismos.

Ainda na página 57, do Anexo 1, tem-se:

Trecho de origem:

Now as you say that, I am reminded of a childhood memory which I hadn't thought about before.

Tradução:

Agora, enquanto você diz isso, eu **sou lembrado** de uma memória de infância em que não tinha pensado antes.

Neste trecho, “I am reminded” foi traduzido para “eu sou lembrado” fazendo com que se permaneça na tradução uma certa estranheza, pois o tempo verbal da partida foi mantido na tradução. Comumente, essa frase no português é mais dita assim: “Eu me lembro...”, ou seja, não se trata de uma construção passiva.

Na página 58, do Anexo 1, tem-se

Trecho de origem:

They had this very pretty, not quite gingerbread, but almost gingerbread, very small home.

Tradução:

Eles tinham uma casa muito bonita, não exatamente **pão de gengibre**, mas quase **pão de gengibre**, muito pequena.

A repetição de “pão de gengibre” e a falta de conectivos entre as frases pode passar estranhamento a uma leitora brasileira, mas acredita-se que essa leitura possa fazer sentido para quem a lê.

Ainda segundo a manutenção de repetições, na página 60 do Anexo I, com certeza faria com que

uma tradutora não atenta trocasse a palavra “pessoas” por sinônimos, já que elas aparecem 6 vezes muito próximas uma da outra no trecho a seguir:

Trecho de origem:

It was where the New Left started, and all of those people were around. We had a big student house where people lived, and it was always full of a cross section of people of the Caribbean, people from the Left, people studying literature, people in art school, not just people from the university. It was a place of very, very intense variety, and intense conversation.

Tradução:

Foi onde a New Left começou e todas aquelas **pessoas** estavam por perto. Tínhamos uma grande casa de estudantes onde as **pessoas** viviam, e ela estava sempre cheia de um grupo representativo de **pessoas** do Caribe, **pessoas** da Left, **pessoas** estudando literatura, **pessoas** na escola de arte, não apenas **pessoas** da universidade.

Na página 58, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Of the five aunts only one got married and left.

Tradução:

Das cinco tias somente uma se casou e partiu.

Após “Das cinco tias” tem-se uma vírgula porque é um complemento descolado, mas resolveu-se não colocar vírgula para garantir que a pontuação da tradução seja mais próxima da quantidade de pontuação no texto de partida. Como a frase é pequena, julgou-se que a não colocação da vírgula não é um problema de compreensão para leitora.

Na página 58, do Anexo 1,

Trecho de origem:

It was like a continually unrolling serial.

Tradução:

Era como uma série **desenrolando continuamente**.

Segundo Berman (2013), nas traduções o pronome relativo “que” é uma partícula que aumenta muito de quantidade no texto traduzido em relação a sua presença no texto fonte. Então, a tradução do texto acima foi pensada para que o “que” não aparecesse, mas ela poderia muito bem ter sido traduzida assim: “Era como uma série **que** se desenrolava continuamente”.

Na página 60, do Anexo 1,

Trecho de origem:

It was a place of very, very intense variety, and intense conversation.

Tradução:

Era um lugar de variedade **muito, muito intensa** e conversa **intensa**.

No trecho acima, as repetições foram mantidas na tradução para mostrar a informalidade, a ênfase no que se quer dizer e para seguir a organização da expressão do autor do texto, mantendo uma característica importante da poética do texto, assim como foi apontado por Meschonnic (2010).

Na página 61, do Anexo 1,

Trecho de origem:

I was working at the telephone company and talking with all of these women who worked there about their perceptions of black womanhood.

Tradução:

Eu estava trabalhando na companhia de telefone e conversando com todas **essas mulheres que** trabalhavam lá sobre suas percepções de feminilidade negra.

Neste trecho, também se respeita a organização e a falta de pontuação do texto. Além disso, mantém-se o tipo de subordinada restritiva.

Na página 59, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Stuart: Yes, sharing across those boundaries. One of the nice things about conversation, as opposed to conferences and fixed formalized occasions, is, of course, its fluidity. It can move from the trivial to the profound, in and out, across boundaries of sexualities and genders, boundaries of experience. It gives you a sense of the dialogic, of conversation as exchange.

Tradução:

Stuart: Sim, compartilhar através desses limites. Uma das coisas boas sobre conversa, ao contrário de conferências e ocasiões formalizadas fixas, é, claro, sua fluidez. Ela pode se mover do trivial ao profundo, dentro e fora, através de fronteiras de sexualidades e gênero, fronteiras de experiência. Dá a você um senso do dialógico, de conversa como troca.

Sobre o alongamento na tradução, explicitado por Berman (2013), aqui tentou-se manter o máximo do cumprimento das frases para evitar o alongamento. Na verdade, essa tradução de forma geral manteve na maioria dos seus parágrafos o tamanho do texto em comparação ao texto fonte.

Na página 61, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Tradução:

If you had proposed it as a formal topic of exchange it wouldn't have got off the ground.

Se você o tivesse proposto como um tópico formal de **troca**, não teria decolado.

Neste trecho, a vírgula após “troca” é uma exigência do português, então ela aparece na tradução. O que faz o ritmo da tradução mudar em relação ao texto de partida. Essa escolha foi feita, porque a vírgula pode dar uma parada necessária na leitura.

Na página 62, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Tradução:

“Actually I'm going to lunch with a gay, male friend.”

"Na verdade, vou ao almoço com um amigo **homem e gay**".

Durante vários momentos, quando os dialogadores estão falando, eles colocam em evidência o gênero da pessoa. Na tradução, tentou-se manter essa informação e o gênero foi marcado por adjetivos como “homem”, “masculino”, “mulher”, “feminino”.

Na página 64, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Tradução:

I don't think of writing like that. For instance, I don't like to talk about films immediately after I see them. I get annoyed with people who instantly want to tell me what it's like.

Não penso em escrever assim. Por exemplo, não gosto de falar de filmes imediatamente depois de vê-los. Irrito-me com pessoas que imediatamente querem me dizer como foi **o filme**.

Tentou-se durante toda a tradução evitar a explicação no texto, porém aqui, acrescentar “o filme” no fim do terceiro período foi julgado necessário, o que acaba explicitando o objeto da frase.

Na página 66, do Anexo 1,

Trecho de origem:

I understand how she felt; although, I don't know that I have felt it myself in that way. I don't know that I could do anything about the constancy of intergenerational conversation in my life because of two transitions in my life.

Tradução:

Entendo como ela se sentiu, embora **eu não sei que senti** isso eu mesmo dessa forma. **Não sei que poderia** fazer alguma coisa sobre a constância da conversa intergeracional na **minha vida** por causa de duas transições na **minha vida**.

Os trechos “eu não sei que senti isso...”, “Não sei que poderia fazer...” podem causar estranhamento à leitora brasileira, porque não há coerência entre os tempos verbais. Pode ser que a leitora leia mais vezes para tentar entender o que está escrito. Mas a não coerência foi mantida, porque a origem tem essa característica no trecho destacado. Segundo Berman (2013), o “escrever mal” é a riqueza da prosa e aqui pode demonstrar que o autor, porque é uma fala de Hall, estava apenas pensando e arrumando suas ideias, o que pode ser característica de um diálogo. Além disso, a repetição de palavras, de expressões, é algo muito comum durante todo o diálogo como também demonstra a parte destacada e também a repetição de “minha vida”. Sendo que, neste trabalho, foi considerado que expressões devem ser traduzidas por expressões, seguindo o mesmo raciocínio de Berman (2013), que diz que locuções devem ser traduzidas por locuções na tentativa de tentar preservar a experiência transmitida por elas.

Na página 68, do Anexo 1,

Trecho de origem:

My students were really obsessed with your discussion of cultural studies and feminism breaking through the window, and they were particularly disturbed by your use of the imagery of shit.

Tradução:

Os meus alunos estavam realmente obcecados com a sua discussão de estudos culturais e **feminismo avançando**, e eles ficaram particularmente perturbados com o seu uso de imagens de merda.

A tradução de “breaking through the window” por “avançando” perde a força da ideia passada pela origem, já que na origem o que eles querem dizer é que houve uma resistência para acontecer a discussão que quebrou barreiras para seguir avançando. Esse trecho faz relação com o que Berman (2013) afirma sobre a tradução de locuções. Ele afirma que ao não traduzir locução por locução, a experiência passada pela locução se perde na tradução.

Na página 70, do Anexo 1,

Trecho de origem:

I definitely think that any feminist woman partner that anybody has, man or woman, is usually on the case all the time.

Tradução:

Eu definitivamente acho que qualquer parceira mulher feminista que alguém tem, homem ou mulher, geralmente **faz o necessário** o tempo todo.

Neste trecho, procurei traduzir a expressão idiomática “on the case” por outra expressão que é “faz o necessário”. Mas, primeiramente, a minha tradução foi por “... geralmente pesquisando o tempo todo.”, que pode passar ideia sinônima, pois se tivesse traduzido por “pesquisando”, a frase seria traduzida por um “hipônimo”, o que limitaria e especificaria o sentido do que se quer dizer.

Na página 73, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Historically, there weren't a lot of black women involved at that time, very few.

Tradução:

Historicamente, não havia muitas mulheres negras envolvidas naquela época, **muito poucas**.

Nesse trecho, o efeito de diálogo menos informal e sem preocupações com regras gramaticais está marcado depois da segunda vírgula do período em que parece que falta algo para completar a frase. Porém, entende-se muito bem que eram as mulheres negras que estavam em pouca quantidade.

Na página 79, do Anexo 1,

Trecho de origem:

Tradução:

It is interesting for me to think about this in terms also of what we were saying at the conference about Frantz Fanon not returning home.

É interessante para mim pensar nisso também em termos do que estávamos dizendo na conferência sobre Frantz Fanon não voltar para casa.

Nesse trecho, uma leitora brasileira irá com certeza sentir falta de uma vírgula na primeira leitura, fará a segunda e verá que deve ler um pouco mais devagar para entender que eles estão falando sobre Fanon não voltar para casa. O adjunto adverbial de lugar, “na conferência”, seria mais comum de ser lido no português no final da frase, pois nesta posição em que aparece na tradução a vírgula é necessária. Mas aqui, novamente, o respeito ao ritmo do texto da origem, no qual pontuações podem interferir no ritmo, foi o escolhido para se reproduzir no texto traduzido.

Na página 86, do Anexo 1,

Trecho de origem:

It is making me wonder then how, if underlying the inability of black masculinity to make a break with patriarchy is the overwhelming fear of homosexuality how then can we intervene in any way?

Tradução:

Isso me faz pensar, então, **como**, se subjacente à incapacidade da masculinidade negra para fazer uma ruptura com o patriarcado é o medo esmagador da homossexualidade, **como** então podemos intervir de alguma forma?

No inglês, a exigência de vírgula em acessórios deslocados é menor. Mas na tradução, aqui, foi mantido a repetição do “como”, mas para isso acrescentou-se vírgulas a fim de evitar problemas na leitura.

Na página 91, do Anexo 1,

Trecho de origem:

I dare suppose that in my own case I would have said that the important thing was not the fact of interracial marriage, because left to myself I could well have tried to recapitulate that norm inside my own family.

Tradução:

Ouso supor que, no meu próprio caso, eu teria dito que o importante não era o fato do casamento interracial, porque **deixado para mim**, eu poderia muito bem ter tentado recapitular essa norma dentro da minha própria família.

No início da frase, a tradução de “Ouso supor...” foi a segunda opção a ser pensada, porque a primeira foi “Atrevo-me a supor que...”, porém ao pensar na tendência informada por Berman (2013), a de empobrecimento qualitativo, acredito que “Ouso” possui mais correspondência sonora que “Atrevo-me”. Além disso, no lugar de “porque deixado para mim” poderia ter sido traduzido por “sozinho”, mas o que foi feito foi tentar reproduzir o tamanho do trecho e o tempo verbal.

Na página 98, do Anexo 1,

Trecho de origem:

They quote her for the experience that she records but not for the ideas that are implicit in the experiences that she is recording which is often how knowledge gets distorted when it appears in another aesthetic form.

Tradução:

Eles a citam pela experiência que ela armazena, mas não pelas ideias que estão implícitas nas experiências que ela está **armazenando**, que é muitas vezes como o conhecimento fica distorcido quando aparece em outra forma estética.

No trecho acima, o tipo de subordinada foi modificado, porque o texto fonte dá a entender que após “which” o que vem é uma explicação e não uma restrição.

Na página 68, do Anexo 1,

Trecho de origem:

So were the people in England. I didn't think of it like that. I thought of it as an old phrase: “Don't crap on the coffee table.” Meaning, don't go to a polite place and make an impolite observation.

Tradução:

Assim como o povo da Inglaterra. Não pensei nisso dessa forma. Pensei nisso como uma velha frase: “**Não cague na mesa do café**”. Ou seja, não vá a um lugar educado e faça uma observação não-educada.

A tradução também respeitou, como está evidenciado no trecho acima, a presença de palavras significando uma fala muito informal. Além disso, no trecho acima, criou-se um neologismo com a palavra “não-educada” para preservar a assonância e aliteração com “educado”.

Todos os trechos analisados aqui são o que se pode visualizar da tradução, mas essa analítica é muito complexa exatamente, porque o que se faz aqui é estudar dois sistemas literários diferentes e, muitas vezes, a reprodução do estranho pode se confundir com algo que pode não ser entendido

pela leitora. Assim sendo, algumas justificativas foram passadas para a tradução de cada trecho, mas o que parece é que há a manutenção de justificativas ainda amarradas na questão do sentido, como por exemplo, quando se justifica escolhas dizendo que se tentou evitar problemas na leitura e também ao justificar dizendo que a escolha feita “não é um problema de compreensão para a leitora”. Outro ponto importante é que foi mais comum julgar não ser problemática a não colocação de pontuação na tradução, caso a origem não tenha pontuação, quando a frase na origem era curta. Além disso, algumas justificativas foram para afirmar que não houve como considerar a letra do texto.

5 Considerações Finais

Entender a cultura de um povo ou de um grupo de pessoas é uma forma de traçar caminhos a fim de que se resolva problemas sociais. A tradução tem esse papel de fazer com que uma cultura tenha um certo contato com outra. Assim, a sociedade leitora pode compreender a outra cultura e se compreender também. Lembrando que essa outra cultura deve ser sempre não essencializada, a fim de que não se repitam violências simbólicas contra grupos de pessoas. Dessa forma, o que é trazido aqui, neste espaço, é que há uma crítica feita ao ocidente, ou ao ocidentalizado, que é a de tomar a cultura do outro como se esta fosse a sua, assimilando-a. A crítica realizada trouxe dois autores franceses, que foram Henri Meschonnic, que nos apresenta a sua “Poética do traduzir”, e Antoine Berman, que nos trouxe a crítica da “Tradução e a letra ou o albergue do longínquo”.

A análise da tradução realizada de “Uncut Funk” tentou trazer aspectos de Berman (2013) e de Meschonnic (2010) em prol de seguir ideias para se traduzir eticamente. Porém, muitas vezes a tradução de trechos que coloca o sentido como mais importante foi a escolhida. A utilização do Smartcat acaba adiantando o trabalho de tradução, porém a atenção deve ser maior ao analisar cada trecho, porque há muitas partes de trechos errôneas na tradução automática. Utilizar o programa Anticonc é uma segurança para a tradutora, porque se há registros no corpus, puxado pelo Anticonc, a justificativa de uma tradução tem base empírica. Dessa forma, foi após a utilização do Anticonc que surgiu a necessidade de criar um glossário temático de raça, que poderia ser bilíngue, e que com certeza traria vários termos específicos da área.

A escolha do texto a ser traduzido está incluído na ideia de letramento racial, que é instrumento necessário para o fim do racismo, principalmente em um país que viveu a maior parte de sua história justificando a escravidão de pessoas. Esse letramento trata o simbólico de um grupo de pessoas e acaba trazendo o reconhecimento de uma parcela da população que foi vilipendiada segundo termos raciais. É nesse sentido que a pedagogia crítica de sociedade segundo à raça pode ser um aprendizado tanto para a leitora quanto para a tradutora. Já que as tradutoras necessitam fazer todo um trabalho investigativo antes de traduzir um texto. É também nesse sentido que a estranheza e o novo serão pedagógicos para a sociedade que traduz. O que deve ser levado em consideração aqui, como foi acrescentado em nota, é que a crítica ao ocidente foi feita, mas partindo do ocidente. Logo, pode ser que quem se critique nem consiga ver tudo o que deveria ser modificado para o respeito ao outro, apesar de que a crítica deve ser feita mesmo que seja apenas um começo.

6 Referências

- ARAÚJO, Edna Maria. **Covid-19 - Morbimortalidade pela COVID-19 segundo raça/cor/etnia: a experiência do Brasil e dos Estados Unidos**. Scielo Preprints, Saúde em debate, 2020. Disponível em: file:///tmp/mozilla_gardenia0/1318-Preprint%20Text-2181-2-10-20201007.pdf Último acesso em: 28 abril. 2021.
- BERMAN, Antoine. **Tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2 ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/178888> Último acesso em: 24/02/2021.
- hooks, bell; Stuart, Hall. **Uncut Funk: a contemplative dialogue**. New York: Routledge, 2018.
- BERMAN, Antoine. **Toward a Translation Criticism: John Donne**. Translated by Françoise Massardier-Kenney. United States, Ohio: Kent State University Press, 2009.
- BERMAN, Antoine. Maté et communication. **Editions Esprit**, v. 12, n. 452. p. 809-815, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24264484?seq=1> Último acesso em: 27 abril. 2021.
- COLONNA, Noemia. Como vivem os negros no clube do 1% mais rico do país. Brasília: **BBC Brasil**, 1 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36917274> Último acesso em: 19 maio. 2021.
- CAMPOS, Paula. Descobrimo uma Tradutora ou por uma tradução responsável e ética. *In*: CARRASCOSA, Denise (org.). **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias**. Salvador, Bahia: Editora Ogums, 2017. p. 119-155.
- DALAROSA, Patrícia Cardinale. Pedagogia Da Tradução: Vida, Pensamento e Sensação. **IX ANPED SUL** (Seminário em Pesquisa em Educação da Região Sul), 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1235/761> Acesso em: 19 abril. 2021.
- ESQUIVEL, Talita Gabriela Robles. **Texturas do estranho: o estranho na pintura a partir do processo criativo**. 162 f. 2017. Tese (Doutorado em Artes). Instituto de Artes, UNESP, 2017. Disponível em: file:///home/gardenia/Downloads/esquivel_tgr_dr_ia.pdf Último acesso em 19 maio. 2021.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 223-233.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell; Hall, Stuart. **Uncut Funk**: a contemplative dialogue. New York: Routledge, 2018.

JESUS, Camila Moreira de. Branquitude X branquidade: uma análise conceitual do ser branco. **III EBE Cult** (III Encontro baiano de estudos em cultura) 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-analise-conceitual-do-ser-branco-.pdf> Último acesso em: 27 abril. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução: Marta Lança. Antígona Editores Refractários, 2014.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PHILLIPS, Anne. Da desigualdade à diferença: um caso grave de deslocamento? **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 2, 2009. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/1316969530?pq-origsite=gscholar> Acesso em: 24 abril. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: Ensaio sobre memória, literatura, arte e tradução. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 167-204. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/opiniaio/decolonial-des-outrizacao-imaginando-uma-politica-pos-nacional-e-instituidora-de-novas-subjetividades-parte-1/> Acesso em: 24 abril. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Decolonial, des-outrização**: imaginando uma política pós-nacional e instituidora de novas subjetividades (1ª parte). Arte! Brasileiros, 2020.

SOMMER, Doris. Resistant Texts and Incompetent Readers. In: SOMMER, Doris. Loci of Enunciation and Imaginary Constructions: The Case of (Latin) America. **Poetics Today**, Duke University Press, v. 15, n. 4, p. 523-551, 1994.

TYMOCZKO, Maria. The Metonymics of Translating Marginalized Texts. **On Translation**, Duke University Press, v. 2, n. 1, p. 11-24, 1995.

7 Anexo

7.1 Nota da tradução

A escolha do texto para essa tradução foi feita, porque, como leitora, admiro muitíssimo bell hooks. hooks é uma autora que fala sobre o que se passa em minha vida e que dá elementos para entender o que acontece à minha volta. Tenho uma identificação com Stuart Hall, mas minha leitura dele é mais presa. Já a de hooks parece mais dialogada. Algo que ela afirma em “Uncut Funk” e que seus leitores confirmam para. É como se ela tivesse conversando com você, o que faz você sentir uma leitura mais fluida.

Como mulher negra com sede de aprender, escolho textos que me ensinem a desfazer o racismo e que me tragam ideias novas, aquelas do tipo que você nem entende mais quem você é ou que a faz repensar muita coisa. Peguei o gosto por estudar, porque da classe que venho, a mobilidade social se dá por meio do aprendizado. Já adulta, consegui ter contato com algumas línguas como o francês, o espanhol, o grego, o italiano e o inglês, língua da qual traduzo “Uncut Funk”. Minha primeira formação é em Ciência Política, mas ainda não publiquei nada. Tenho dois artigos e um capítulo de livro com promessa de publicação e os três são sobre tradução e raça. Traduzir é aprender temas de meu interesse, é me modificar com a leitura do texto. Como o meu maior interesse atual na área acadêmica é estudar raça no Brasil, então minhas traduções, até agora, foram em prol da luta anti-racista, da descolonização da mente.

O racismo estrutura todo tipo de relação social no Brasil, então, ele não poderia não atingir a área de tradução. Já que a tradução é realizada por humanos com todo um background, o racismo não deixa de estar na mente das tradutoras. Assim como o gênero, que é uma construção, que pode ser fluido e pode não ter importância para muita gente, no sentido de que para essas pessoas não importa a designação “ele” ou “ela”, o que também está relacionado com a raça, as ideias raciais também estão impregnadas na tradução. É por isso que evidenciar o outro como outro é tão importante na tradução, sendo que, a história ocidental, como mostram Berman em “A tradução e a letra ou o albergue do longínquo” e Henri Meschonnic em “Poética do traduzir”, sempre apagou as características desse outro em traduções. Logo, tradutoras devem ser responsáveis ao traduzir, porque há muita assimilação de culturas em textos traduzidos, pois tradutoras traduzem o texto segundo uma interpretação que é cultural.

Com base nisso, a tradução que as senhoras estão prestes a ler tentou trazer para si a novidade e o estranhamento do texto. Para isso, reproduziu-se repetições de palavras e de expressões, não coerências entre tempos verbais no texto, os tipos de subordinadas, as aliterações e

assonâncias, o cumprimento das frases, as locuções, a não escrita de pontuações, quando foi o caso, escritas que não estão de acordo com a norma padrão do inglês e, por fim, tentou-se evitar explicações que não existem no texto fonte. Enfim, espero que as leitoras possam aproveitar muito o “Funk sem cortes”, porque há muito o que aprender com esse texto, sendo que sua tradução não é apenas pedagógica a quem traduz, mas também a quem está na luta anti-racista.

7.2 Tradução

Uncut Funk

“I want my funk uncut”
—George Clinton

In an awesome meeting of minds, cultural theorists Stuart Hall and bell hooks met for a series of wide-ranging conversations on what Hall sums up as “life, love, death, sex.” From the trivial to the profound, across boundaries of age, sexualities and genders, hooks and Hall dissect topics and themes of continual contemporary relevance, including feminism, home and homecoming, class, black masculinity, family, politics, relationships and teaching. In their fluid and honest dialogue they push and pull each other as well as the reader, and the result is a book that speaks to the power of conversation as a place of critical pedagogy.

A cultural critic, an intellectual, and a feminist writer, bell hooks is best known for classic books including *Feminist Theory*, *Bone Black*, *All About Love*, *Rock My Soul*, *Belonging*, *We Real Cool*, *Where We Stand*, *Teaching to Transgress*, *Teaching Community*, *Outlaw Culture* and *Reel to Real*. hooks is Distinguished Professor in Residence in Appalachian Studies at Berea College, and resides in her home state of Kentucky.

Stuart Hall (1932–2014) was born in Kingston, Jamaica and came to England in 1951. He was a pioneering cultural theorist, political activist, and founding editor of the *New Left Review*. He was one of the most influential and adventurous critical thinkers of the last half century, widely recognised as a key figure in the development of cultural studies.

Funk sem cortes

“Quero o meu funk sem cortes”
—George Clinton

Em um impressionante encontro de mentes, os teóricos culturais Stuart Hall e bell hooks se reuniram para uma série de conversas abrangentes sobre o que Hall resume como “vida, amor, morte, sexo”. Do trivial ao profundo, além das fronteiras da idade, sexualidades e gêneros, hooks e Hall dissecam temas e tópicos de relevância contemporânea contínua, incluindo feminismo, casa e volta para casa, classe, masculinidade negra, família, política, relacionamentos e ensino. Em diálogo fluido e honesto, eles empurram e puxam um ao outro, bem como o leitor, e o resultado é um livro que fala sobre o poder da conversa como um lugar de pedagogia crítica.

Uma crítica cultural, uma intelectual e uma escritora feminista, bell hooks é mais conhecida por livros clássicos incluindo *“Feminist Theory”*, *“Bone Black”*, *“All About Love”*, *“Rock My Soul”*, *“Belonging”*, *“We Real Cool”*, *“Where We Stand”*, *“Teaching to Transgress”*, *“Teaching Community”*, *“Outlaw Culture”* and *“Reel to Real”*. hooks é uma distinta professora localizada nos Estudos Apalaches no Berea College e reside em seu estado natal, o Kentucky.

Stuart Hall (1932–2014) nasceu em Kingston, Jamaica, e foi para a Inglaterra em 1951. Ele foi um teórico cultural pioneiro, ativista político e editor fundador da *New Left Review*. Foi um dos pensadores críticos mais influentes e aventureiros do último meio século, amplamente reconhecido como uma figura essencial no desenvolvimento dos estudos culturais.

Uncut Funk

A CONTEMPLATIVE DIALOGUE

bell hooks and Stuart Hall

Foreword by Paul Gilroy

Foreword

Reading this conversation makes it impossible to overlook how the language of black political culture has lately been impoverished. The insurgent poetry of social transformation has been flattened and the agenda of liberation curtailed. Today, they are being squeezed so that they can fit the minimal space provided by soundbites and hashtags, tweets and memes, likes and follows. An essentially docile, computer-mediated solidarity may be becoming the norm. Digital networks arise from the transmission of spectacular horrors and the mainstreamed choreography of black resistance, but they often create nothing more than the mirage of a movement. On screen, racism, capitalism and militarism appear intractable. Off screen, large-scale mobilizations occur swiftly and then quickly evaporate. The racial order stagnates or seems to be worsening. Giving voice to alternative and oppositional ways of living and thinking becomes progressively more difficult. Fatigue and anxiety set in. The radical tradition gets routinely invoked, but it is depthless.

History becomes a mere backstory, sparsely populated by sparkling, celebrity icons. This accelerating world has made it hard to even imagine that bell hooks and Stuart Hall were ever in real-time conversation, talking and listening to each other in the same room.

Funk sem cortes

UM DIÁLOGO CONTEMPLATIVO

bell hooks e Stuart Hall

Prefácio, por Paul Gilroy

Apresentação

Ler esta conversa torna impossível ignorar como a linguagem da cultura política negra tem sido ultimamente empobrecida. A poesia insurgente da transformação social tem sido atenuada e a agenda da libertação reduzida. Hoje, elas estão sendo espremidas para que elas possam preencher o espaço mínimo fornecido por áudios e hashtags, tweets e memes, likes e follows. Uma solidariedade essencialmente dócil, mediada por computador, pode estar se tornando a norma. As redes digitais surgem da transmissão de horrores espetaculares e da coreografia popular de resistência negra, mas muitas vezes não criam mais do que a miragem de um movimento. Na tela, o racismo, o capitalismo e o militarismo parecem intratáveis. Fora da tela, mobilizações em grande escala ocorrem rapidamente e, em seguida, rapidamente evaporam. A ordem racial estagna ou parece estar piorando. Dar voz a formas alternativas e de oposição de viver e pensar se torna progressivamente mais difícil. A fadiga e a ansiedade se instalaram. A tradição radical é invocada rotineiramente, mas ela é superficial.

A história se torna uma mera história de fundo, escassamente povoada por ícones de celebridades brilhantes. Esse mundo acelerado tornou difícil imaginar que bell hooks e Stuart Hall alguma vez estivessem em tempo real conversando, falando e ouvindo um ao outro na mesma sala.

Of course, their dialogue was the product of a particular conjuncture. The words and concepts they employ were addressed to the historical processes that formed them, but the ideas are still reverberating.

x

As they travel towards us down the decades, they have acquired additional resonance. By referring us to its remote sources, their exchange can help to recover and sharpen the historical sensibility of today's readers. These discussions of intellectual life, masculinity and femininity, patriarchy and psychoanalysis take us to the boundary of our own sense of political and generational time. The voices of hooks and Hall sound contemporary. Their carefully spoken responses and vivid hopes are not only a valuable contribution to the dusty archive of an ebbing movement, but might still be important for its future course.

The enduring worth of this exercise is connected to its dialogic form. Conversation not only captures the unusual openness and generosity of both participants but also enacts a rare and precious possibility, namely that together black women and men can create and inhabit an ideal space of free and equal communication. We are well acquainted with that possibility from other vernacular settings where collective or collaborative work and play not only create pleasure, but also embolden those who act in concert and respond to suffering with solidarity. Here, we discover that dissident intellectuals can also be joyful, loving and critical even when they are reflecting on the most difficult, intimate questions of family life, home and kinship. Set aside today's anxiousness and paranoia about whether the correct concepts and phrases are being used, and we may be able to learn from the context of trust that was transacted.

Claro que o diálogo deles foi o produto de uma conjuntura particular. As palavras e os conceitos que empregam foram direcionados aos processos históricos que os formaram, mas as ideias ainda estão reverberando.

x

À medida que se aproximam de nós ao longo de décadas, eles adquiriram ressonância adicional. Ao nos referir às suas fontes remotas, a permuta deles pode ajudar a recuperar e aguçar a sensibilidade histórica dos leitores de hoje. Essas discussões sobre a vida intelectual, a masculinidade e a feminilidade, o patriarcado e a psicanálise nos leva ao limite do nosso próprio sentido de tempo político e geracional. As vozes de hooks e Hall soam contemporâneas. Suas respostas cuidadosamente faladas e esperanças vívidas não são apenas uma valiosa contribuição para o arquivo empoeirado de um movimento em declínio, mas pode ainda ser importante para o seu curso futuro.

O valor duradouro deste exercício está ligado à sua forma dialógica. A conversa não só captura a abertura e generosidade incomuns de ambos os participantes, mas também representa uma rara e preciosa possibilidade, a saber, que juntos mulheres e homens negros podem criar e habitar um espaço ideal de comunicação livre e igual. Estamos bem familiarizados com essa possibilidade de outras configurações vernaculares onde a jogada e o trabalho coletivos ou colaborativos não somente criam prazer, mas também encorajam aqueles que agem em conjunto e respondem ao sofrimento com solidariedade. Aqui, descobrimos que os intelectuais dissidentes também podem ser alegres, amorosos e críticos, mesmo quando estão refletindo sobre as questões mais difíceis e íntimas da vida familiar, casa e parentesco. Posto de lado a ansiedade e paranóia de hoje

In other words, this discussion provides a practical pedagogic example to a radical culture that is now less able to manage the internal disagreements that inevitably arise along generational, gendered and tactical lines.

The evident discipline and formality of the conversational format command the close attention of readers who are invited to appreciate the tone and timbre of these interlocked voices in the same spirit with which the participants listened carefully to each other. Counterpoint their existential duet with the classic, soulful declamations of Donny

xi

and Roberta, Aretha and Benson or Bobby Womack and Patti Labelle and you will begin to see the effort concealed behind a sheen of apparent ease. The mutual attentiveness required by the improvised movement of paired voices is educative. It encourages us to practice a deep listening and perhaps to indulge in a slower, more contemplative kind of reading than the illuminated screen will permit.

Contemporary readers may have to do a little bit of translation. The US-centric liturgy of generic, internet-friendly identity-talk is entirely absent. It was not a factor when these dialogues took place. There are no casual invocations here of either privilege or victimage. The common-sense that projects intersectionality into political ontology is challenged implicitly. It is answered with an alternative rendering of intersectional analysis as a vital, dynamic method capable of illuminating the struggle critically to interpret a forbiddingly complex world so that it might be altered for the better.

sobre se os conceitos e frases corretas estão sendo usadas, e se possamos ser capazes de aprender com o contexto de confiança que foi negociado.

Em outras palavras, essa discussão fornece um exemplo pedagógico prático para uma cultura radical que agora é menos capaz de gerir as divergências internas que inevitavelmente surgem ao longo de linhas geracionais, de gênero e táticas.

A evidente disciplina e formalidade do formato de conversação requer a atenção especial dos leitores que são convidados a apreciar o tom e o timbre dessas vozes interligadas no mesmo espírito com o qual os participantes atentamente escutavam um ao outro. Contraponha o dueto existencial com as declamações clássicas e emotivas de Donny

xi

e Roberta, Aretha e Benson ou Bobby Womack e Patti Labelle e você vai começar a ver o esforço escondido atrás de um brilho de aparente facilidade. A atenção mútua exigida pelo movimento improvisado de vozes emparelhadas é educativa. Encoraja-nos a praticar uma escuta profunda e talvez a entrar num tipo de leitura mais lento e mais contemplativo do que a tela iluminada permitirá.

Leitores contemporâneos podem ter que fazer um pouco de tradução. A liturgia centrada norte-americana de conversa genérica de identidade amigável na internet está completamente ausente. Não foi um fato quando esses diálogos ocorreram. Não há aqui invocações casuais de privilégio ou de vítima. O senso comum que projeta a interseccionalidade na ontologia política é desafiado implicitamente. Ele é respondido com uma representação alternativa da análise intersetorial como um método vital e dinâmico capaz de iluminar a luta criticamente para interpretar um mundo

That optimistic approach means grasping how, in Hall's terms, different contradictions and conflicts become articulated together in specific, historical and economic circumstances.

As globalization intensified, African American culture was acquiring new kinds of value far from the conditions and the people that produced it. Its custodians and brokers, mostly drawn from the generation that had desegregated elite U.S. educational institutions, were finding a new voice and encountering an unprecedented degree of media attention. A few, supposedly exceptional black intellectuals were coming under a spotlight that ancestors like Du Bois and Anna Julia Cooper did not have to contend with. Their impossible predicament was increasingly being acknowledged, often as an exotic, if morbidly prestigious, item on the trophy shelves of corporate multiculturalism.

Our two conversationalists meet in the rubble of past defeats.

The residue of earlier countercultures provides a backdrop for their exchanges. Some of the theoretical debates that were alive at that point have now faded or lost their purchase on the world, but Frantz Fanon's

xii

writing supplies an enduring presence — a conceptual compass effective in their time and in ours. His interventions provide a cornerstone for this dialogue, which is oriented politically by events like the Nation of Islam's Million Man March.

extremamente complexo para que possa ser alterado para melhor.

Essa abordagem otimista significa perceber como, nos termos de Hall, diferentes contradições e conflitos se tornam articulados em circunstâncias específicas, históricas e econômicas.

À medida que a globalização se intensificava, a cultura afro-americana foi adquirindo novos tipos de valor longe das condições e das pessoas que a produziram. Seus depositários e intermediadores, em sua maioria vindos da geração que tinha desagregado instituições educacionais de elite dos EUA, estavam achando uma nova voz e encontrando um grau sem precedentes de atenção da mídia. Alguns intelectuais negros, supostamente excepcionais, estavam sob um holofote com o qual ancestrais como Du Bois e Anna Julia Cooper não tiveram que lidar. Sua situação impossível estava sendo cada vez mais reconhecida, muitas vezes como um item exótico, embora morbidamente prestigiado, nas prateleiras de troféus do multiculturalismo corporativo.

Os nossos dois dialogadores se encontram nos escombros de derrotas passadas.

O resíduo de contracultura anterior fornece um pano de fundo para suas trocas. Alguns dos debates teóricos que estavam vivos naquela altura desapareceram ou perderam o seu valor no mundo, mas a escrita de Frantz Fanon

xii

fornece uma presença duradoura — uma bússola conceitual eficaz no tempo deles e no nosso. As intervenções dele constituem a pedra angular deste diálogo, que é orientada politicamente por acontecimentos como a Marcha de um Milhão de Homens (Million Man March) da Nação do Islã.

Most importantly, when this conversation took place, the personal could still be political without becoming hostage to disabling narcissism.

Readers are encouraged to be acquainted with the rebalancing of black Atlantic protest and affirmation during the 1990s. After Black Power, it would be distinguished by the public pursuit of a new, firmly feminist settlement between women and men. Sternly conscious of class relations, sexualities and gender, these speakers were bonded by their shared commitment to explore what that emergent arrangement would involve. These are intellectuals connected by their opposition to inertia-inducing anti-intellectualism, but their conversation is built, above all, upon common determination to find ways of acting politically that are in tune not only with feminist standpoints, but also with a dogged feminist insistence upon the transformation of everyday life.

That task could not be undertaken without a complex understanding of black subjects as ontologically deep, complex in their desires and desperately in need of the comforts provided, on one side, by the process of writing, and on the other, by varieties of psychotherapeutic support: spiritual as well as secular. In a further acknowledgment of the unruly psychic forces in play, these discussions endeavor to make something useful out of the complex class transitions and transformative, migratory journeys made by both speakers. Those autobiographies of displacement are used to bridge generational and experiential divisions.

Hall and hooks are entirely unafraid to scrutinize areas of private life that can still be difficult to acknowledge, in particular, the significance of health and sickness, chronic infirmity and death. Their concluding address

Mais importante ainda, quando esta conversa aconteceu, as pessoas ainda poderiam ser políticas sem se tornar refém do narcisismo incapacitante.

Os leitores são encorajados a conhecer o reequilíbrio do protesto e da afirmação do atlântico negro durante a década de 1990. Após o *Black Power*, isso seria distinguido pela busca pública de um novo e firme acordo feminista entre mulheres e homens. Profundamente conscientes das relações de classe, sexualidades e gênero, esses emissores estavam ligados por seu compromisso compartilhado de explorar o que esse arranjo emergente envolveria. Trata-se de intelectuais ligados pela sua oposição ao anti-intellectualismo indutor de inércia, mas a conversa deles é construída, acima de tudo, na determinação comum de encontrar formas de agir politicamente que estejam em sintonia não só com as posições feministas, mas também com uma insistência feminista obstinada na transformação da vida cotidiana.

Essa tarefa não poderia ser realizada sem uma compreensão complexa de sujeitos negros como ontologicamente profundos, complexos em seus desejos e desesperadamente em necessidade de confortos fornecidos, desde que, por um lado, pelo processo de escrita, e, por outro, por variedades de psicoterapia de apoio: espiritual, bem como seculares. Em um reconhecimento adicional das forças psíquicas incontroláveis em jogo, essas discussões se esforçam para fazer algo útil a partir das complexas transições de classe e das jornadas migratórias transformadoras feitas por ambos os emissores. Essas autobiografias de deslocamento são usadas para fazer a ponte para divisões geracionais e experienciais.

Hall e hooks estão inteiramente sem medo de examinar as áreas da vida privada que ainda pode ser difícil reconhecer, em particular, o significado de saúde e doença, enfermidade crônica e morte. A fala de conclusão deles

to mortality provides a final, fundamental theme.

It is a key to the leveling, radical morality of this project. Throughout, they refuse to

xiii

be pushed out of this fleeting, mortal world into the brightly lit realm of the special and the exalted. Self-consciously, their dialogue helps to dismantle the podium on which they have been placed by contingency rather than their undoubted, individual talents. That unusual modesty enhances the power of this conversation. Today, it is welcome encouragement to salvage some worthwhile political habits that have been lost during the intervening decades.

Paul Gilroy

Preface

Meeting black British intellectuals, artists and/or critical thinkers was a defining moment in my life. Hanging out, talking, sharing stories, engaging in sweet dialectical exchange ushered me into a community of committed, engaged thinkers that had heretofore been absent from my life. Stuart Hall was a central figure for all of us. Unlike many brilliant academicians, he was gracious, open and willing to be patient with intellectual newcomers. Deeply committed to the realization of a union between theory and practice, he lived his politics. Awed by the scope of his intellectual insights, I was humbled by his willingness to talk with me. We met often in London. It was a hot summer in 1996. We met for traditional afternoon English tea at a grand hotel and we talked.

sobre a mortalidade constitui um tema final e fundamental.

É uma chave para a moralidade niveladora e radical deste projeto. Por todo o lado, eles se recusam a

xiii

ser empurrados para fora deste mundo fugaz e mortal para o reino iluminado do especial e do exaltado. Auto-conscientemente, o diálogo deles ajuda a desmantelar o pódio sobre o qual eles foram colocados por contingência e não por seus indubitáveis talentos individuais. Essa modéstia incomum aumenta o poder desta conversa. Hoje, é bem-vindo o encorajamento para salvar alguns hábitos políticos válidos que se perderam durante as décadas que se seguiram.

Paul Gilroy

Prefácio

Conhecer intelectuais britânicos negros, artistas e/ou pensadores críticos foi um momento definidor na minha vida. Sair, conversar, compartilhar histórias, engajar-se em doce troca dialética me levou a uma comunidade de pensadores comprometidos, pensadores engajados que até agora têm estado ausentes de minha vida. Stuart Hall era uma figura central para todos nós. Ao contrário de muitos acadêmicos brilhantes, ele era gracioso, aberto e disposto a ser paciente com intelectuais recém-chegados. Profundamente empenhado na realização de uma união entre teoria e prática, viveu a sua política. Impressionada com o alcance das suas ideias intelectuais, senti-me humilde pela sua vontade de falar comigo. Nos encontramos muitas vezes em Londres. Foi em um verão quente em 1996. Nos encontramos para um chá inglês tradicional à tarde em um grande hotel e nos falamos.

I have always been fascinated by the meeting of minds that takes place between two individuals who among the diversity of conversations might never truly speak to one another. Stuart Hall and I had many conversations. Despite our abundance of words, there is a tenderness, a sweetness to our conversation, a moment of private and public revelation that adds new dimensions to our talking to one another and our work. Given that he died much too soon, I shall be ever grateful that we had this time together.

bell hooks

xv

**Dialogue between
bell hooks e Stuart Hall**

bell: For me, conversation is a place of learning. I love a good conversation. It's something I live for, one of the real pleasures of life, and yet, I find as I grow older it is more difficult to have a good conversation.

Stuart: Conversation matters to me a lot, too, although, I don't always say I live for conversation. I live for narrative. Of course, conversation is a lot about narrative, but there are many other kinds of conversations.

I find that the conversations that I quite like are those where people are telling me stories about themselves, where there is an element of the confessional.

I like to have narrative rehearsed. I like everyday conversation. For instance, my son

Sempre fui fascinada pelo encontro de mentes que ocorre entre dois indivíduos que, entre a diversidade de conversas, podem nunca realmente falar um com o outro. O Stuart Hall e eu tivemos muitas conversas. Apesar da abundância de palavras, há uma ternura, uma doçura na nossa conversa, um momento de revelação privada e pública que acrescenta novas dimensões à nossa conversa e ao nosso trabalho. Dado que ele morreu demasiado cedo, ficarei grata por termos passado esse tempo juntos.

bell hooks

xv

**Diálogo entre
bell hooks e Stuart Hall**

bell: Para mim, a conversa é um lugar de aprendizado. Adoro uma boa conversa. É algo pelo qual vivo, um dos verdadeiros prazeres da vida e, ainda assim, acho que à medida que envelheço é mais difícil ter uma boa conversa.

Stuart: conversar também me interessa muito, embora eu nem sempre diga que vivo por uma conversa. Vivo por uma narrativa. Claro, conversar é muito sobre narrativa, mas há muitos outros tipos de conversas.

Acho que as conversas que eu gosto são aquelas em que as pessoas estão me contando histórias sobre si mesmas, onde há um elemento do confessional.

Gosto de ter uma narrativa ensaiada. Gosto de conversa do dia a dia. Por exemplo, o meu

comes in, and he is terribly tired. He has just been making a film about Brixton. He was there with Mandela. I haven't seen him in a week, and I say, "How's it going?" He says, "Ahh, I'm definitely tired. I don't know if I can bring myself to talk about this." How do you read this when you're hungry for narrative? When I go home in the evening, I want Catherine to tell me about her day, who phoned, and what were the small things that have made up her day. I am not only interested in the big things of life. Perhaps this is different than conversation.

bell: I believe that is conversation. Conversation has a polyphonic variety. You can move in it from the mundane to the profound. It ranges from lessons to be learned about the mundane to something that is deeper and more exciting. I have been thinking about growing up in a world of folks who never learned how to read or write, or folks who didn't read much, an intense world of non-readers and non-writers.

What I remember most about that world is this passion of conversation. Just as you are pointing out, there were always extensive narratives about the weather. My grandparents would rise at the crack of dawn, they would turn on the radio, then carry on these conversations which involved talking back to the radio, talking to each other, and talking about the upcoming day.

3

Stuart: Now as you say that, I am reminded of a childhood memory which I hadn't thought about before. I lived with my family in Kingston. For a lot of reasons, we were the advanced, modern folks who had gone to the big city. My father worked in an electric company, and my mother was intent on status and going up in the world.

filho entra e está terrivelmente cansado. Ele acaba de fazer um filme sobre Brixton. Ele estava lá com o Mandela. Não o vejo há uma semana e digo: "Como vão as coisas?" Ele diz: "Ah, estou definitivamente cansado. Não sei se consigo falar sobre isso". Como você lê isso quando você está faminto por narrativa? Quando eu vou para casa à noite, quero que Catherine me conte sobre seu dia, quem telefonou, e quais foram as pequenas coisas que fizeram o seu dia. Não estou apenas interessado nas grandes coisas da vida. Talvez isso seja diferente de conversar.

bell: Acho que isso é conversar. Conversar tem uma variedade polifônica. Você pode se mover do mundano para o profundo. Vai desde lições a serem aprendidas sobre o mundano a algo que é mais profundo e mais emocionante. Tenho pensado sobre crescer em um mundo de pessoas que nunca aprenderam a ler ou a escrever, ou pessoas que não leram muito, um mundo intenso de não-leitores e não-escritores.

O que mais me lembro desse mundo é esta paixão pela conversa. Assim como você acaba de apontar, sempre houve narrativas extensas sobre o tempo. Os meus avós se levantariam ao amanhecer, ligariam o rádio, e depois continuariam as conversas que envolviam responder ao rádio, conversar um com o outro e falar sobre o dia seguinte.

3

Stuart: Agora, enquanto você diz isso, eu sou lembrado de uma memória de infância em que não tinha pensado antes. Vivi com a minha família em Kingston. Por muitas razões, éramos as pessoas modernas e avançadas que tinham ido para a grande cidade. O meu pai trabalhava em uma empresa de eletricidade e a minha mãe tinha a intenção de ter status e subir na vida.

I found this, for various reasons, a very forbidding place in which to grow up. The place I loved going to was my father's place in the country, in Old Harbour, which is outside of Kingston. It's not very beautiful. It's on the south side of Jamaica which is the flat, dry side, not the romantic northern coast. It is not a tourist area. It is just a little, dusty, country town. They had this very pretty, not quite gingerbread, but almost gingerbread, very small home. It was my grandmother's home (my father's mother), who I am very much like. The house was full of aunts, because my father and his brother got married and moved away. Of the five aunts only one got married and left. This was a house of unmarried but strong and varied women. They were all different from one another. My aunt, who was a teacher, died last year at 105. She was teaching on her back verandah at age 102. My favorite aunt was Post Mistress.

I loved to go to Old Harbour at Christmas. I remember that I didn't enjoy Christmas day which we celebrated in Kingston. It was for fashionable folks. But then on Boxing Day we would go to Old Harbour.

It was a country Christmas, but I just thought it was wonderful. The best moment was after Christmas dinner when, as a child, I would go and lay down on this big bed and listen to the aunts talking with my mother about the village gossip. I thought it was just wonderful. Even though I didn't know the people they spoke of I really thought this was just wonderful. It was like a continually unrolling serial. Until now, I hadn't thought about how those moments mark a space where I learned to love people telling me about their everyday life in conversation.

Eu achava, por várias razões, um lugar muito proibido para crescer. O lugar que eu adorava ir era o lugar do meu pai no campo, em Old Harbour, que é fora de Kingston. Não é muito bonito. É no lado sul da Jamaica, que é o lado plano, seco, não a romântica costa norte. Não é uma área turística. É apenas uma pequena, poeirenta, cidade rural. Eles tinham uma casa muito bonita, não exatamente pão de gengibre (gingerbread)⁷, mas quase pão de gengibre, muito pequena. Era a casa da minha avó (a mãe do meu pai), com quem eu sou muito parecido. A casa estava cheia de tias, porque o meu pai e o irmão dele se casaram e se mudaram. Das cinco tias somente uma se casou e partiu. Esta era uma casa de mulheres solteiras, mas fortes e variadas. Eram todas diferentes umas das outras. A minha tia, que era uma professora, morreu no ano passado aos 105 anos. Ela estava ensinando em sua varanda dos fundos aos 102 anos. A minha tia favorita era gerente dos Correios.

Eu adorava ir ao Old Harbour no Natal. Lembro-me que não gostei do dia de Natal que celebramos em Kingston. Ele era para pessoas da moda. Mas depois, no Boxing Day,⁸ íamos para Old Harbour.

Era um Natal do campo, mas acabo de pensar que era maravilhoso. O melhor momento era depois do jantar de Natal quando, como uma criança, eu iria e me deitaria em uma cama grande e ouviria as tias falarem com a minha mãe sobre as fofocas da aldeia. Achava que era simplesmente maravilhoso. Apesar de não conhecer as pessoas sobre quem elas falavam, eu achava simplesmente maravilhoso. Era como uma série desenrolando continuamente. Até agora, eu não tinha pensado sobre como esses momentos marcam um espaço onde eu aprendi a amar as pessoas me contando sobre a vida cotidiana delas em conversas.

⁷ Gingerbread house é uma casinha de decoração de natal feita de biscoitos e que pode ser comida.

⁸ Boxing day é o dia 26 de dezembro, dia de trocar um presente indesejado ganhado no Natal.

It makes sense because that place was a very powerful repository of positive things. It is a positive pole in my childhood. All the negative things

4

circle around my own family's home while the positive circles around my aunts' and my grandmother's home.

bell: You just made me think of how we always say it is a dangerous thing in our house to say anything. For instance, in our little, tiny house, after we eat everyone lays out on different beds to rest, but they are also listening.

So from any different corner or room you might get feedback when you thought that you were just talking to one other person. Everyone feels that if you have something that you really want to keep private —

Stuart: You're best not to say it!

bell: Yes, and as a country girl I went away to college thinking that college was going to be this place for these kinds of conversations. It was as if I thought that college was going to replace the discussions of our little town and our neighborhoods with ideas, but that we were still going to be rising early in the morning to sit and to chat. I remember the lack of spaces of conversation as one of my deepest disappointments when I arrived at Stanford. Evidently, at one time, they had designated rooms where people could get together to have tea and talk.

Stuart: Yes, and when you arrived they were no longer used in that way. I don't know that I knew enough about college even to imagine it.

bell: It was because I didn't know what it was

Faz sentido porque aquele lugar era um repositório muito poderoso de coisas positivas. É um pólo positivo na minha infância. Todas as coisas negativas

4

circulam em torno da casa da minha própria família, enquanto as positivas circulam em torno da casa das minhas tias e da minha avó.

bell: Você acabou de me fazer pensar em como sempre dizemos que é perigoso na nossa casa dizer qualquer coisa. Por exemplo, na nossa pequena, minúscula casa, depois de comermos todo mundo se deita em camas diferentes para descansar, mas eles também estão escutando.

Então, de qualquer canto ou cômodo diferente você pode obter feedback quando você pensava que estava apenas falando com uma outra pessoa. Todos sentem que se você tem algo que realmente quer manter em privado —

Stuart: É melhor não dizê-lo!

bell: Sim, e como uma menina do campo, fui para a faculdade pensando que a faculdade seria esse lugar para esses tipos de conversas. Era como se eu pensasse que a faculdade iria substituir as discussões da nossa pequena cidade e dos nossos bairros por ideias, mas que ainda iríamos nos levantar de manhã cedo para nos sentar e conversar. Lembro-me da falta de espaços de conversas como uma das minhas mais profundas decepções quando cheguei em Stanford. Evidentemente, à certa altura, eles tinham espaços designados onde as pessoas podiam se reunir para tomar chá e conversar.

Stuart: Sim e, quando você chegou, eles não eram usados dessa forma. Não sei se eu sabia o suficiente sobre a faculdade, nem mesmo para imaginar isso.

bell: Era porque eu não sabia como era que

like that I was imagining it.

Stuart: Yes. I must say, not all the time, but many of the years I spent at Oxford, and I was there a long time, six years, were times of extreme and intense intellectual and political conversation. It was where the New Left started, and all of those people were around. We had a big student house where people lived, and it was always full of a cross section of people of the Caribbean, people from the Left, people studying literature, people in art school, not just people from the university. It was a place of very, very intense variety, and intense conversation. If I had gone with the expectation for conversation, it was in a way met.

5

bell: Do you think this had to do with the times?

Stuart: Yes, this was the late fifties and the sixties. I don't want to be too romantic about it either, because there were other things that I absolutely hated about it. I didn't want to go to Oxford, and I hated it by the time I left, so I don't want to paint it in a rosy glow. However, this place was where Universities and Left Review was first started, and it was where I made an independent life for the first time. I left home and went to college where they looked after you for a year. Then I moved out into a student house where we made an alternative center — a radical, political, literary center — and battled against official Oxford and all it stood for. All of this gave it an intellectual intensity. It was really very exciting.

bell: As someone who came from a working, poor environment to Stanford, I always had to work while attending school to earn money for books and living expenses. This put me in a space of “would be” young intellectual in the everyday work setting, and one of the

ficava imaginando-a.

Stuart: Sim. Devo dizer, não o tempo todo, mas muitos dos anos que passei em Oxford e estive lá por muito tempo, seis anos, foram tempos de extrema e intensa conversa intelectual e política. Foi onde a New Left começou e todas aquelas pessoas estavam por perto. Tínhamos uma grande casa de estudantes onde as pessoas viviam, e ela estava sempre cheia de um grupo representativo de pessoas do Caribe, pessoas da Left, pessoas estudando literatura, pessoas na escola de arte, não apenas pessoas da universidade. Era um lugar de variedade muito, muito intensa e conversa intensa. Se eu tivesse ido com a expectativa de conversar, isso foi de certo modo encontrado.

5

bell: Você acha que isso teve a ver com o momento?

Stuart: Sim, esse foi o final dos anos 50 e os anos 60. Não quero ser muito romântico também, porque havia outras coisas que eu detestava absolutamente sobre isso. Eu não queria ir para Oxford e detestei quando fui, por isso não quero fazer disso um mar de rosas. No entanto, esse lugar foi onde as universidades e a Left Review foi iniciada pela primeira vez e foi onde eu fiz uma vida independente pela primeira vez. Saí de casa e fui para a faculdade onde eles cuidavam de você por um ano. Depois me mudei para uma casa de estudantes onde fizemos um centro alternativo — um centro radical, político, literário — e lutamos contra a Oxford oficial e tudo o que ela representava. Tudo isso deu uma intensidade intelectual. Foi realmente muito emocionante.

bell: Como alguém que veio de um ambiente pobre e de trabalho para a Stanford, eu sempre tive que trabalhar enquanto frequentava a escola para ganhar dinheiro para livros e despesas da vida. Isso me colocou em um espaço de “seria” jovem

ways that I dealt with that setting was to have conversations.

I could be sitting as a telephone operator at my microphone all day, and in the meantime galvanizing everybody into a certain kind of conversation about our lives. When I started writing *Ain't I a Woman?* I was working at the telephone company and talking with all of these women who worked there about their perceptions of black womanhood. That was a real important space. It's because of these experiences that I felt conversation is a place of potential pedagogy. When people are seated together at lunch time, whether you're from a different class or not, there is a possibility of sharing in conversation.

Stuart: Yes, sharing across those boundaries. One of the nice things about conversation, as opposed to conferences and fixed formalized occasions, is, of course, its fluidity. It can move from the trivial to the profound, in and out, across boundaries of sexualities and genders, boundaries of experience. It gives you a sense of the dialogic, of conversation as exchange.

6

bell: The other day a black, Southern, male plumber came to my house, and I was saying to him, "I can't keep my tub clean!" He said, "Do you have some cleanser?" and I said, "Oh, I've tried cleanser." Then I brought him the cleanser that he demanded. He cleaned a little circle, and then said, "Ah, this is a trick. This is just about getting me to clean your tub." We then began a conversation about gender and roles.

Stuart: Which you couldn't have done any other way. If you had proposed it as a formal topic of exchange it wouldn't have got off the ground.

intelectual no ambiente de trabalho cotidiano, e uma das maneiras que eu lidei com esse cenário foi ter conversas.

Eu poderia estar sentada como uma telefonista com o meu microfone o dia todo, e, enquanto isso, estimular todos em um certo tipo de conversa sobre nossas vidas. Quando comecei a escrever "*Ain't I a Woman?*", eu estava trabalhando na companhia de telefone e conversando com todas essas mulheres que trabalhavam lá sobre suas percepções de feminilidade negra. Esse era um espaço muito importante. É por causa dessas experiências que eu senti que a conversa é um lugar de potencial pedagogia. Quando as pessoas estão sentadas juntas na hora do almoço, quer você seja de uma classe diferente ou não, há uma possibilidade de compartilhar uma conversa.

Stuart: Sim, compartilhar através desses limites. Uma das coisas boas sobre conversa, ao contrário de conferências e ocasiões fixas formalizadas, é claro, sua fluidez. Ela pode se mover do trivial ao profundo, dentro e fora, através de fronteiras de sexualidades e gênero, fronteiras de experiência. Dá a você um senso do dialógico, de conversa como uma troca.

6

bell: Em outro dia um homem encanador negro, sulista, veio a minha casa e eu estava dizendo a ele: "Eu não consigo manter minha banheira limpa!" Ele disse: "Você tem algum limpador?" e eu disse: "Ah, tentei o limpador". Depois, trouxe o limpador que ele pediu. Ele limpou um pequeno círculo e depois disse: "Ah, isso é um truque. Isso é só para você me fazer limpar a sua banheira". Nós, então, começamos uma conversa sobre gênero e papéis.

Stuart: O que você não teria conseguido de qualquer outra forma. Se você o tivesse proposto como um tópico formal de troca, não teria decolado.

bell: I was going to lunch with Anthony Appiah that day so I was saying to him that I had to get out of there and go to lunch. He asked me, “Who are you going to lunch with, the man in your life?” I said,

“Actually I’m going to lunch with a gay, male friend.” He then told me to scratch that, and that he was married, but that he could be “my special friend.” That started another whole conversation about living in the Village, and what gayness means in terms of friendship. This has been something that has continually intrigued me as a thinker, the possibility of engaging knowledge across different kinds of boundaries. I have been somewhat saddened by the fact that my life became more centered around institutions — the university has become harder for me to have certain kinds of conversations. I have been thinking about the way the act of praying for talk on the formal lecture circuit is so negating of conversation. Being paid to talk, to lecture has brought to the very act of talking about ideas a spirit of violation, so that the joy of conversing is denied.

Stuart: I was saying before that the fifties and sixties facilitated certain kinds of conversations, but I also think that it may have to do with one’s stage in life. I don’t know that I have many conversations like that. There is a limited range of people with whom I have those sorts

7

of conversations with now. This may have to do with what you were talking about earlier, that teaching, being paid to teach, is a way of being paid to talk, and so the status of talk is changed by that fact.

bell: I was thinking about the conditions under which Cornel West and I did *Breaking Bread*.

bell: Eu estava indo almoçar com o Anthony Appiah nesse dia, por isso disse a ele que tinha de sair dali e ir almoçar. Ele me perguntou: “Com quem vai almoçar, com o homem da sua vida?” Eu disse:

“Na verdade, vou ao almoço com um amigo homem e gay”. Ele então me disse para esquecer isso e que ele era casado, mas que ele poderia ser “meu amigo especial”. Isso começou outra conversa sobre viver no município e o que a homossexualidade significa em termos de amizade. Isto tem sido algo que tem me intrigado continuamente como uma pensadora, a possibilidade de envolver o conhecimento através de diferentes tipos de fronteiras. Tenho estado de algum modo triste com o fato de que minha vida se tornou mais centrada em torno de instituições — a universidade tornou mais difícil para mim ter certos tipos de conversas. Tenho pensado sobre a forma como o ato de pedir para falar no circuito de palestras formal é então negação da conversa. Ser paga para falar, para dar palestra, trouxe ao próprio ato de falar de ideias um espírito de violação, de modo que a alegria de conversar é negada.

Stuart: Eu estava dizendo antes que os anos 50 e 60 facilitaram certos tipos de conversas, mas eu também acho que isso pode ter a ver com o estágio de uma pessoa na vida. Não sei se tenho muitas conversas como essa. Há uma gama limitada de pessoas com quem tenho esses tipos de

7

conversas agora. Isso pode ter a ver com o que você estava falando antes, que ensinar, ser pago para ensinar, é uma maneira de ser pago para falar e, assim, o status da conversa é alterado por esse fato.

bell: Eu estava pensando nas condições em que eu e o Cornel West escrevemos o “*Breaking Bread*”.

I remember that we would meet in New York or he would come to Oberlin, Ohio at different times. There we would actually walk around this little town of cornfields and sing songs to each other, sit with our whiskey in the night, and I can't imagine doing that with him now. I hardly see him. When we talk it's talk on the run, not that talk amidst languorous times. I remember that there were several estate sales that we stopped to look at, and I think about how all of those things changed the nature of how we talked about ideas.

Stuart: It is as much about rhythm as anything else. If you are living the rest of your life at a certain intensified rhythm, it just doesn't fit the rhythm of conversation. You can't hurry. There has to be a certain space around conversation to allow it to either come or go, to last a short time or a long time, or to organize around established chunks.

bell: My early books were thought through in conversation, because I was in that liminal space between academy and a work world. When I was writing *Ain't I A Woman* and working 40 hours a week at the phone company there was this sense that if I had an idea that was the place I could go to test it out. There could be this ongoing conversation, and my sense of the book actually emerged as I talked it through with other people, and not as an internal, silent dialogue with myself.

Stuart: I don't think about writing like that. I think about thinking like that. So in that sense, I always, over any sustained period, work best intellectually with a group of people that is involved, and therefore, constantly talking in one form or another over our ideas. Writing is for me a much more

Lembro-me que nos encontrávamos em Nova Iorque ou ele vinha a Oberlin, Ohio, em momentos diferentes. Lá andávamos por esta pequena cidade de campos de milho e cantávamos canções um para o outro, sentávamos com o nosso uísque à noite, e não consigo imaginar fazer isso com ele agora. Mal o vejo. Quando nos falamos, falamos em uma correria, não aquela conversa em meio a tempos lânguidos. Lembro-me que havia várias vendas de propriedades que paramos para olhar e penso em como todas essas coisas mudou a natureza de como falamos sobre ideias.

Stuart: Trata-se tanto de ritmo como de qualquer outra coisa. Se você está vivendo o resto de sua vida em um certo ritmo intensificado, ele simplesmente não se encaixa no ritmo de conversa. Você não pode se apressar. Tem que haver um certo espaço em torno da conversa para permitir que ela venha ou vá, para durar pouco tempo ou muito tempo, ou para se organizar em torno de blocos estabelecidos.

bell: Meus primeiros livros foram pensados por meio de conversas, porque eu estava naquele espaço liminar entre a academia e um mundo do trabalho. Quando estava escrevendo *"Ain't I A Woman"* e trabalhando 40 horas por semana na companhia telefônica, havia a sensação de que, se eu tivesse uma ideia, esse era o lugar para ir testá-la. Poderia haver uma conversa em curso e meu sentido do livro realmente emergia enquanto eu conversava com outras pessoas, e não como um diálogo interno e silencioso comigo mesma.

Stuart: Não penso em escrever assim. Penso em pensar assim. Então, nesse sentido, eu sempre, em qualquer período sustentado, trabalho melhor intelectualmente com um grupo de pessoas que está envolvido e, portanto, constantemente falando de uma forma ou de outra sobre nossas ideias. Escrever é para mim uma coisa muito mais

isolated thing, but that is not to say that there isn't a

8

conscious adoption of what might be called the conversational voice.

In my writing I am more aware of speaking what I am saying than of writing it. When I write only, I write in a very clotted way, but as soon as I think about writing as I would speak it, I write in a much more accessible, vernacular way. There is a trace of conversation in spite of the fact that it hasn't actually come out of talking with others.

bell: A lot of people have characterized my work as having that conversational element, and in my case that is precisely right, because it does come out of daily conversations. I just finished a new book of essays on film and one of the essays came from going with a friend to see *Pulp Fiction*. We left the theater at midnight. After an intense, impassioned conversation about the movie, I went home, I wrote all night long. I wanted the writing to have the freshness and intensity of that conversation. If too much time goes by between my seeing a film, talking about it and then I'm not able to bring that intensity to the writing.

Stuart: I don't think of writing like that. For instance, I don't like to talk about films immediately after I see them. I get annoyed with people who instantly want to tell me what it's like. I want the film, the images to settle. In this sense, writing is for me an internal conversation. This is not to say that it doesn't make me look at it in retrospect, to see the trace of all those conversations that have happened before and come back into the writing. I don't think of writing as capturing conversation.

isolada, mas isso não quer dizer que não haja uma

8

adoção consciente do que pode ser chamado de voz conversacional.

Na minha escrita, estou mais ciente de falar o que estou dizendo do que de escrevê-lo. Quando escrevo apenas, escrevo de uma maneira muito coagulada, mas assim que eu penso sobre escrever como eu falaria, escrevo de uma maneira muito mais acessível, vernacular. Há um traço de conversa, apesar do fato de que ela não surgiu do falar com os outros.

bell: Muitas pessoas caracterizaram meu trabalho como tendo esse elemento de conversação e, no meu caso, isso é exatamente correto, porque ele sai de conversas diárias. Acabei de terminar um novo livro de ensaios sobre cinema e um dos ensaios surgiu da saída com um amigo para ver *Pulp Fiction*. Saímos do teatro à meia-noite. Depois de uma conversa intensa e apaixonada sobre o filme, fui para casa, escrevi a noite toda. Queria que a escrita tivesse a frescura e a intensidade dessa conversa. Se passar muito tempo entre eu ver um filme e falar sobre ele e, então, eu não sou capaz de trazer essa intensidade para a escrita.

Stuart: Não penso em escrever assim. Por exemplo, não gosto de falar de filmes imediatamente depois de vê-los. Irrito-me com pessoas que imediatamente querem me dizer como foi o filme. Quero que o filme, as imagens se acomodem. Nesse sentido, escrever é para mim uma conversa interna. Isso não quer dizer que isso não me faça olhar em retrospectiva, para ver o traço de todas as conversas que aconteceram antes e voltar para a escrita. Não penso em escrever como capturar conversas.

Conversation has to do with people. It is partly related to friendships and who one has around one. Here I am strangely placed, because I am out of my generation. The people I feel closest to now, whom I have conversations with, are a different generation from the generation I grew up in. I've left the generation I grew up with emotionally, and certainly intellectually and politically. I feel I was reborn in another time.

It really is quite strange to discover that people can no longer imagine how old you are. I see this when I say that I have been around a very

9

long time, and people often ask if I am from the sixties. I tell them,

“No, the fifties!” I had very intense relationships with people in the fifties. They were older than I was which takes me back further. These were people born after the war in the forties, and that whole generation has not been present to me for about twenty to twenty-five years. This means that the people I am in conversation with are much younger than me, and it is not just a question of age, but more that their experience is very different. That is what I want. I am not complaining, but it does alter the nature of the conversation. The conversation is more like teaching. It has that character of the older person and the student, although they're teaching, and I'm learning.

bell: We have mentioned to each other many times that it was Paul Gilroy that kept saying to me, “The two of you need to talk.” I kept saying to him, “but you know, I'm intimidated.” I got scared, and you just touched upon why. Normally I am talking to people who are much younger than me or are colleagues and friends my age.

A conversa tem a ver com as pessoas. Está parcialmente relacionada com amizades e com quem se tem ao redor. Aqui estou estranhamente localizado, porque estou fora da minha geração. As pessoas com quem me sinto mais próximo agora, com quem tenho conversas, são uma geração diferente da geração em que cresci. Deixei a geração que cresci emocionalmente e certamente intelectual e politicamente. Sinto que renasci em outro tempo.

É realmente muito estranho descobrir que as pessoas já não conseguem imaginar a sua idade. Vejo isso quando digo que tenho estado por aí por

9

muito tempo e as pessoas me perguntam se sou dos anos 60. Digo a eles:

“Não, os anos 50!” Tive relações muito intensas com pessoas nos anos 50. Elas eram mais velhas do que eu, o que me faz voltar mais. Essas foram pessoas nascidas após a guerra nos anos 40 e toda essa geração não esteve presente para mim por cerca de vinte a vinte e cinco anos. Isso significa que as pessoas com quem estou conversando são muito mais jovens do que eu e não é apenas uma questão de idade, mas é mais que a experiência delas é muito diferente. É isso que eu quero. Não estou me queixando, mas altera a natureza da conversa. A conversa está mais para como ensinar. Tem esse caráter da pessoa mais velha e do estudante, embora eles estejam ensinando e estou aprendendo.

bell: Mencionamos um ao outro muitas vezes que foi Paul Gilroy que continuou dizendo para mim: “Vocês dois precisam conversar”. Continuei dizendo a ele: “Mas você sabe, sinto-me intimidada”. Fiquei assustada e você tocou no porquê. Normalmente estou falando com pessoas que são muito mais jovens do que eu ou são colegas e amigos da minha idade.

Intergenerational dialogues don't really occur very often. I wonder how much that absence diminishes us. I remember Toni Cade Bambara telling me once that at some point in her life she looked around and found that she was only talking to people that were younger than her. She did not think this was good for her intellectual as well as her emotional development.

She felt that she needed to have a range of peers. The fact that she was always dialoguing with younger audiences made her think about the relationship between conversation and power. "How will I talk to Stuart? Will I imagine that I am his peer?" It is interesting to think about the space that allows conversation to happen.

Stuart: I understand how she felt; although, I don't know that I have felt it myself in that way. I don't know that I could do anything about the constancy of intergenerational conversation in my life because of two transitions in my life. One is coming to England at the end of my

10

youth, the beginning of my adulthood, and this does mean that there is already one generation that I have lost, the generation I was schooled with, the generation of my teenage life. All of that is lost. I don't mean that I don't know them. I see them when I go back to Jamaica, but their experience in the sixties and seventies was so profound, and so profoundly different than mine, which was also profound. It is two different experiences. They are not my interlocutors anymore. Thinking back that is one direction it went, and then there is another one, which is the one that I found when I came here, which I talked about, the one at the university involved in the New Left. I made a huge shift from that at some point in the sixties. At some point in the sixties I became again a very different person.

Os diálogos intergeracionais não ocorrem com muita frequência. Pergunto-me o quanto essa ausência nos diminui. Lembro-me de Toni Cade Bambara me dizer uma vez que, em algum momento da sua vida, ela olhou em volta e descobriu que estava somente falando com pessoas mais novas do que ela. Ela não achava que isso era bom para seu intelectual bem como para seu desenvolvimento emocional.

Ela sentiu que precisava ter uma variedade de colegas. O fato de que ela estava sempre dialogando com o público mais jovem a fez pensar sobre a relação entre conversa e poder. "Como vou falar com o Stuart? Vou imaginar que sou sua colega?" É interessante pensar no espaço que permite a conversa acontecer.

Stuart: Entendo como ela se sentiu, embora eu não sei que senti isso eu mesmo dessa forma. Eu não sei que poderia fazer alguma coisa sobre a constância da conversa intergeracional na minha vida por causa de duas transições na minha vida. Uma é vir para a Inglaterra no final da minha

10

juventude, no início da minha vida adulta e isso significa que já há uma geração que perdi, a geração com a qual fui educado, a geração da minha vida adolescente. Tudo isso está perdido. Não quero dizer que não os conheço. Vejo-os quando volto para a Jamaica, mas a experiência deles nos anos sessenta e setenta foi tão profunda e tão profundamente diferente da minha, que também foi profunda. São duas experiências diferentes. Já não são mais os meus interlocutores. Pensando bem, essa é uma direção que isso seguiu e, então, há outra, que é a que encontrei quando vim aqui, da qual falei, a da Universidade envolvida na New Left. Fiz uma grande mudança a partir disso em algum momento nos anos 60. Em algum momento nos anos sessenta eu me tornei

Again, those people I know and know very well, and some of those people I still feel very close to, but some of them I don't feel that close to and haven't for quite a long time. I feel that with some of them I couldn't even have a conversation now, because they haven't a clue as to who I am.

bell: I have felt that most deeply within the feminist movement. I have continued to try to stretch myself while a lot of the people that I initially started out talking with in the early seventies haven't continued to want to stretch the meaning of feminism, the boundaries of feminism. In fact, there is a movement away from that stretching. The leap into cultural studies happened as a way to save myself from that static momentum, that conversation that had somewhat stopped.

Stuart: Unlike you when I talk about a political generation I am talking about a political generation that is enormously productive at liberating for a time, but which one comes to the generational end of, partly because everybody has died. It ceases to sustain you, because it doesn't move with you. When you talk about cultural studies as being a way of extending the boundaries, I understand, because it was for me too. So when I say "the sixties" I'm thinking everything that the sixties means

11

politically, but I also mean cultural studies. And I mean communism particularly. That is part of what profoundly made me a different kind of person. Now what is interesting about that is that it gave me a new look which is the first feminist generation of the sixties and seventies. This is Catherine's generation, and she is much younger than I am, thirteen years younger than I am.

novamente uma pessoa muito diferente.

Mais uma vez, aquelas pessoas que conheço e conheço muito bem, e algumas dessas pessoas de quem ainda me sinto muito próximo, mas algumas delas eu não me sinto assim tão próximo e não me sinto há muito tempo. Sinto que com algumas delas não pude nem sequer ter uma conversa agora, porque elas não fazem ideia de quem sou.

bell: Senti isso mais profundamente dentro do movimento feminista. Continuei tentando me expandir enquanto muitas das pessoas com quem comecei a falar no início dos anos setenta não continuaram querendo expandir o significado do feminismo, as fronteiras do feminismo. Na verdade, há um movimento longe dessa expansão. O salto para os estudos culturais aconteceu como uma maneira de me salvar daquele momento estático, aquela conversa que tinha parado um pouco.

Stuart: Ao contrário de você, quando falo de uma geração política, estou falando de uma geração política que é extremamente produtiva na libertação por um tempo, mas da qual chega o fim da geração, em parte porque todos morreram. Ela deixa de sustentar você, porque não se move contigo. Quando você fala de estudos culturais como uma forma de estender os limites, eu entendo, porque foi isso para mim também. Então, quando digo "Os anos 60", penso em tudo o que os anos 60 significam

11

politicamente, mas também quero dizer estudos culturais. E me refiro particularmente ao comunismo. Isso é parte do que profundamente me fez um tipo diferente de pessoa. Agora o que é interessante sobre isso é que isso me deu um novo olhar que é a primeira geração feminista dos anos sessenta e setenta. Esta é a geração da Catherine e ela é muito mais nova que eu, treze anos mais nova que eu.

bell: My students were really obsessed with your discussion of cultural studies and feminism breaking through the window, and they were particularly disturbed by your use of the imagery of shit.

Stuart: Crap.

bell: Yes.

Stuart: So were the people in England. I didn't think of it like that. I thought of it as an old phrase: "Don't crap on the coffee table." Meaning, don't go to a polite place and make an impolite observation. I meant it more in that way, but of course who knows what unconsciously one means. For me, you might say there was a lot of shit associated with it, and there was, but I really didn't mean it that way. That is what feminism did, what feminism had to do.

bell: It had to create a rupture.

Stuart: Absolutely. It had to come into a conversation that had conceived of itself as rupturing. This was the progressive center, left wing, Marxist, committed scholarship inside the university, etc., and in the center of that conversation it had to do its own disruptive work.

bell: It is interesting though, because there are very few things that I've said that I feel regret about. In an interview last year in Vibe magazine I said that Oprah Winfrey was too busy sucking the dicks of white culture to get on with anything interesting, and people held me accountable for

12

that statement as though it was a form of sexual violation in itself. I was stunned, because I didn't see it as a particularly risqué or outrageous thing to say. I didn't think of it

bell: Os meus alunos estavam realmente obcecados com a sua discussão de estudos culturais e feminismo avançando, e eles ficaram particularmente perturbados com o seu uso de imagens de merda.

Stuart: Merda!

bell: Yes!

Stuart: Assim como o povo da Inglaterra. Não pensei nisso dessa forma. Pensei nisso como uma velha frase: "Não cague na mesa do café". Ou seja, não vá a um lugar educado e faça uma observação não-educada. Quis dizer mais desse modo, mas está claro quem sabe o que isso inconscientemente significa. Para mim, pode-se dizer que havia muita merda associada a isso, e havia, mas eu realmente não quis dizer isso dessa maneira. Isso foi o que o feminismo fez, o que o feminismo teve de fazer.

bell: Tinha de criar uma ruptura.

Stuart: Absolutamente. Teve que entrar em uma conversa que tinha concebido de si mesmo como se rompendo. Esse era o centro progressista, de esquerda, marxista, pesquisa comprometida dentro da Universidade, etc. e, no centro dessa conversa, teve que fazer seu próprio trabalho disruptivo.

bell: É interessante, no entanto, porque há muito poucas coisas que eu disse que me arrependo. Em uma entrevista no ano passado na revista Vibe, disse que Oprah Winfrey estava muito ocupada puxando o saco da cultura branca para ter sucesso com qualquer coisa interessante e as pessoas me responsabilizaram por

12

essa afirmação como se fosse uma forma de violação sexual em si mesma. Fiquei atordoada, porque não vi isso como uma coisa particularmente arriscada ou ultrajante para se dizer. Não pensei nisso como uma declaração

as a particularly transgressive statement in any way. That is part of what has led to a certain kind of collapse within feminism, this desire to restrict the boundaries of how we talk about certain things, a certain kind of overlay of heavy-handed political correctness.

Stuart: It has happened to me one or two times before. Once when I was making *Redemption Song* and filming in Guyana. We went to Guyana principally to make the story of indenture.

It turned out to be a situation where there were many more polarized relationships between Indians and blacks than most people outside of Guyana either knew or would acknowledge was the case. While filming, these young Indian hair cutters said vile things about African Guyanese. We left in one of these statements simply because when we came to it we thought, “We don’t like it, but this is what they feel.” We felt that the program needed to communicate that they feel extremely oppressed by a black government. So we left in one of these statements.

It has generated an enormous storm from the Caribbean. I went to a Guyanese restaurant a month ago, and remember we did the program two and a half years ago, and they still remember the statement: “We work hard and blacks just treat us like dogs.” There were hundreds of statements like this, but we dropped this one in because we wondered what we would be doing if we censored all of them out, because we didn’t want to air it. I don’t have those sorts of feelings about what I said about feminism. I was caught in a time warp. I think the phrase, “crapping on the coffee table,” is an old fifties idiom that I picked up from some American friends which nobody really knows. I shouldn’t really have used it, but this is not to deny what you are saying about political correctness. It is a very serious problem for feminism to negotiate.

particularmente transgressiva de modo algum. Isso é parte do que tem levado a um certo tipo de colapso dentro do feminismo, esse desejo de restringir as fronteiras de como falamos de certas coisas, um certo tipo de mão pesada do politicamente correto.

Stuart: Já me aconteceu uma ou duas vezes. Uma vez, quando estava fazendo “*Redemption Song*” e filmando na Guiana. Fomos à Guiana principalmente para fazer a história da servidão.

Acabou por ser uma situação em que havia muito mais relações polarizadas entre índios e negros do que a maioria das pessoas fora da Guiana sabia ou reconhecia ser o caso. Durante as filmagens, alguns jovens cortadores de cabelo indianos disseram coisas vis sobre o africano guianense. Fomos embora em uma dessas declarações simplesmente, porque quando chegamos a isso, pensamos: “Nós não gostamos disso, mas isso é o que eles sentem”. Sentimos que o programa precisava comunicar que eles se sentem extremamente oprimidos por um governo negro. Então, fomos embora em uma dessas declarações.

Gerou uma enorme tempestade do Caribe. Fui a um restaurante guianense há um mês e me lembro que fizemos o programa há dois anos e meio, e eles ainda relembrou a declaração: “Nós trabalhamos duro e os negros apenas nos tratam como cães”. Havia centenas de declarações como esta, mas nós deixamos esta aqui, porque nos perguntamos o que estaríamos fazendo se censurássemos todas elas, porque não queríamos transmiti-las. Não tenho esse tipo de sentimento sobre o que eu disse sobre o feminismo. Fui apanhado em um túnel do tempo. Acho que a frase “cagar na mesa de café” é uma expressão antiga dos anos 50 que aprendi com alguns amigos americanos que ninguém realmente conhece. Eu não devia realmente tê-la usado, mas isto não é para negar o que você está dizendo sobre o

13

bell: Would you talk a little bit about the intersection of both your intellectual work at that particular point where feminism comes in and your private life as you are constructing a relationship with a feminist thinker? I feel that the men who were most changed by feminism were the men who had this joint convergence of the public, intellectual life of feminism, and also a private life of feminist interrogation. Especially when I think about men on the Left and look at the history of the Left.

For instance, someone like Cornel who has not had, in the space of his private relationships, an ongoing exchange with a feminist partner who is constantly on you. I definitely think that any feminist woman partner that anybody has, man or woman, is usually on the case all the time.

Stuart: Absolutely. I certainly feel that you are right about the intersection of the public intellectual and the private. I hadn't thought that that's the impact that has the greatest effect, although that might be so.

bell: Once the mood of that particular moment, the moment feminism is entering through the window and working as an intervention, once that moment of militancy passed then it was possible for a lot of men to go back to a space and a location where they didn't think about feminism. The men who remained fully and deeply engaged on an emotional and intellectual level with feminist thinking in their private lives, as well as in their public lives, were not able to do that kind of backtracking.

politicamente correto. É um problema muito grave para o feminismo negociar.

13

bell: Você poderia falar um pouco sobre a intersecção de ambos o seu trabalho intelectual naquele ponto em particular onde o feminismo entra, e sua vida privada enquanto você está construindo uma relação com uma pensadora feminista? Eu sinto que os homens que foram mais mudados pelo feminismo foram os homens que tiveram esta convergência conjunta da vida pública, intelectual do feminismo e também uma vida privada de interrogação feminista. Especialmente quando penso em homens à esquerda e olho para a história da esquerda.

Por exemplo, alguém como Cornel que não tem tido, no espaço de suas relações privadas, uma troca contínua com uma parceira feminista que está constantemente em cima de você. Eu definitivamente acho que qualquer parceira mulher feminista que alguém tem, homem ou mulher, geralmente faz o necessário o tempo todo.

Stuart: Absolutamente. Penso que tem razão quanto à intersecção entre o intelectual público e o privado. Não pensei que esse é o impacto que tem o maior efeito, embora possa ser assim.

bell: Uma vez que o estado de espírito daquele momento em particular, o momento em que o feminismo está entrando pela janela e trabalhando como uma intervenção, uma vez que esse momento de militância passou, então foi possível para muitos homens voltar para um espaço e um local onde eles não pensavam sobre o feminismo. Os homens que permaneceram plena e profundamente engajados em um nível emocional e intelectual com o pensamento feminista em suas vidas privadas, bem como em suas vidas públicas, não foram capazes de fazer esse tipo de retrocesso.

Stuart: It happened the private, public way around for me. I went to Birmingham in 1964. Catherine and I were just married, and she was still a student. She transferred from Sussex to Birmingham. I was a young teacher involved in the Center, and she was a student studying history. Then in 1968 we moved, and she got pregnant. She was pregnant during the big '68 occupation of the University. One of the things I remember is seeing her in this great hall sitting down about two months from delivering Becky. It was immediately in the wake of

14

that that feminism in Birmingham started, because all of these women, many of them University wives who had lead a very active life studying and organizing, had their first children in these two years and suddenly all retired to home. They found themselves with one baby sitting at home. That is where it started as they got together to share this incomprehension that this ball had descended from the blue. One moment she was getting her Ph.D., and then suddenly she had only the status of my wife. I would go to work. The Center burgeoned on, and I came back with stories of life at the front. That is when the explosion started.

So it was very, very personal, tied up with our first child, and it made a profound shift in our relationship. Talk about shit, it was hell on earth, and partly exaggerated by the age difference. It wasn't just that I was a man, but I was a man fourteen years older that she was, already politically mature, with a political life, with friends she didn't know. You can just imagine what it was like for her to fight this off. It was a fight.

I shared the domestic work, that didn't bother me. I was into the familiar things, taking care of the home and looking after the kids, but the

Stuart: Aconteceu de modo privado e público para mim. Fui para Birmingham em 1964. A Catherine e eu éramos recentemente casados e ela ainda era estudante. Ela foi transferida de Sussex para Birmingham. Eu era um jovem professor envolvido no Centro e ela estudava história. Depois, em 1968, nos mudamos e ela engravidou. Ela estava grávida durante a grande ocupação da Universidade em 68. Uma das coisas de que me lembro é de vê-la nesse grande salão, sentada, por volta de dois meses para ter a Becky. Foi imediatamente após

14

que esse feminismo em Birmingham começou, porque todas essas mulheres, muitas delas mulheres universitárias que tinham tido uma vida muito ativa estudando e organizando, tiveram seus primeiros filhos nesses dois anos e de repente todas se retiraram para casa. Elas se viram com um bebê, sentadas em casa. Foi aí onde isso começou, quando elas se juntaram para partilhar esta incompreensão de que isso tinha acontecido de repente. Em um momento, ela estava obtendo o seu doutorado e, de repente, só tinha o estatuto de minha mulher. Eu iria trabalhar. O Centro se desenvolveu e eu voltei com histórias de vida na frente. Isso foi quando a explosão começou.

Então, foi muito, muito pessoal, amarrados com o nosso primeiro filho e fez uma mudança profunda na nossa relação. Por falar em merda, era um inferno na terra e, em parte, exagerado pela diferença de idade. Não era só que eu era um homem, mas eu era um homem 14 anos mais velho que ela, já politicamente maduro, com uma vida política, com amigos que ela não conhecia. Você pode só imaginar como foi para ela lutar contra isso. Foi uma luta.

Partilhei o trabalho doméstico, isso não me incomodava. Eu gostava das coisas familiares, cuidava da casa e cuidava das

idea that I should shut up, that I should stop talking, that we should all stop talking for about twenty years, and let them talk was very, very difficult. It shifted my perception of politics, and I may get arrested for saying this, but it shifted my conception of politics more than it shifted some women's. Many of the women from that generation became Marxist feminists and have remained more in touch with Marxism than I have.

I was more shaken by feminism's critique of Marxism than they were.

Subsequently, I find myself saying, "You can't say that. You told us how feminism made what you are saying impossible. I don't understand."

bell: That is a really good point. It leads us back to a critique of feminism and essentialism. Simply because one is a woman and has laid claim to feminism does not mean that you are necessarily more transformed by it as a political movement and a body of ideas than any man who engages that body of ideas.

15

Stuart: That is at any rate an indication that it was enormously profound, of course for them, but it was extremely profound for me in terms of shaking what I thought I knew and what I thought I believed. Consequently, those women are some of my closest friends now. It opened a conversation with many sixties and seventies generation feminists.

bell: Were there very many black women involved in there, Stuart? A critique that I often get when I am speaking about the various intellectual and critical dialogues that I have had with you, and for instance, Paul Gilroy, from black women in Britain is, "They'll talk to you, because you live in

crianças, mas a ideia de me calar, de parar de falar, de todos pararmos de falar por cerca de vinte anos e deixá-las falar era muito, muito difícil. Mudou a minha percepção da política, e posso ser preso por dizer isto, mas mudou a minha concepção da política mais do que mudou a de algumas mulheres. Muitas das mulheres dessa geração se tornaram feministas marxistas e permaneceram mais em contato com o marxismo do que eu.

Eu estava mais abalado com a crítica do feminismo ao marxismo do que elas estavam.

Depois, dou por mim dizendo: "Você não pode dizer isso. Você nos disse como o feminismo tornou o que você está dizendo impossível. Não entendo".

bell: Essa é uma boa questão. Leva-nos de volta a uma crítica ao feminismo e ao essencialismo. Simplesmente porque se é uma mulher e reivindicou o feminismo não significa que você está necessariamente mais transformada por ele, como um movimento político e um corpo de ideias, do que qualquer homem que engaja esse corpo de ideias.

15

Stuart: Isso é, de qualquer forma, uma indicação de que foi extremamente profundo, claro que para elas, mas foi extremamente profundo para mim em termos de chacoalhar o que eu pensava que sabia e o que eu pensava que acreditava. Consequentemente, essas mulheres são algumas das minhas amigas mais próximas agora. Isso abriu uma conversa com muitas feministas da década de 60 e 70.

bell: Havia muitas mulheres negras envolvidas nisso, Stuart? Uma crítica que muitas vezes recebo quando falo sobre os vários diálogos intelectuais e críticos que tinha tido com você e, por exemplo, Paul Gilroy, de mulheres negras no Reino Unido, é: "Eles vão falar com você, porque você vive

America. But they won't talk to us. They don't recognize us."

Stuart: That may be true. Who am I to say? Historically, there weren't a lot of black women involved at that time, very few. My experience of what has happened in that particular formation is, first of all, it was raced as the black women came into it. And then, what in many ways has been most impressive to me, are the few white feminists who, as a consequence of black women entering the movement, have rethought themselves a second time.

bell: Absolutely.

Stuart: All of that is very profound. This was the sequence of events so I am not surprised that in the sixties in Birmingham there weren't many black women around. Therefore, I wasn't in conversation with black women. Then when black women come into feminism it is a generation later.

bell: The dialogue we had at the Finding Fanon Conference at NYU was emblematic of these different positions, in the sense that I wanted to privilege, in my own discussion, a certain kind of dialogue between black men and black women. Not the traditional discussion of relationships, but of gender and feminism. In a different way than white women involved in feminism might pose that particular dialogue.

16

Stuart: But also, bell, in a different way than some black women would pose that particular dialogue.

bell: Absolutely, although there is a way in which many black women thinkers in Britain have retreated from the spheres of public

na América. Mas eles não falarão com a gente. Eles não nos reconhecem".

Stuart: Isso pode ser verdade. Quem sou eu para dizer? Historicamente, não havia muitas mulheres negras envolvidas naquela época, muito poucas. A minha experiência do que aconteceu nessa formação particular é, em primeiro lugar, que foi acelerada quando as mulheres negras entraram nela. E, então, o que de muitas maneiras tem sido mais impressionante para mim são as poucas feministas brancas que, como consequência das mulheres negras entrarem no movimento, repensaram-se uma segunda vez.

bell: Absolutamente.

Stuart: Tudo isso é muito profundo. Esta foi a sequência dos acontecimentos, por isso não me surpreende que nos anos 60, em Birmingham, não houvesse muitas mulheres negras por perto. Portanto, eu não estava conversando com mulheres negras. Então, quando as mulheres negras entram no feminismo isso é uma geração mais tarde.

bell: O diálogo que tivemos na Finding Fanon Conference na NYU⁹ foi emblemático dessas diferentes posições, no sentido de que eu queria privilegiar, em minha própria discussão, um certo tipo de diálogo entre homens negros e mulheres negras. Não a discussão tradicional das relações, mas de gênero e feminismo. De uma forma diferente do que as mulheres brancas envolvidas no feminismo podem colocar esse diálogo em particular.

16

Stuart: mas também, bell, de uma maneira diferente do que algumas mulheres negras colocariam esse diálogo em particular.

bell: Absolutamente, embora haja uma maneira pela qual muitas mulheres negras pensadoras no Reino Unido se afastaram das

⁹ Eles se referem à New York University.

debate. One of the things that I was very cognizant of in that space was that there were powerful black women thinkers there, but they were not speaking. I believe, to some extent, that that retreat is about who listens.

This does have to do with questions of kinship and history. Thinking about my intimidation in speaking with you I am aware that there are white women feminist thinkers who could speak to you with a greater sense of comfort, but I do think, and you can critique me on this, this is partially because I see myself in a closer kinship to you. For example, when I taught my class on your work we were reading “The Formation of a Diasporic Intellectual,” the interview you did with Kuan-Hsing Chen (1996), and when we came to the part about your sister, in a class of Afro-Caribbean, for the most part, all black women and one white woman, every black woman in that class, including myself, felt that we were your sister, and that her fate was our fate, in a way that the one white student in the class did not feel.

Stuart: I understand that perfectly well. It is difficult to transfer that to the wider scene. It is because race is so intrinsic to that experience.

bell: But in terms of speaking, of feeling that you can speak back to something, that sense of interrogation comes sometimes with feeling that you are the closer kin. It becomes a symbolic family bond, in the sense that it has been historically more difficult for black women to bring a feminist critique to bear without thinking about what the implications are in terms of racial identity and racial solidarity. We have been working to overcome that intimidation. In many ways I never felt that intimidation, and I think it is generational again. Part of what separates me from

esferas do debate público. Uma das coisas que eu estava muito consciente naquele espaço era que havia poderosas mulheres negras pensadoras lá, mas elas não estavam falando. Creio, em certa medida, que esse recuo seja sobre quem ouve.

Isso tem a ver com questões de parentesco e história. Pensando em minha intimidação ao falar com você, estou ciente de que há mulheres brancas pensadoras feministas que poderiam falar com você com um maior senso de conforto, mas eu acho que, e você pode me criticar sobre isso, isso é parcialmente, porque eu me vejo em um parentesco mais próximo a você. Por exemplo, quando eu ensinei meus alunos sobre o seu trabalho, nós estávamos lendo “The Formation of a Diasporic Intellectual”, a entrevista que você fez com a Kuan-Hsing Chen, em 1996, e quando chegou na parte sobre sua irmã, em uma classe de mulheres afro-caribenhas, para a maior parte, todas as mulheres negras e uma mulher branca, cada mulher negra da classe, incluindo eu mesma, sentiu que éramos sua irmã e que o seu destino era o nosso destino, de uma forma que a única estudante branca na sala não sentiu.

Stuart: Compreendo isso perfeitamente. É difícil transferir isso para o cenário mais amplo. É porque a raça é tão intrínseca a essa experiência.

bell: Mas em termos de falar, de sentir que você pode responder a algo, esse senso de interrogação vem às vezes com a sensação de que você é o parente mais próximo. Torna-se um vínculo familiar simbólico, no sentido de que tem sido historicamente mais difícil para as mulheres negras trazer uma crítica feminista para carregar sem pensar sobre quais são as implicações em termos de identidade racial e solidariedade racial. Temos trabalhado para superar essa intimidação. Em muitos aspectos, nunca senti essa intimidação e acho que é geracional novamente. Parte do que me separa de

17

some of the older black women Marxist feminists is that I was a young student in the seventies. I came into Marxist thinking from feminism, and that is an altogether different location of power and of voice.

Stuart: Those generational questions are very seriously neglected.

bell: A lot of those black women thinkers resent people like myself, a person who could say that comment about Oprah Winfrey and not think it was a charged negation of her. It was in fact that older generation of feminists that felt it was a violent put down and a mockery of sisterhood. I saw it as hard hitting critique.

Stuart: There are those generational differences, and the story in relation to the Center is also important in this context. Having begun to be transformed by this feminist experience, once one found a voice, a different voice, within the conversations that were going on within the feminist movement in Birmingham at the time, the question was, "What impact is that going to have on cultural studies?" My memory of it, although it is sometimes contested in its history and detail, is that two of us men at the Center who were living with feminists and who were involved in this maelstrom proposed that feminism should be introduced into the Center. You can imagine what a ridiculous notion this was that we were going to parachute feminism in. It didn't really take the first time. We wanted to bring in two outside writers to socialize feminist ideas. People were not particularly interested. They were not particularly feminists. They were not particularly involved. When feminism did come as an autonomous force we were the objects, inevitably, of another kind of public silencing which of course we felt deeply

17

algumas das mulheres negras mais velhas feministas marxistas é que eu era uma jovem estudante na década de 70. Entrei no pensamento marxista do feminismo e essa é uma localização completamente diferente de poder e de voz.

Stuart: Essas questões geracionais são seriamente negligenciadas.

bell: Muitas dessas mulheres negras pensadoras ressentem pessoas como eu, uma pessoa que podia dizer esse comentário sobre a Oprah Winfrey e não pensar que era uma negação carregada dela. Foi, de fato, essa geração mais velha de feministas que sentiu que isso era uma repressão violenta e um escárnio da irmandade. Eu vi isso como uma crítica contundente.

Stuart: Existem essas diferenças geracionais, e a história em relação ao Centro também é importante nesse contexto. Tendo começado a ser transformado por esta experiência feminista, uma vez que se encontrou uma voz, uma voz diferente, dentro das conversas que estavam acontecendo dentro do movimento feminista em Birmingham na época, a questão foi: "Que impacto isso vai ter nos estudos culturais?" A minha lembrança disso, embora por vezes seja contestada em sua história e detalhes, é que dois de nós homens no Centro que estavam vivendo com feministas e que estavam envolvidos nesse turbilhão propôs que o feminismo deveria ser introduzido no Centro. Você pode imaginar que noção ridícula era essa de que íamos saltar de pára-quadras para o feminismo. Realmente não demorou muito a primeira vez. Queríamos trazer dois escritores de fora para socializar ideias feministas. As pessoas não estavam particularmente interessadas. Elas não eram particularmente feministas. Elas não estavam particularmente envolvidas. Quando o feminismo veio como uma força autônoma, nós éramos os objetos, inevitavelmente, de outro tipo de

resentful about. The idea that we would try to stop them was a completely mistaken notion. Now I am not trying to defend the notion. I am trying to recreate the psychological view. We tried to get this thing in, and the women were not interested. Then, to be blamed for not responding

18

when feminism descended was inevitable. The word was full of double moves like this. Misunderstandings were everywhere. That is what I meant by feminism crapping on the coffee table.

bell: Do you think that we now can understand more that that was part of the political process in the same way that black women trying to bring the discussion of race into feminism were perceived as another kind of crapping on the table? There was a ferociousness with which white women tried to silence me ten to twenty years ago, and yet now I can have an incredible sense of delight to see so many of those women using race as a part of reshaping their political imaginations and their actions. But at the time nobody wanted to hear it. The discourse of race is so permeated in feminist studies and cultural studies that people have already forgotten the incredible hostility at its introduction.

Stuart: I am sure you know from the work Paul has written that the same thing happened around race at the Center, exactly the same.

Everyone is a good liberal, sensitive to questions of race, until a group wants to start that is going to study this, and then all hell breaks loose.

Now that this is everywhere, including cultural studies, everyone has completely forgotten those resistances.

silenciamento público que, claro, nos resentíamos profundamente. A ideia de que tentaríamos pará-las era uma noção completamente errada. Agora não estou tentando defender a ideia. Estou tentando recriar a visão psicológica. Nós tentamos fazer com que isso acontecesse e as mulheres não estavam interessadas. Então, ser responsabilizado por não responder

18

quando o feminismo reduziu era inevitável. A palavra estava cheia de movimentos duplos como este. Os mal-entendidos estavam por todo lado. Era isso que eu queria dizer com feminismo cagando na mesa de café.

bell: Você acha que agora podemos entender mais que isso fazia parte do processo político da mesma forma que as mulheres negras tentando trazer a discussão da raça para o feminismo eram vistas como outro tipo de cagar na mesa? Houve uma ferocidade com a qual as mulheres brancas tentaram me silenciar de dez a vinte anos atrás, mas agora posso ter uma incrível sensação de prazer ao ver tantas dessas mulheres usando a raça como parte da remodelação de suas imaginações políticas e suas ações. Mas na época ninguém queria ouvir. O discurso da raça é tão permeado nos estudos feministas e nos estudos culturais que as pessoas já esqueceram a incrível hostilidade em sua introdução.

Stuart: tenho certeza que você sabe pelo trabalho que Paul escreveu que a mesma coisa aconteceu em torno da corrida no Centro, exatamente a mesma coisa.

Todo mundo é um bom liberal, sensível às questões raciais, até que um grupo queira começar a estudar essa questão, e depois o inferno desaba.

Agora que isso está em todo lugar, incluindo nos estudos culturais, todos esqueceram completamente essas resistências.

There is more to be said about that. One facet of it is that when you are involved in that struggle you live it moment by moment in each of its contradictory forms, and you can't surmount that to see that this is part of a long struggle. Another aspect is, which is the aspect that interested me most about the Center, the nature of unconscious resistance. By then I had no conscious resistances at all. I was completely in favor of everything, but I had unconscious resistances. I wouldn't let certain texts be included in the lead provision in the M.A. I even had sophisticated reasons why the people, the men, who were already there were the ones who we all needed to study. It seemed perfectly logical to me. It had nothing to do with my feelings about feminism. The level of archaic feelings are for me now

19

completely astonishing, but at the time they were very real. You have to appreciate that this was inside a Center that was trying to be more democratic, where against the grain, we had open discussions, had meetings and took votes that told teachers what to do. It was a very democratic place. Despite this, attempts were made within that democratization to reserve power by a certain kind of man, by a certain kind of masculine formation, and this tells you something about the level at which authority operates day by day which most people do not talk about. They don't talk about this level. This is the level at which it actually operates, unrolls from moment to moment, from one side to the other.

bell: What allows you to finally face that unconscious resistance? I believe that that is the tension that so many women active in feminist politics feel, particularly thinking of separatist feminists, that most men never reach the point where they interrogate that unconscious resistance.

Há mais para ser dito sobre isso. Uma faceta disso é que quando você está envolvido nessa luta você a vive momento a momento em cada uma de suas formas contraditórias e você não pode superá-la para ver que isso faz parte de uma longa luta. Outro aspecto é, que é o aspecto que mais me interessou sobre o Centro, a natureza da resistência inconsciente. Até então, eu não tinha nenhuma resistência consciente. Eu era completamente a favor de tudo, mas tinha resistências inconscientes. Eu não deixaria que certos textos fossem incluídos na provisão principal no M. A.. Eu até tive razões sofisticadas, porque as pessoas, os homens, que já estavam lá eram aqueles que todos nós precisávamos estudar. Pareceu perfeitamente lógico para mim. Não teve nada a ver com os meus sentimentos sobre o feminismo. O nível de sentimentos arcaicos é para mim agora

19

completamente surpreendente, mas naquele momento eles eram muito reais. Você tem que entender que isso foi dentro de um Centro que estava tentando ser mais democrático, onde contra a corrente, tivemos discussões abertas, tivemos reuniões e votações que disseram aos professores o que fazer. Era um lugar muito democrático. Apesar disso, foram feitas tentativas dentro dessa democratização para reservar o poder por um certo tipo de homem, por um certo tipo de formação masculina e isso nos diz algo sobre o nível em que a autoridade opera no dia a dia em que a maioria das pessoas não fala. Eles não falam sobre esse nível. Esse é o nível em que ela realmente opera, desloca de momento a momento, de um lado ao outro.

bell: O que te permite finalmente enfrentar essa resistência inconsciente? Creio que essa é a tensão que tantas mulheres ativas na política feminista sentem, especialmente pensando em feministas separatistas, que a maioria dos homens nunca chega ao ponto de interrogar essa resistência inconsciente.

Stuart: I was astonished to find it in myself, and I hated being put in that position. That is why I left the Center. I refused to be in the patriarchal position. There were only three teachers in the Center, and the rest of the people who made up the Center were graduate students.

There was no other place to go but to the head, patriarchal, old leader.

There was just no space to move. I realized that you couldn't be in that position and facilitate. I could never do it. They didn't want me to do it, and quite rightly they didn't want me to do it. They wanted to do it for themselves, but I couldn't stand that they had to do it for themselves against me when I didn't want to be in that space. So I lost the unconscious investment I had in that space and I had to get out. I left because it was just not possible for me to be in that position anymore.

I stepped sideways into another version of myself, but I wasn't able to become another version of myself and maintain the structural position I had in the Center.

20

bell: That sense of displacement is exactly what many men continue to fear about feminism. It is that part of the process of decolonizing one's mind in terms of sexism that requires specific shifts in perspective.

Stuart: Of course it is. I knew that from the very first moment. I had resisted it personally, and then kind of came to terms with it. Then I thought I had moved it forward publicly, but then I really resisted it publicly. I had to come to terms with that. That resistance is certainly there all the way along.

Stuart: Fiquei espantado ao encontrá-la em mim mesmo e detestei ser colocado nessa posição. Foi por isso que saí do Centro. Recusei-me a estar na posição patriarcal. Havia apenas três professores no Centro e o resto das pessoas que formavam o Centro eram estudantes graduados.

Não havia outro lugar para ir além do velho líder de cabeça patriarcal.

Não havia espaço para se mover. Percebi que não podia estar nessa posição e facilitar. Nunca conseguiria fazer isso. Eles não queriam que eu fizesse isso e com toda a razão não queriam que eu fizesse isso. Eles queriam fazer por eles mesmos, mas eu não suportava que tivessem de fazer isso por eles mesmos contra mim, quando eu não queria estar naquele espaço. Então, perdi o investimento inconsciente que tinha naquele espaço e tive de sair. Fui embora, porque já não era possível estar nessa posição.

Eu recuei para outra versão de mim mesmo, mas eu não era capaz de me tornar outra versão de mim mesmo e manter a posição estrutural que eu tinha no Centro.

20

bell: Esse sentimento de deslocamento é exatamente o que muitos homens continuam a temer sobre o feminismo. É essa parte do processo de descolonização da mente em termos de sexismo que requer mudanças específicas de perspectiva.

Stuart: Claro que é. Soube disso desde o primeiro momento. Eu resisti a isso pessoalmente e então meio que cheguei a um acordo com isso. Depois pensei que o tinha feito avançar publicamente, mas depois eu realmente resisti a isso publicamente. Tive que chegar a um acordo com isso. Essa resistência está certamente lá desde o início.

bell: To conclude this, I want to return to the moment when all of us were thinking that we were your sister. Your sister was left at home, and you were able to move. I have been questioning symbolically why that touched us all so deeply. There is the sense that the black man is able to move in the diaspora, and the black female is trapped, is caught.

Stuart: That is the guilt of my life. I was determined to move. I knew I wanted to move. I said I wanted to move, but I didn't know it would be for good. Actually, unconsciously I was never going back, because I would be going back to her space, to that space which is a space that was prepared for all of us. All of us should have been where she was.

She was in the hospital. All of us were meant to be there. But I got out, and she couldn't.

bell: It is interesting for me to think about this in terms also of what we were saying at the conference about Frantz Fanon not returning home. I do see it as a political project in the symbolic sense of home, both to have this conversation with you, this series of conversations, and the conversations that I had with Cornel, to create the notion of a feminist solidarity between black women and men existing on the level of the discourse of relationships, of personal relationships, trying to talk about the significance of that intellectual dialogue that allows us both to leave home.

21

Stuart: I understand that it would be that moment, because I understand that it would be a very representative experience for all of us, which is to say, that we are already not at home. It is all written in the stars that at some

bell: Para concluir, quero voltar ao momento em que todos nós estávamos pensando que éramos sua irmã. Sua irmã foi deixada em casa e vocês conseguiram se mudar. Tenho questionado simbolicamente por que isso nos tocou tão profundamente. Há a sensação de que o homem negro é capaz de se mover na diáspora e a mulher negra fica presa, é pega.

Stuart: Essa é a culpa da minha vida. Estava determinado a me mudar. Eu sabia que queria me mudar. Disse que queria me mudar, mas não sabia que seria para sempre. Na verdade, inconscientemente eu nunca voltaria, porque eu voltaria para o espaço dela, para aquele espaço que é um espaço que foi preparado para todos nós. Todos nós devíamos ter estado onde ela estava.

Ela estava no hospital. Todos nós estávamos destinados a estar lá. Mas eu saí e ela não conseguiu.

bell: É interessante para mim pensar nisso também em termos do que estávamos dizendo na conferência sobre Frantz Fanon não voltar para casa. Eu vejo isso como um projeto político no sentido simbólico da casa, tanto para ter esta conversa com você, esta série de conversas e as conversas que eu tinha com Cornel, para criar a noção de uma solidariedade feminista entre mulheres e homens negros existente no nível do discurso, das relações, das relações pessoais, tentando falar sobre o significado desse diálogo intelectual que nos permite a ambos deixar a casa.

21

Stuart: Entendo que seria esse o momento, porque entendo que seria uma experiência muito representativa para todos nós, ou seja, que já não estamos em casa. Está tudo escrito nas estrelas que, em algum momento, nós também deveríamos sair de onde viemos para

moment we should also leave where we have come to call home.

Some people leave and some don't, and there is the impossibility then, or the difficulty of then building any kind of bridge back to what that was that isn't just a relationship about return, nostalgia, or romanticizing it. I feel an umbilical cord to the space of home, and yet I can't possibly have gone home. I feel both things as profoundly as ever. In a way I never left it. In another way I left it from the beginning, because I never felt that I belonged. I wanted to get out. What I watched happen to my sister at seventeen was part of the whole situation of our family, and it is not just our family because our family was representative of a whole class in a colonial culture, and I knew everything that had made her ill was designed to make all of us ill. I was already ill from it, but I knew if I stayed there I would die, not only emotionally, but spiritually. I knew I would completely perish.

bell: I was saying that it was feminism that allowed me to leave home, and part of why my intellectual focus has continued to bring feminism into the discourse of race, and into concrete politics of black life in the diaspora, has been because I feel that black women will never be able to leave home without it.

Stuart: Of course, it wasn't feminism that made me leave home. It was too early for that. It was race. Race in a very complicated way. It was race in the colonial setting, race inside my family, not black/white race, but the way in which my family had internalized race, and then used it as a way of categorizing the world. It was my awareness of race in that sense, and I never lost that notion of race as both a public structure and a psychic, personal experience. I just don't understand the separation that is sometimes made between these two things.

ir para casa.

Algumas pessoas partem e outras não, e há a impossibilidade, então, ou a dificuldade de então construir qualquer tipo de ponte de volta ao que era, que não é apenas uma relação sobre retorno, nostalgia, ou romantizar isso. Sinto um cordão umbilical no espaço de casa, mas não posso ter voltado para casa. Sinto as duas coisas tão profundamente como sempre. De uma forma que nunca fui embora. De outra forma, fui embora desde o início, porque nunca senti que pertencia. Eu queria sair. O que vi acontecer à minha irmã aos 17 anos foi parte de toda a situação da nossa família, e não é apenas a nossa família, porque a nossa família era representativa de toda uma classe numa cultura colonial e eu sabia que tudo o que a tinha adoecido foi concebido para nos fazer adoecer a todos. Eu já estava doente disso, mas sabia que se ficasse lá, morreria, não só emocionalmente, mas espiritualmente. Eu sabia que pereceria completamente.

bell: Eu estava dizendo que foi o feminismo que me permitiu sair de casa, e parte da razão pela qual o meu foco intelectual continuou a trazer o feminismo para o discurso da raça e para políticas concretas de vida negra na diáspora foi porque eu sinto que as mulheres negras nunca serão capazes de sair de casa sem ele.

Stuart: Claro, não foi o feminismo que me fez sair de casa. Era muito cedo para isso. Foi a raça. Raça em uma forma muito complicada. Foi raça no cenário colonial, raça dentro da minha família, não raça preto/branco, mas a forma como a minha família tinha interiorizado a raça e a usava como uma forma de categorizar o mundo. Era a minha consciência de raça nesse sentido e nunca perdi essa noção de raça como uma estrutura pública e uma experiência psíquica e pessoal. Só não entendo a separação que às vezes é feita entre essas duas coisas.

My sister was psychologically, profoundly damaged by the racist nature of the colonial culture.

22

bell: But also, that that culture converged with gender politics.

Stuart: Yes, but I didn't understand that at the time. I left because of race, but it was afterwards that feminism made me understand why she couldn't leave and I could leave. That was a dimension that I didn't understand until much later on.

bell: Was that any kind of solace?

Stuart: No, it is no solace at all. It is compounded further. But it made me understand.

bell: I mean in the sense that it took away the personal implication, it should take away the sense that there was anything that you, personally, could have done.

Stuart: Yes, that is true.

bell: Why do you think, knowing what we know, it has been so difficult to continue to bring that feminist element into the discourses of race, particularly those that are coming from a black nationalist standpoint?

Stuart: I don't understand it really. I don't know why that is so, because as soon as you reflect very deeply on what race means in terms of the shaping of people's lives it breaks along gender lines immediately.

A minha irmã estava psicologicamente, profundamente, danificada pela natureza racista da cultura colonial.

22

bell: Mas também, que essa cultura convergiu com política de gênero.

Stuart: Sim, mas não percebi isso naquela época. Saí por causa da raça, mas foi depois que o feminismo me fez entender porque ela não podia sair e eu podia sair. Essa era uma dimensão que eu não entendia até muito mais tarde.

bell: Isso foi algum tipo de consolo?

Stuart: Não, não é consolo nenhum. É agravado ainda mais. Mas me fez entender.

bell: Quero dizer, no sentido de que tirou a implicação pessoal, deveria tirar a sensação de que havia algo que você, pessoalmente, poderia ter feito.

Stuart: Sim, é verdade.

bell: Por que você acha, sabendo o que sabemos, que tem sido tão difícil continuar trazendo esse elemento feminista para os discursos da raça, particularmente aqueles que vêm de um ponto de vista nacionalista negro?

Stuart: Eu realmente não entendo isso. Eu não sei porque isso é assim, porque assim que você refletir muito profundamente sobre o que a raça significa em termos de moldar a vida das pessoas, ela se desfaz em linhas de gênero imediatamente.

I have never understood how you could see the one without somehow seeing the other, but it is clear that it is possible. Not only that, but there is a certain kind of political discourse which isn't able to handle that doubleness of the categories, the thinking in two ways which that way of understanding requires.

bell: It also goes back to the fact that that understanding cannot happen without a rupture. It then becomes a deconstruction and a breaking apart of what has come before that we then have to rebuild. I think that there have been a lot of black male political thinkers and public intellectuals that don't want to have to do the work. That is why I am still quite impressed

23

by women in the feminist movement and those white women who were willing, in fact, to allow themselves to be transformed by that rupture. I still see feminism as an exemplary political movement on that particular terrain. I feel that many people don't want to see this about feminism. It wasn't like we just said the feminist movement is racist and left it there, but, in fact, there were these concrete ruptures that then lead to a rethinking of the direction of the movement. But it did create an enormous sense of loss for a lot of people who were nostalgic for that earlier version of feminism, and who remain nostalgic for that earlier version of feminism.

Stuart: Yes, and the resistances do come also from a certain nostalgia for an earlier form of life. At that level, the patriarchal nature of a great deal of black culture is a

Eu nunca entendi como você poderia ver um sem de alguma forma ver o outro, mas é claro que é possível. Não só isso, mas há um certo tipo de discurso político que não é capaz de lidar com essa duplicidade das categorias, o pensamento das duas maneiras que essa maneira de entender requer.

bell: Isso também remonta ao fato de que essa compreensão não pode acontecer sem uma ruptura. Torna-se então uma desconstrução e uma ruptura do que veio antes que nós então temos que reconstruir. Acho que tem havido muitos pensadores políticos masculinos negros e intelectuais públicos que não querem ter de fazer o trabalho. É por isso que ainda estou bastante impressionada

23

com mulheres no movimento feminista e aquelas mulheres brancas que estavam dispostas, de fato, a se permitir ser transformadas por essa ruptura. Continuo a ver o feminismo como um movimento político exemplar nesse terreno específico. Sinto que muitas pessoas não querem ver isto sobre o feminismo. Não foi como acabamos de dizer que o movimento feminista é racista e deixa como está, mas, na verdade, houve essas rupturas concretas que, em seguida, levam a um repensar da direção do movimento. Mas criou um enorme sentido de perda para muitas pessoas que estavam nostálgicas por essa versão anterior do feminismo e que permanecem nostálgicas por essa versão anterior do feminismo.

Stuart: Sim, e as resistências vêm também de uma certa nostalgia por uma forma de vida anterior. Nesse nível, a natureza patriarcal de uma grande parte da cultura negra é uma

kind of compensation for all that is experienced in the oppression and subordination of race.

bell: That is what I would like our next discussion to be about, the notion of home and homecoming, because in order for us to move past this we have to reinvent the notion of home. As long as home is that nostalgic return to the patriarchal household then it can never allow feminism to come through the window or the door.

Stuart: It doesn't allow the rupture to reach those levels of disturbance which make people transform themselves and take on a transformed politics as well.

bell: I was thinking about Paul Gilroy talking about how black Americans seem to be particularly hung up on the idea of family as the only site of renewal which takes us back again and again to the patriarchal paradigm. We certainly saw that with Farrakhan and The Million Man March.

Stuart: I agree with what he says about that. Historically it is perfectly intelligible why that is so.

bell: Why?

24

Stuart: The constitution of the family itself under slavery was an act of resistance. It is so tied up with freedom, autonomy, and reclaiming control over your life. It obviously has a very powerful, positive resonance about it. Then there is the absence of the other structures. For instance, there has never been any kind of adequate national, political representation of black people. They are excluded from so many of the civil structures

espécie de compensação para tudo o que é experimentado na opressão e subordinação da raça.

bell: É sobre isso que eu gostaria que a nossa próxima discussão fosse, sobre a noção de casa e do voltar para casa, porque para superarmos isso temos que reinventar a noção de casa. Enquanto a casa for o regresso nostálgico à casa patriarcal então nunca poderá permitir que o feminismo entre pela janela ou pela porta.

Stuart: Não permite que a ruptura atinja os níveis de perturbação que fazem as pessoas se transformarem e assumirem uma política transformada também.

bell: Eu estava pensando em Paul Gilroy falando sobre como os negros americanos parecem estar particularmente pendurados na ideia de família como o único local de renovação que nos leva de novo e de novo ao paradigma patriarcal. Nós certamente vimos isso com Farrakhan¹⁰ e a Marcha de um Milhão de Homens (Million Man March).

Stuart: Concordo com o que ele diz sobre isso. Historicamente, é perfeitamente compreensível por que isso acontece.

bell: Por que?

24

Stuart: A constituição da própria família sob a escravidão foi um ato de resistência. Está tão ligada à liberdade, à autonomia e à recuperação do controle sobre a sua vida. Obviamente tem uma ressonância muito poderosa e positiva sobre ela. Depois, há a ausência das outras estruturas. Por exemplo, nunca houve qualquer tipo de representação nacional e política adequada dos negros. Eles estão excluídos de tantas estruturas civis da

¹⁰ Louis Haleem Abdul Farrakhan é o líder religioso que organizou a Marcha de um Milhão de Homens.

of society that inevitably the family is a kind of last refuge, the first refuge and the last refuge. It's not surprising, but nevertheless, it is a problem, a problem for us all. The Jamaican case is slightly different. The family is strongly valued. It's not something so ideologically pushed. It's more emotionally there. Actually, the family is the functioning unit which everybody is attached to and defending, and particularly men leave, move from one family to another, from their mother's family to their wives. They don't leave that emotionally until they move to their wives or their own constituency's family.

This stepping from family to family is very important, especially among middle-class people. Amongst more popular communities where the position of women has been absolutely central, as you know, it is very much matrifocal, matrifocal but within a patriarchal dominant society.

This split in Jamaica inside the black family itself, with women being the only binding and consistent force that has remained there, and yet, in a certain very important way sexually, quite often financially, in relation to the property, in relation to authority of the children having very little power. This double tension makes it a place to go back to, to resolve problems that may reconstitute something or other like that in the next generation. It is a real, deep problem particularly for post-slave plantation diaspora societies.

bell: You just hit upon a crucial misunderstanding. Certainly, as a feminist thinker in the last twenty years, the major problem I have in talking to diverse black communities is that people want to say, "We are

sociedade que, inevitavelmente, a família é uma espécie de último refúgio, o primeiro refúgio e o último refúgio. Não é surpreendente, mas no entanto, é um problema, um problema para todos nós. O caso jamaicano é ligeiramente diferente. A família é muito valorizada. Não é algo tão ideologicamente empurrado. É mais emocionalmente lá. Na verdade, a família é a unidade funcional a que todos estão ligados e defendendo e particularmente os homens partem, mudam de uma família para outra, da família da mãe para as esposas. Eles não a deixam emocionalmente até se mudarem para as suas esposas ou para a família que eles próprios constituíram.

Esse passo de família para família é muito importante, especialmente entre as pessoas de classe média. Entre as comunidades mais populares, onde a posição das mulheres tem sido absolutamente central, como sabem, é muito matrifocal, matrifocal, mas dentro de uma sociedade patriarcal dominante.

Essa divisão na Jamaica dentro da própria família negra, com as mulheres sendo a única força vinculativa e consistente que permaneceu lá, e ainda, de uma certa forma muito importante sexualmente, muitas vezes financeiramente, em relação à propriedade, em relação à autoridade das crianças tendo muito pouco poder. Essa dupla tensão faz dela um lugar para voltar, para resolver problemas que podem reconstituir algo ou outro parecido na próxima geração. Trata-se de um problema real e profundo particularmente para as sociedades de diáspora pós-escravatura.

bell: Você acabou de se deparar com um mal-entendido crucial. Certamente, como uma pensadora feminista nos últimos vinte anos, o maior problema que eu tenho em falar com diversas comunidades negras é que as pessoas querem dizer: "Nós somos

completely woman dominated.” To have people understand the difference between that matrifocal, yet still patriarchal base is always the one-hundred-dollar misunderstanding. It’s still the primary dilemma around gender and race in the United States.

Stuart: I agree. Is it possible to understand masculinity without that double institution?

bell: Actually, that was my other choice of focus for these beginning conversations: masculinity, because that is where there has been the least reworking.

Stuart: That is true in practice. Again you can see exactly why, with emasculation being so central to the whole slave, and post-slave cultures, that the claiming of masculinity takes a certain form. What surprises me is that people who have been through that, even though they are psychologically and psychically formed by that experience, can’t stand sufficiently outside of it to understand the way in which they reenact the drama outside and inside the space of the family. That has been a consistent temptation and tendency.

bell: That is why the work of black gay male theorists has been so important, because globally they appear to be that group of people, in terms of black masculinity and masculinity in general, that have been willing to stand outside. Largely because, on one level, the very fact of homosexuality means that they’re always outside to begin with.

Stuart: Yes, they simply cannot recapitulate the battle, because they are already outside of it so that they have a way into it which comes at it from a different angle. Also, very substantially, and again historically one can understand why, but because this is so tied up

completamente dominados por mulheres”. Ter as pessoas entendendo a diferença entre essa base matrifocal, mas ainda patriarcal, é sempre o mal-entendido de cem dólares. Ainda é o principal dilema em torno de gênero e raça nos Estados Unidos.

Stuart: Concordo. É possível entender a masculinidade sem essa dupla instituição?

bell: Na verdade, essa foi a minha outra escolha de foco para essas conversas iniciais: masculinidade, porque foi aí que houve o menor retrabalho.

Stuart: Isso é verdade na prática. Novamente, você pode ver exatamente porque, com a castração sendo tão central para todo escravo e culturas pós-escravos, que a reivindicação da masculinidade toma uma certa forma. O que me surpreende é que as pessoas que passaram por isso, apesar de serem psicológica e psiquicamente formadas por essa experiência, não podem ficar suficientemente fora dela para entender a maneira como reencenam o drama fora e dentro do espaço da família. Essa tem sido uma tentação e uma tendência consistentes.

bell: É por isso que o trabalho dos teóricos masculinos gays negros tem sido tão importante, porque globalmente eles parecem ser aquele grupo de pessoas, em termos de masculinidade negra e masculinidade em geral, que tem estado disposto a ficar do lado de fora. Em grande parte porque, em um nível, o próprio fato da homossexualidade significa que eles estão sempre fora para começar.

Stuart: Sim, eles simplesmente não podem recapitular a batalha, porque eles já estão fora dela para que tenham uma maneira de entrar nela que venha de um ângulo diferente. Além disso, muito substancialmente e novamente historicamente se pode entender porque, mas,

with the body. The fact is that a lot of that work by black gay theorists has taken the form of visual work, of film, of painting, of the use of imagery, of attention

26

to the black body. The refiguring of the black body is so important that it actually is the only way of getting past some of the constructions that have been put in place, through to where the complexities of the feelings are where this double inscription really operates.

bell: But once again, we saw at the Fanon conference in the discussion about the portrayal of sodomy in Raoul Peck's film, *The Man by the Shore*, this complete unwillingness on the part of "the straight mind," to use Monique Wittig's phrase, to comprehend what was being presented. We were seeing the straight mind in action when audiences could not conceptualize the vital signification of that particular moment in the film.

Stuart: I thought it was a riveting moment. I like Raoul Peck very much as a person. I respect his work. I thought the film was very powerful.

I thought that scene was very powerful, and yet, when he came to talk about it, it was as if he could not see what he himself had put into motion.

Stuart: I do agree with you.

bell: It is making me wonder then how, if underlying the inability of black masculinity to make a break with patriarchy is the overwhelming fear of homosexuality how then can we intervene in any way? One of the major interventions has been against the prevailing assumption that if we in any way affirm diverse sexual practices we are denying the black family. Most people don't

porque isso está tão amarrado com o corpo. O fato é que muito desse trabalho feito por teóricos gays negros tem tomado a forma de trabalho visual, de filme, de pintura, do uso de imagens, de atenção

26

ao corpo negro. A remodelação do corpo negro é tão importante que é realmente a única maneira de passar por algumas das construções que foram colocadas no lugar, através de onde as complexidades dos sentimentos estão, onde esta inscrição dupla realmente opera.

bell: Mas, mais uma vez, vimos na Conferência de Fanon na discussão sobre o retrato da sodomia no filme de Raoul Peck, *"The Man by the Shore"*, essa total falta de vontade por parte "da mente heterossexual", para usar a frase de Monique Wittig, de compreender o que estava sendo apresentado. Estávamos vendo a mente heterossexual em ação quando o público não podia conceitualizar o significado vital daquele momento particular no filme.

Stuart: Pensei que foi um momento fascinante. Gosto muito do Raoul Peck como pessoa. Respeito o trabalho dele. Achei o filme muito poderoso.

Pensei que aquela cena foi muito poderosa, mas, quando ele veio falar sobre isso, era como se ele não pudesse ver o que ele próprio tinha posto em movimento.

Stuart: Realmente concordo contigo.

bell: Isso me faz pensar, então, como, se subjacente à incapacidade da masculinidade negra para fazer uma ruptura com o patriarcado é o medo esmagador da homossexualidade, como então podemos intervir de alguma forma? Uma das principais intervenções tem sido contra a suposição dominante de que, se de alguma forma afirmamos práticas sexuais diversas, estamos

want to acknowledge that most black gays and lesbians, particularly if they are over 30, usually have come out of traditional marriages, and usually have children. There is a myth of black gayness being anti-family, because black gayness has not constituted itself in the ways of the norm which white gayness has constituted itself upon.

Stuart: Or that white gayness is trying to constitute itself as. That is true, but in some ways this should take us back, not just to the question of masculinity and the challenge of gay black masculinity, to the

27

masculine norms, but to the family itself. It is a very particular image of the family that sets itself up as inevitable, and in all instances, opposed by the fact of sexual diversity. It is because we think that the family requires a certain kind of sexual monogamy, and a certain kind of prescription of sexual identities. All of that other stuff is loaded onto the image of the family, but then we get a polarization. You are either in this camp, or in that camp. Whereas, the wider context is really trying to rethink, to relive, to reconfigure all of those relationships across the spectrum. The persistence of sexual jealousy within the monogamous, heterosexual family, is itself a problem. It's a problem for the family. It's a problem for not only those who break it, it's a problem for the family itself, because it very often maintains and requires all kinds of falsifications in order to preserve it intact. There are many other roots to families living together which can accept a much wider diversity of practices throughout people's lives, at different stages of people's lives. This includes the notion that marriage is continually renegotiated,

negando a família negra. A maioria das pessoas não quer reconhecer que a maioria dos gays e lésbicas negros, especialmente se eles têm mais de 30 anos, geralmente saíram de casamentos tradicionais e geralmente têm filhos. Há um mito de a homossexualidade negra ser antifamília, porque a homossexualidade negra não se constituiu nos caminhos da norma em que a homossexualidade branca se constituiu.

Stuart: Ou que a homossexualidade branca está tentando se constituir como tal. Isso é verdade, mas em alguns aspectos isso deve nos levar de volta, não apenas à questão da masculinidade e ao desafio da masculinidade negra gay, para as

27

normas masculinas, mas para a própria família. É uma imagem muito particular da família que se configura como inevitável, e em todos os casos, contrariada pelo fato da diversidade sexual. É porque pensamos que a família requer um certo tipo de monogamia sexual e um certo tipo de pré-inscrição de identidades sexuais. Todas essas outras coisas estão carregadas na imagem da família, mas então temos uma polarização. Ou está nesse campo, ou naquele campo. Enquanto que o contexto mais amplo está realmente tentando repensar, reviver, reconfigurar todas essas relações em todo o espectro. A persistência do ciúme sexual dentro da família monogâmica, heterossexual, é por si só um problema. É um problema para a família. É um problema para não só aqueles que a quebram, é um problema para a própria família, porque muitas vezes mantém e requer todo o tipo de falsificações para preservá-la intacta. Há muitas outras raízes nas famílias que vivem juntas que podem aceitar uma diversidade muito maior de práticas ao longo da vida das pessoas, em diferentes fases da vida das pessoas. Isso inclui a noção de que o casamento é continuamente renegociado, incluindo a dimensão sexual. Não são apenas as formas

including the sexual dimension. It is not just the alternative forms. It is inside the dominant form. It is our image of the dominant form itself which is so unyielding, and which has, for certain good reasons, been, with certain differences, recapitulated inside of black culture in a subordinate position that holds the whole structure together. In a sense, a heterosexual matrix operates and inscribes both those inside it and outside it. That is really a profound area where questions of gender and sexuality, and questions of race come together.

bell: That has been one of my major areas of disagreement with Paul Gilroy, because I don't feel that the idea of family, in and of itself, is necessarily only a conservative and reactive site. I believe it is our inability to expand the concept of family. The family remains a location of self-determination. For instance, part of why Harriet Tubman starts a school in her house, in her living room, part of why so much civil

28

rights activism starts in the living room or the kitchen, is because those are the spaces, finally, that people have some control over. In grappling with domestic space and family, my question is why such a conservative vision of the family has prevailed. I just finished writing a piece about my grandparents who were married for seventy some years, and how when I was growing up I didn't know any of these older black couples who shared rooms. I had no concept that you were going to grow up, marry somebody, and sleep in the same room with them for seventy-some-years. They each had their separate rooms with their separate kinds of personalities. It is what I call continually "the oppositional world view" that nobody really wants to look at. People don't really want to see how much racial

alternativas. Está dentro da forma dominante. É a nossa imagem da própria forma dominante, que é tão inflexível, e que, por determinadas boas razões, tem sido, com algumas diferenças, recapituladas dentro da cultura negra em uma posição subordinada que mantém toda a estrutura. Em certo sentido, uma matriz heterossexual opera e inscreve tanto aqueles dentro como fora dela. Essa é realmente uma área profunda onde questões de gênero e sexualidade e questões de raça aparecem juntas.

bell: Essa tem sido uma das minhas principais áreas de desacordo com Paul Gilroy, porque eu não sinto que a ideia de família, por si só, é necessariamente apenas um espaço conservador e reativo. Creio que é a nossa incapacidade de expandir o conceito de família. A família continua a ser um local de autodeterminação. Por exemplo, parte do motivo de Harriet Tubman começar uma escola em sua casa, em sua sala de estar, parte do porquê de tanto ativismo por

28

direitos civis começar na sala de estar ou na cozinha, é porque esses são os espaços, finalmente, que as pessoas têm algum controle. Ao lidar com o espaço doméstico e a família, a minha pergunta é: por que razão prevaleceu uma visão tão conservadora da família?. Eu acabei de escrever um artigo sobre meus avós que foram casados por setenta e alguns anos e como quando eu estava crescendo eu não conhecia nenhum desses casais negros mais velhos que compartilhavam quartos. Não sabia que você cresceria, casaria com alguém e dormiria no mesmo quarto com eles durante 70 anos. Cada um deles tinha seu quarto separado com seus tipos separados de personalidades. Isso é o que eu chamo continuamente de "visão de mundo de oposição" que ninguém realmente quer olhar. As pessoas realmente

integration, and the desire to assimilate to a bourgeois norm truly altered the family as it had previously been conceived in its diversity. For many of us growing up in the apartheid South, in my own small southern community there were prominent gay black men who adopted children, who lived with men, but who daily visited their real families and their real parents. It was about class power and care. I have talked with other black people who come from small Southern communities who found the same inter-being, interlocking structures of community and family. By not paying attention to, by not valorizing, by simply going toward the heterosexist norm we deny the beauty of our own diversity in our historical past which, to me, is important to try to name and recover in an effort to say, "It's not the family that is the problem, it's the heterosexist paradigm."

Stuart: It's interesting what you say. It's not quite the same in the Jamaican context, but in some ways it is. There is very much a class divide, and of course, amongst ordinary working people, especially outside of Kingston, outside of the big city, families and communities are very closely intertwined. People have a much wider diversity of kinship; some are parts of real families or symbolic associations between

29

families. There is, in fact, a diversity of relationships going on which are very far from the nuclear family as the norm. Where that begins to enter is, of course, in the educated, middle class for whom the very notion of social mobility is mobility towards that enclosed reconstituted family domain.

não querem ver o quanto a integração racial e o desejo de assimilar a uma norma burguesa realmente alterou a família como ela tinha sido concebida anteriormente em sua diversidade. Para muitos de nós crescendo no sul do apartheid, na minha pequena comunidade sulista havia homens negros gays proeminentes que adotavam crianças, que viviam com homens, mas que visitavam diariamente as suas famílias verdadeiras e os seus pais verdadeiros. Era sobre poder de classe e cuidados. Conversei com outras pessoas negras que vêm de pequenas comunidades do Sul que encontraram as mesmas estruturas inter-existent e entrelaçadas de comunidade e família. Por não prestar atenção, não valorizando, simplesmente indo em direção à norma heterossexista podemos negar a beleza de nossa própria diversidade em nosso passado histórico que, para mim, é importante tentar nomear e recuperar em um esforço para dizer: "não é a família que é o problema, é o paradigma heterossexista".

Stuart: É interessante o que você diz. Não é o mesmo no contexto jamaicano, mas de certa forma é. Há uma grande divisão de classes e, claro, entre os trabalhadores comuns, especialmente fora de Kingston, fora da grande cidade, as famílias e as comunidades estão muito estreitamente interligadas. As pessoas têm uma diversidade muito maior de parentesco; algumas são partes de famílias ou de associações simbólicas entre

29

famílias. Existe, de fato, uma diversidade de relações acontecendo, que estão muito longe da família nuclear como a norma. Onde isso começa a entrar é, naturalmente, na classe média educada, para quem a própria noção de mobilidade social é a mobilidade em direção a esse domínio familiar reconstituído e fechado.

bell: In my own critique of The Million Man March what I have found to be most difficult as I went around the states was the willingness on people's part to acknowledge that this march was about class and class values. That it wasn't a reclamation of the family. It was a reclamation of a particular view of family life. What I was amazed by was people's absolute refusal to want to see class. What I see happening in the United States, and I know you see it happening here as well, is that so many families without money have no notion that grown children will live apart from their parents. In fact, what most studies are showing, especially among all groups of people, across race, who don't have a lot of money, is that the notion that mom and dad will get to be sixty and have the house to themselves is completely false, is completely gone.

Now at varied intervals children are coming back so that the notion of a privatized nuclear family is completely disrupted by the reality of those kinds of movements. For instance, people like my siblings who have been drug addicts and who when they are drug addicted abandon their children. Then, in turn, the children have to be taken in by the grandparents, or aunts and uncles. Then they become sober again at some point and different shifts occur.

The flexibility of the family and its ability to sustain itself without patriarchal foundation is to me the big secret. No one wants to look at the resiliency of community and family outside the context of patriarchy. It is almost a mockery of this for Farrakhan and others to act as though the family —

Stuart: — Is this one norm or nothing.

bell: Na minha própria crítica à Marcha de um Milhão de Homens (Million Man March), o que eu achei mais difícil ao andar pelos Estados Unidos foi a vontade das pessoas de reconhecer que esta marcha era sobre classe e valores de classe. Que não foi uma reclamação da família. Foi uma reclamação de uma visão particular da vida familiar. O que me surpreendeu foi a recusa absoluta das pessoas em querer ver a classe. O que eu vejo acontecendo nos Estados Unidos e eu sei que você vê isso acontecendo aqui também, é que tantas famílias sem dinheiro não têm noção de que as crianças crescidas vão viver longe de seus pais. Na verdade, o que a maioria dos estudos estão mostrando, especialmente entre todos os grupos de pessoas, além da raça, que não têm muito dinheiro, é que a noção de que a mamãe e o papai vão chegar aos sessenta anos e terão a casa para eles é completamente falsa, está completamente acabada.

Agora, em intervalos variados, as crianças estão voltando para que a noção de uma família nuclear privatizada seja completamente perturbada pela realidade desses tipos de movimentos. Por exemplo, pessoas como os meus irmãos que foram viciados em drogas e que quando são viciados em drogas abandonam os seus filhos. Em seguida, por sua vez, as crianças têm de ser acolhidas pelos avós, ou tias e tios. Então, eles ficam sóbrios novamente em algum momento e diferentes mudanças ocorrem.

A flexibilidade da família e a sua capacidade de se sustentar sem fundamento patriarcal é para mim o grande segredo. Ninguém quer olhar para a resiliência da comunidade e da família fora do contexto do patriarcado. É quase um escárnio disso para Farrakhan e outros agirem como se a família —

Stuart: — É uma norma ou nada.

bell: Yes, and that that can sustain us in a moment of crisis. I was thinking about you and Paul Gilroy, and wondering if part of our dilemma around the critique of patriarchy and black masculinity is that so many brilliant black male thinkers are perceived as not a part of something we call the black family. They have married, for example, interracially. Their views on family, in a sense, are not listened to. I have been trying to think, “How then can we make that shift?” I was thinking about Fanon, and how people listen to Fanon up to a point, but then that point when they feel like we begin to talk about masculinity and the family —

Stuart: — at that point he stops having something to say, or people stop listening to him. I dare suppose that in my own case I would have said that the important thing was not the fact of interracial marriage, because left to myself I could well have tried to recapitulate that norm inside my own family. If I think about Jamaican middle-class society, which isn't interracial in terms of black and white, but which is in the internal color race system. Interracially, it very often consists of much blacker men with much fairer middle-class women so it is not unscripted by the racial insignia. They reproduce this norm perfectly. It is not only race, it has to do with other things. In my own instance, it was feminism that disrupted the terms on which I first got married. We all collude in traditional ways to be married that are completely different from the way in which we have had to go on. After getting married the old model was completely impossible, either we weren't going to take the critique of patriarchy into our emotional life or we had to find a completely different way of living together. I'm not suggesting it is easy or that I have done it. I am just saying that

bell: sim, e isso pode nos sustentar em um momento de crise. Eu estava pensando em você e no Paul Gilroy e me perguntando se parte do nosso dilema em torno da crítica do patriarcado e da masculinidade negra é que tantos pensadores homens negros brilhantes são percebidos não como parte de algo a que chamamos a família negra. Eles se casaram, por exemplo, interracialmente. As suas opiniões sobre a família, de certa forma, não são ouvidas. Eu tenho tentado pensar em: “Como então podemos fazer essa mudança?” Eu estava pensando no Fanon e em como as pessoas ouvem o Fanon até certo ponto, mas depois, esse ponto quando sentem que começamos a falar sobre a masculinidade e a família —

Stuart: — Nesse ponto, ele deixa de ter algo a dizer ou as pessoas param de ouvi-lo. Ouso supor que, no meu próprio caso, eu teria dito que o importante não era o fato do casamento interracial, porque deixado para mim eu poderia muito bem ter tentado recapitular essa norma dentro da minha própria família. Se eu pensar na sociedade jamaicana de classe média, que não é inter-racial em termos de preto e branco, mas que está no sistema racial interno de cores. Inter-racialmente, ele muito frequentemente consiste em homens muito mais negros com mulheres muito mais claras da classe média, de modo que não é não inscrito pela insígnia racial. Reproduzem essa norma perfeitamente. Não é apenas raça, tem a ver com outras coisas. No meu próprio caso, foi o feminismo que interrompeu os termos em que me casei pela primeira vez. Todos nós somos coniventes com maneiras tradicionais de nos casarmos, que são completamente diferentes da maneira como temos que seguir em frente. Depois de nos casarmos, o modelo antigo era completamente impossível, ou não íamos levar a crítica do patriarcado para a nossa vida emocional ou tínhamos de encontrar uma maneira completamente diferente de viver juntos. Não estou sugerindo que seja fácil ou que eu tenha feito isso. Estou apenas dizendo

what disrupts it is not just the racial question. It is sometimes put to me like that. Just recently someone asked me to participate in a program they want to do on interracial marriage. It is beginning to be a question again, a question of interracial marriage in Britain. It surfaces now and again. I said no

31

to them, because I don't think they are going to ask me the right question. They are going to assume because I married a white woman this in itself must represent the entry into some completely unknown space which is unintelligible in terms of the way it is structured. I don't think this is true anymore.

bell: In the United States many of the progressive black male intellectuals and thinkers on the left have not tended to bond romantically with partners who are engaged in the feminist movement. On the one hand, here are these men who stand up and speak against sexism, but they are not any different from Jesse Jackson or other people in that we never see their wives, we never hear their wives, we don't know anything about what they do. I was trying to think about what is different in the British context so that if we were to write down our black male thinkers, whether their partners are white, black, brown or what have you, you have much more of a kind of peer bonding around shared political perspectives, activism, and intellectual activity, opposed to a more traditional norm. I have wondered whether that deeply affects the inability of us to ground new thinking about black liberation in feminist thought in the States. I really felt that Cornel West's support of The Million Man March was a tremendous political regression, because he has been so much the symbol of progressive

que o que perturba não é apenas a questão racial. Às vezes é posto para mim dessa forma. Recentemente, alguém me pediu para participar num programa que querem fazer sobre o casamento interracial. Está começando a ser uma questão novamente, uma questão de casamento interracial no Reino Unido. Ela aparece de vez em quando. Eu disse não

31

para eles, porque acho que não vão fazer para mim a pergunta certa. Eles vão assumir, porque eu casei com uma mulher branca, isso em si deve representar a entrada em algum espaço completamente desconhecido que é ininteligível em termos da forma como ele está estruturado. Não acho que isso seja mais verdade.

bell: Nos Estados Unidos, muitos dos intelectuais e pensadores negros progressistas da esquerda não tendiam a se relacionar romanticamente com parceiras que estão envolvidas no movimento feminista. Por um lado, aqui estão esses homens que se levantam e falam contra o sexismo, mas eles não são nada diferentes de Jesse Jackson ou de outras pessoas que nunca vemos suas esposas, nunca ouvimos suas esposas, não sabemos nada sobre o que elas fazem. Eu estava tentando pensar sobre o que é diferente no contexto britânico para que se nós fôssemos escrever a nossos pensadores negros homens, se suas parceiras são brancas, negras, pardas ou o que você tem, você tem muito mais de uma espécie de vínculo entre pares em torno de perspectivas políticas compartilhadas, ativismo e atividade intelectual, em oposição a uma norma mais tradicional. Eu tenho me perguntado se isso afeta profundamente a incapacidade de criarmos um novo pensamento sobre a libertação negra no pensamento feminista nos Estados Unidos. Eu realmente senti que o apoio de Cornel West à Marcha do Milhão de homens (Million Man March) foi uma

black masculinity. It was as though he was coming out in affirmation of the patriarchal, heterosexist family model. That was very distressing to me.

Stuart: Yes. You know I hadn't thought about that difference between America and England, although, I think that you are probably right. At some point we need to talk about the difference in the two societies, in how race figures in the two societies. I think it is very different for some complicated reasons. I must say in my own instance it is unfortunately not that I made that positive choice, because this hit us, as it were, after I made the choice. The contract was made.

32

bell: What I have heard, Stuart, is that you have always been attracted to women of power, who are creative.

Stuart: That is certainly true. There were always shared political and intellectual perspectives. I was just pointing out that feminism, specifically, was something that, as it were, came into the middle of our relationship. You are quite right. That is probably true about England.

I hadn't thought about that.

bell: I really wonder to what extent black women thinkers engaged with feminism early on were not able to intervene in that the majority of those thinkers were and remain lesbian women, in terms of the prominent, powerful thinkers within the movement. I looked up one day and saw that I was one of the few prominent black women feminist thinkers that still had any engagement with men at all. While, not to engage a kind of essentialism,

tremenda regressão política, porque ele tem sido muito o símbolo da masculinidade negra progressista. Era como se ele estivesse se manifestando na afirmação do modelo familiar patriarcal, heterossexista. Isso foi muito doloroso para mim.

Stuart: Sim. Você sabe que não tinha pensado nessa diferença entre a América e a Inglaterra, embora eu acho que você tenha provavelmente razão. Em algum momento precisamos falar sobre a diferença nas duas sociedades, em como a raça figura nas duas sociedades. Penso que é muito diferente por causa de algumas razões complicadas. Devo dizer, no meu caso, que infelizmente não que eu tenha feito essa escolha positiva, porque isso nos atingiu, por assim dizer, depois que fiz a escolha. O contrato foi feito.

32

bell: O que ouvi, Stuart, é que você sempre foi atraído por mulheres de poder, que são criativas.

Stuart: Isso é verdade. Sempre houve perspectivas políticas e intelectuais compartilhadas. Eu estava apenas salientando que o feminismo, especificamente, era algo que, por assim dizer, entrou no meio da nossa relação. Você tem toda a razão. Isso provavelmente é verdade sobre a Inglaterra.

Eu não tinha pensado nisso.

bell: Realmente me pergunto até que ponto as mulheres negras pensadoras engajadas com o feminismo no início não foram capazes de intervir no sentido de que a maioria dessas pensadoras eram e continuam a ser lésbicas, em termos das pensadoras proeminentes e poderosas dentro do movimento. Um dia olhei para cima e vi que eu era uma das poucas mulheres negras proeminentes pensadoras feministas que ainda tinham qualquer compromisso com os homens. Embora, para não envolver uma espécie de

I thought that we have to have the actual practice of a feminist black heterosexuality if we are ever going to convince people that it is necessary to intervene. This is what I was trying to bring to the table at the Fanon Conference that I perhaps didn't do skillfully enough, but I was trying to say that there has to be some recognition of the need for a feminist dialogue that can take place between black men and women that is not about erotic relationships, but is about meeting each other as two subjects.

Stuart: I am sure that is essential. In a way it has been a missing dimension in the more effective conversations that have been connected around that space, a space that has been weakly occupied. Don't you think this is, as you said before, because questions of masculinity are more easily posed by black gay men. They are structurally outside, and consequently, see life differently. In some ways I think that's also true of relationships between heterosexual men and heterosexual women.

That is to say that the very nature of the heterosexual matrix holds

33

that conversation in a way, within such powerful models, that it is quite difficult to remain inside, strongly inside that, as an erotic position, and at the same time to question or interrogate how it works. How the relationship works itself out across a period of time for instance. How it is sustained across time.

bell: It is interesting that at the point when I meet Paul Gilroy it is the moment when his students are using my work to bring a powerful critique to his work around the question of race and feminism.

essencialismo, pensei que nós temos que ter a prática real de uma heterossexualidade feminista negra se nós vamos alguma vez na vida convencer as pessoas de que é necessário intervir. Isso é o que eu estava tentando trazer para a mesa na Fanon Conference, que talvez eu não fiz com habilidade suficiente, mas eu estava tentando dizer que tem de haver algum reconhecimento da necessidade para um diálogo feminista que pode ocorrer entre homens e mulheres negras que não é sobre relações eróticas, mas é sobre o encontro de um com o outro como dois sujeitos.

Stuart: tenho certeza de que isso é essencial. De certa forma, tem sido uma dimensão ausente nas conversas mais eficazes que tem sido conectadas em torno desse espaço, um espaço que foi fracamente ocupado. Você não acha que isto é, como você disse antes, porque as questões de masculinidade são mais facilmente colocadas por homens gays negros? Eles estão estruturalmente fora e, conseqüentemente, vêem a vida de forma diferente. De certa forma, acho que isso também é verdade nas relações entre homens heterossexuais e mulheres heterossexuais.

Isso quer dizer que a própria natureza da matriz heterossexual mantém

33

essa conversa de certa forma dentro de modelos tão poderosos, que é bastante difícil permanecer dentro, fortemente dentro dela, como uma posição erótica e ao mesmo tempo questionar ou interrogar como ela funciona. Como a relação funciona durante um período de tempo, por exemplo. Como é sustentada ao longo do tempo.

bell: É interessante que o momento em que encontro Paul Gilroy é o momento em que seus alunos estão usando meu trabalho para trazer uma poderosa crítica ao seu trabalho em torno da questão da raça e do feminismo.

This question has been in my dialogues with men of color from other countries, such as Paul or for instance Paulo Freire from Brazil. These men have been more open to having their work transformed by feminist thinking, their own feminist thinking and that of the women they read, more so than African American male intellectuals. To some extent the rise of the black intellectual in the United States has coincided with the notion of the intellectual as a father patriarch so that the lead men such as Henry Louis Gates, Cornel West and different men become symbolic of the restoration of the lost father patriarchy.

That is why I think we see those men having a much fiercer critique of sexism earlier on in their careers and less so as they become public symbols of a renewed black intellectual spirit.

Stuart: This conversation would be very different if it was conducted in Britain across class lines. If you were talking to young black men with a working class background involved in the music industry, or something like that, they would not really know what you were talking about.

In that space, I am afraid to say, these young men are very influenced by the American model. The American model has become, over about ten years, amongst that kind of conscious, but non-intellectual in terms of the work they do, young black man, a very powerful model which is one of the reasons why black music here has gone back to a strong affirmation of patriarchal, homophobic thinking. It is very tied into

34
that culture. We are really talking across the intellectual, class divide. As far as this is concerned the interracial question might indeed have an important role to play.

Essa questão esteve em meus diálogos com homens de cor de outros países, como Paul ou, por exemplo, Paulo Freire do Brasil. Esses homens têm sido mais abertos a ter o seu trabalho transformado pelo pensamento feminista, o seu próprio pensamento feminista e o das mulheres que lêem, mais do que os intelectuais afro-americanos masculinos. Em certa medida, a ascensão do intelectual negro nos Estados Unidos coincidiu com a noção do intelectual como um pai patriarca, de modo que os líderes, como Henry Louis Gates, Cornel West e diferentes homens, tornam-se simbólicos da restauração do patriarcado pai perdido.

É por isso que eu acho que vemos esses homens tendo uma crítica muito mais feroz do sexismo mais cedo em suas carreiras e menos à medida que se tornam símbolos públicos de um renovado espírito intelectual negro.

Stuart: Essa conversa seria muito diferente se fosse conduzida no Reino Unido, além das linhas de classe. Se você estivesse falando a jovens negros com uma base da classe trabalhadora envolvidos na indústria da música, ou algo assim, eles realmente não saberiam sobre o que você está falando.

Nesse espaço, receio dizer, esses jovens rapazes são muito influenciados pelo modelo americano. O modelo americano se tornou, ao longo de cerca de dez anos, entre esse tipo de consciência, mas não intelectual em termos do trabalho que fazem, jovem homem negro, um modelo muito poderoso que é uma das razões pelas quais a música negra aqui voltou a uma forte afirmação do pensamento patriarcal homofóbico. Está muito ligado a

34
essa cultura. Estávamos realmente falando através da divisão intelectual de classe. No que a este ponto se refere, a questão inter-racial poderá, de fato, ter um papel

bell: I agree.

Stuart: The liaison with certain white women moves them to encounter feminism at a very early stage, and the critique that has brought a lot of black women into feminism comes in Britain at a later stage than that.

Therefore, by the time that happens black men are already so in their making of relationships with women they can't quite make it in the ways in which they used to be able to. They bring into the relationships in which they might then form with other black women a recognition that these are going to be intellectual women, women with a stronger sense of their own position, with a politics of their own, that they are going to be people who want to establish a relationship across a critique, not on the basis that I will never critique men, the idea that now that we are partners I will never say anything against you is going to be more contested, more argued, more negotiating for position. We are all already entering relationships knowing that they are going to be like that before they actually happen to us.

bell: When we think about the historical development of contemporary American feminism, in fact, sexism is being questioned within the context of black nationalist movement, and there is not that convergence of black men with those white women who are strongly engaging feminist thinking in the same way. For instance, when we read a book like Sara Evans' *Personal Politics* (1979) on white women in the civil rights struggle we see the rhetoric of subordination to the greater cause of racial freedom supersedes the convergence of feminism and black liberation. They then become parallel movements that are in fact presented as at

importante a desempenhar.

bell: Concordo.

Stuart: A ligação com certas mulheres brancas as move para encontrar o feminismo numa fase muito precoce e a crítica que trouxe muitas mulheres negras para o feminismo vem para o Reino Unido em uma fase posterior a essa.

Por isso, quando isso acontece, os homens negros já estão tão envolvidos nas suas relações com as mulheres que não conseguem fazê-lo da forma como costumavam ser capazes. Eles trazem para as relações, nas quais eles podem então formar com outras mulheres negras, um reconhecimento de que essas vão ser mulheres intelectuais, mulheres com mais forte senso da própria posição, com uma política própria, que elas vão ser pessoas que querem estabelecer uma relação através de uma crítica, não sobre a base de que eu nunca critique os homens, a ideia de que, agora que somos parceiros, eu nunca direi nada contra você vai ser mais contestada, mais argumentada, mais negociada por posição. Todos nós já estamos entrando em relacionamentos sabendo que eles vão ser assim antes que eles realmente aconteçam conosco.

bell: quando pensamos sobre o desenvolvimento histórico do feminismo contemporâneo americano, de fato, o sexismo está sendo questionado no contexto do movimento nacionalista negro e não há essa convergência de homens negros com aquelas mulheres brancas que estão fortemente engajando o pensamento feminista da mesma forma. Por exemplo, quando lemos um livro como "*Personal Politics*", de 1979, de Sara Evans sobre as mulheres brancas na luta pelos direitos civis vemos a retórica da subordinação à maior causa da liberdade racial se sobrepôr à convergência do feminismo e da libertação negra. Eles então se tornam movimentos paralelos que são de

odds with each other which is why I think it takes this

35

younger generation of black women, people like myself, who were actually entering college at the height of contemporary feminism, who then become the people who move away from the notion of questioning sexism within nationalism, because in fact we are questioning the whole system, the family, the notion of nation. I was coming out of a context of free love, not at all the traditional context for black politicization.

Stuart: It has a lot to do with the fact that black politicization, black political culture, themselves were so underpinned by a whole substructure of relations around sexuality and gender that were not open to inspection.

bell: There is also a frightening way that stars are constructed in black political culture. For instance, I don't think many people remember that Angela Davis was not someone who came to the forefront as a feminist, that in fact, what brought her into public view was her subordinated presence in relationship to the thinking black man, and in George Jackson's case, the figure of a working class rebellion. It was all of masculinity. It was the black female intellectual in the service of this potent, powerful, heterosexual black masculinity. Part of the sadness of people not going back to *Blood in My Eye* is that when you read it you see how deeply misogynist and heterosexist it is in its visioning of revolution. It charts through generations the development of someone like Angela Davis, and people have to acknowledge that she comes to claim feminism much later in her political development.

fato apresentados como em desacordo uns com os outros, o que é o motivo que penso que isso leva essa

35

mais nova geração de mulheres negras, pessoas como eu, que realmente estavam entrando na faculdade no auge do feminismo contemporâneo, que então se tornam as pessoas que passam longe da noção de questionar o sexismo dentro do nacionalismo, porque na verdade estamos questionando todo o sistema, a família, a noção de nação. Eu estava saindo de um contexto de amor livre, nada do contexto tradicional para a politização negra.

Stuart: Tem muito a ver com o fato de que a politização negra, a cultura política negra, elas mesmas foram tão sustentadas por toda uma subestrutura de relações em torno da sexualidade e do gênero que não estavam abertas à inspeção.

bell: Há também uma maneira assustadora de que estrelas são construídas na cultura política negra. Por exemplo, não acho que muitas pessoas se lembrem que Angela Davis não era alguém que veio à linha de frente como uma feminista, que de fato, o que a trouxe à vista pública foi sua presença subordinada em relação ao homem negro pensante, e no caso de George Jackson, a figura de uma rebelião da classe trabalhadora. Era tudo sobre masculinidade. Era a mulher negra intelectual ao serviço desta potente e poderosa masculinidade negra heterossexual. Parte da tristeza das pessoas não voltarem ao "*Blood in My Eye*" é que, quando você o lê, você vê o quão profundamente misógino e heterossexista ele é em sua visão de revolução. Ele mapeia através de gerações o desenvolvimento de alguém como Angela Davis e as pessoas têm que reconhecer que ela vem para reivindicar o feminismo muito mais tarde em seu desenvolvimento político.

Stuart: Of course, and that enables a critique or review of the earlier period which she couldn't have made without this experience.

bell: The person whose career, in terms of the development of feminist thinking, that stands out is Audre Lorde. Audre Lorde's politicization happens with an acknowledged convergence of race, sex and class.

36

Stuart: Yes, this is very distinctive.

bell: As a poet people have not tended to valorize her work as political.

Stuart: They quote her for the experience that she records but not for the ideas that are implicit in the experiences that she is recording which is often how knowledge gets distorted when it appears in another aesthetic form.

bell: In the documentary *Litany for Survival* part of what it depicts is that she is politicized within the context of literacy struggles and voting right struggles in the South, that she is not separate from those struggles coming into the politicization of herself as a lesbian.

Stuart: She has a very distinctive voice in which all of those things can be reflected simultaneously, rather than sequentially.

bell: It is a tremendous dilemma. Lorraine Hansberry is another central model for me of a public intellectual whose political involvement with Africa and Ethiopia in particular is forgotten. The irony is that as she becomes more and more claimed as a lesbian icon people pay less and less attention to how progressive she was on so many different fronts.

This is what intrigues me about her. She raised early on the question of love and

Stuart: Claro! E isso permite uma crítica ou revisão do período anterior que ela não teria conseguido sem essa experiência.

bell: A pessoa cuja carreira, em termos de desenvolvimento do pensamento feminista, se destaca é Audre Lorde. A politicização de Audre Lorde acontece com uma reconhecida convergência de raça, sexo e classe.

36

Sim, isto é muito diferente.

bell: Como poeta, as pessoas não tendem a valorizar seu trabalho como política.

Stuart: Eles a citam pela experiência que ela armazena, mas não pelas ideias que estão implícitas nas experiências que ela está armazenando, que é muitas vezes como o conhecimento fica distorcido quando aparece em outra forma estética.

bell: No documentário "*Litany for Survival*", parte do que ele retrata é que ela é politizada, dentro do contexto de lutas pela alfabetização e de lutas pelo direito de voto no Sul, que ela não está separada dessas lutas que chegam para a politicização de si mesma como lésbica.

Stuart: Ela tem uma voz muito distintiva na qual todas essas coisas podem ser refletidas simultaneamente, em vez de sequencialmente.

bell: É um tremendo dilema. Lorraine Hansberry é outro modelo central para mim de uma intelectual pública cujo envolvimento político com a África e a Etiópia em particular é esquecido. A ironia é que, à medida que ela se torna cada vez mais reivindicada como um ícone lésbico, as pessoas prestam cada vez menos atenção ao quanto progressista ela era em tantas frentes diferentes.

Isto é o que me intriga nela. Ela levantou cedo a questão do amor e da opressão perguntando

oppression asking if there could really be love in black families.

Hansberry was one of the first people to say, “I don’t find the kind of warmth among black people that the stereotypes would have us believe.

I find a real tragic woundedness.” Those aspects of her thinking have yet to be really remembered. I often question how much this has to do with the fact that the recorders of our history primarily remain the patriarchal straight mind, and that it is very convenient for that mind to ignore that there were women who were much more prophetic in what they were thinking about. A lot of the contemporary black male thinkers address certain things as though they —

37

Stuart: — As though they had only just thought it.

bell: And really women such as Hansberry had been formulating these ideas some time earlier. Amy Garvey is another person whose thoughts and works do not get attention even though she was really pushing Marcus Garvey to think more deeply about gender.

Stuart: That is absolutely true. Also, it is not a willful neglect, it is more an inability to see into the complexity of intellectual and political formation that is going on. Men think that women must come to these insights along a given, rather straightforward emotional feminized root, and so they don’t look at these careers in the way in which they would look at the complexity of masculine careers as if they were very deep, having many ruptures, phases and evolutions. We don’t get accounts of the politicization of women which take those complex histories

se poderia realmente haver amor em famílias negras.

Hansberry foi uma das primeiras pessoas a dizer: “Eu não acho o tipo de calor entre as pessoas negras que os estereótipos nos fariam acreditar.

Acho uma verdadeira e trágica ferida”. Esses aspectos do pensamento dela ainda não foram realmente lembrados. Muitas vezes eu questiono o quanto isso tem a ver com o fato de que os registradores de nossa história, principalmente, permanecem uma mente heterossexual patriarcal, e que é muito conveniente para que essa mente ignore que houve mulheres que eram muito mais proféticas no que elas estavam pensando. Muitos pensadores homens negros contemporâneos abordam certas coisas como se fossem —

37

Stuart: — Como se tivessem acabado de pensar nisso.

bell: E realmente mulheres como Hansberry estavam formulando essas ideias algum tempo antes. Amy Garvey é outra pessoa cujos pensamentos e trabalhos não recebem atenção, embora ela estivesse realmente empurrando Marcus Garvey para pensar mais profundamente sobre o gênero.

Stuart: Isso é absolutamente verdade. Além disso, não é uma negligência voluntária, é mais uma incapacidade de ver a complexidade da formação intelectual e política que está acontecendo. Os homens pensam que as mulheres devem chegar a essas percepções ao longo de uma determinada raiz feminizada emocional, bastante direta e, assim, eles não olham para essas carreiras na maneira em que eles olhariam para a complexidade das carreiras masculinas como se fossem muito profundas, tendo muitas rupturas, fases e evoluções. Nós

into account, and consequently the prophetic insides of a lot of women's work are lost, because people don't see quite how original they were.

bell: One of the things that I have been trying to document is my own very deep involvement with the beat poets and the beat generation, to try to say that, in fact, the things that were influencing me when I was eighteen and nineteen years old writing *Ain't I A Woman* were really not solely the world of the segregated black southern experience that I came out of, but my obsessive interest in sexual liberation, free love, the beat poets and what they were doing with Buddhism, as well as other things. I have only recently begun to think that it's important to document those movements so that the essentialist framework of black intellectual development is not just reaffirmed again and again. One of the major concerns that I have had with my students, particularly with the resurgence of a narrow black nationalism, is their feeling that they don't have to read or study anything that is not coming out of an Afrocentric base. This is a good point to segue into a discussion of black

38

intellectual life. Is it happening here in Britain with the same force that it is happening in the states in terms of Afrocentrism?

Stuart: It is not happening with the same force, but it is a continuing current. As I said earlier on, it is a stronger current outside of intellectual circles, but it has a sort of impact on intellectual circles as well, as you can imagine. But even when you don't have black intellectuals who would put a simple Afrocentric, essentialist framework on things,

não temos relatos da politização das mulheres que levam essas histórias complexas em conta e, conseqüentemente, as entranhas proféticas de um monte de trabalho de mulheres são perdidas, porque as pessoas não vêem o quão originais elas foram.

bell: Uma das coisas que eu tenho tentado documentar é o meu próprio muito profundo envolvimento com os poetas beat e a geração beat, para tentar dizer que, na verdade, as coisas que estavam me influenciando, quando eu tinha dezoito e dezenove anos de idade, escrevendo "*Ain't I A Woman*", foram realmente não apenas a experiência sulista dos negros segregados da qual eu saí, mas o meu interesse obsessivo na libertação sexual, o amor livre, os poetas beat e o que eles estavam fazendo com o budismo, assim como com outras coisas. Só recentemente comecei a pensar que é importante documentar esses movimentos para que o quadro essencialista do desenvolvimento intelectual negro não seja reafirmado de novo e de novo. Uma das principais preocupações que tenho tido com meus alunos, particularmente com o ressurgimento de um nacionalismo negro estreito, é a sensação de que eles não têm que ler ou estudar nada que não esteja saindo de uma base afrocêntrica. Esse é um bom ponto para seguirmos para uma discussão

38

sobre a vida intelectual negra. Está acontecendo aqui no Reino Unido com a mesma força que está acontecendo nos Estados Unidos em termos de afrocentrismo?

Stuart: Não está acontecendo com a mesma força, mas é uma corrente contínua. Como disse anteriormente, é uma corrente mais forte fora dos círculos intelectuais, mas tem uma espécie de impacto nos círculos intelectuais também, como você pode imaginar. Mas mesmo quando você não tem intelectuais negros que colocariam uma simples estrutura afrocêntrica e essencialista sobre as coisas,

you do have a general assumption in the culture that black intellectuals must be formed by black things, and address only black questions. It is an extraordinary narrowing which has gone on. I have always had a particular strategic approach to this. It has always come out of the fact that, particularly in Britain where in spite of the long imperial connection, etc., a black presence in large numbers is relatively recent. It is very confined and constrained in terms of its disposition across this site as a whole to speak always as articulating on behalf of an interest group only that which the interest group can take any serious interest in as if these questions don't really relate to the rest of society at all. What happens about blackness doesn't affect them at all. It just affects us, and our rights, and our beings. I have always found that a false position to be in as an intellectual, and I have insisted that I try and find a way of addressing these questions that makes it as essential to them as it is to us.

bell: It is an irony of contemporary narrow nationalism that growing up in the context of racial apartheid and being educated in that context no one doubted whether or not we could speak French or whether we could learn German, because it was just assumed that we could do those things. The whole context of the world in which we were educated was that we were being educated to be thinkers in the world. The irony is that this education is taking place in the context of segregation, and it's all black. The sense of the intellectual is of an ambassador to the world. It was very limiting for me when they integrated the schools,

39

and suddenly people were seeing me solely in relationship to race. I was not accustomed to seeing myself only in that way. When I stood up in my gymnasium in my all black school

you tem uma suposição geral na cultura de que os intelectuais negros devem ser formados por coisas negras e abordar apenas questões negras. Isso é um extraordinário estreitamento que tem acontecido. Sempre tive uma abordagem estratégica específica dessa questão. Isso sempre resultou do fato de que, particularmente no Reino Unido, onde apesar da longa conexão imperial, etc., uma presença negra em grande número é relativamente recente. É muito confinado e restrito em termos de sua disposição por todo esse lugar como um todo para falar sempre como se articulasse em nome de um grupo de interesse apenas aquilo que o grupo de interesse pode ter como interesse sério, como se essas perguntas não realmente se relacionassem com o resto da sociedade como um todo. O que acontece com a negritude não os afeta de todo. Somente afeta a nós, aos nossos direitos e aos nossos seres. Sempre achei essa uma posição falsa como um intelectual e insisti em tentar e encontrar uma forma de abordar essas questões que as torne tão essenciais para eles como é para nós.

bell: É uma ironia do nacionalismo estreito contemporâneo que, crescendo no contexto do apartheid racial e sendo educado nesse contexto, ninguém duvidava se poderíamos ou não falar francês ou se poderíamos aprender alemão, porque simplesmente se supunha que poderíamos fazer essas coisas. Todo o contexto do mundo em que fomos educados foi que estávamos sendo educados para sermos pensadores no mundo. A ironia é que essa educação está ocorrendo no contexto da segregação e isso é tudo negro. O sentido do intelectual é de um embaixador no mundo. Foi muito limitante para mim quando integraram as escolas,

39

e, de repente, as pessoas me viam apenas em relação à raça. Eu não estava habituada a me ver somente dessa forma. Quando me levantei no ginásio da minha escola toda para negros

to recite Wordsworth the assumption was that all of the students sitting there had something at stake in Wordsworth. This has been a real dilemma.

Stuart: That is the real narrowing of an essentialist politics.

bell: And it has been a narrowing that has taken place on both sides in America, on the side of white people saying, “You can be among us as long as you stay—

Stuart:—a voice for your people.”

bell: And on the side of black people now saying, —

Stuart:—“You can only be authentic if you are the voice of our people.” Those two things play into one another, and they play in very strongly.

bell: Clearly, they inhibit the development of black intellectual thought.

Part of the significance of Paul Gilroy’s *The Black Atlantic* was its reminder to people that individuals like Richard Wright, James Weldon Johnson and W.E.B. Du Bois were moving around the world and engaged in a diasporic dialogue.

Stuart: That is one of the most important things about that book.

It makes those lateral connections to the rest of the world. It breaks the confinement which an essentialist politics or perspective puts on these figures. For myself that is what the diasporic means. It means someone has to always be in conversation across geographical, spatial, intellectual segregated boundaries, otherwise there couldn’t be a formation of a black intellectual class at all. The black political perspective that wasn’t

para recitar Wordsworth, a suposição era que todos os alunos sentados lá tinham algo em questão com Wordsworth. Esse tem sido um verdadeiro dilema.

Stuart: Esse é o estreitamento real de uma política essencialista.

bell: E tem sido um estreitamento que ocorreu em ambos os lados da América, do lado dos brancos dizendo: “Você pode estar entre nós desde que você permaneça —

Stuart: — uma voz para o seu povo”.

bell: E do lado dos negros agora dizendo: —

Stuart: — “Você só pode ser autêntico se for a voz do nosso povo”. Essas duas coisas atuam uma na outra e atuam muito fortemente.

bell: Claramente, elas inibem o desenvolvimento do pensamento intelectual negro.

Parte da importância do “*The Black Atlantic*” de Paul Gilroy foi o seu lembrete para pessoas que indivíduos como Richard Wright, James Weldon Johnson e W. E. B. Du Bois estavam se movendo ao redor do mundo e engajados em um diálogo diáspórico.

Stuart: Essa é uma das coisas mais importantes sobre esse livro.

Ele faz essas ligações laterais com o resto do mundo. Ele rompe o confinamento que uma política ou perspectiva essencialista impõe a essas figuras. Para mim, isso é o que o diáspórico significa. Isso significa que alguém tem que estar sempre em conversa através de fronteiras geográficas, espaciais, intelectuais segregadas, caso contrário não poderia haver uma formação de uma classe intelectual negra de forma alguma. A perspectiva política negra que não foi deformada exatamente pelas

deformed by exactly the experiences of trying to get the

40

measurer out. The place, it has to have a wider perspective. They are quite right in the sense that those intellectual boundaries continue to be racially inscribed, and that you don't just float across them like a bee and sit where you like.

bell: That is why I felt that I had a lot to offer in the sense that I wasn't coming out of a context of unloving blackness. That in fact I was coming out of a total context of blackness when I went to Stanford from that segregated black world. I have seen as central to my political project as a feminist thinker, and in terms of intellectual work around race and being, a presence that says you can love blackness and simultaneously have this expansive interest in many other things.

Stuart: Yes. That is the combination which one has to try to give political meaning. That is the problem where I think we come up against the barriers. That's why we can carry that idea forward more powerfully, because it has always been difficult to find a politics which is adequate to that view. So constantly the politics drive us back either to deserting our side, to becoming a voice of the world and inscribing someone else's agenda, or speaking from within and consequently being confined to it. This is why more advances seem to be made on the intellectual, artistic, and aesthetic front than can be made on the political. It is as if the political hangs behind some of the things that we are now able to see and speak of intellectually. Again *The Black Atlantic* is so important in giving, in a vivid and profound way, continual evidence of this in relation to some of the major figures of the whole movement historically.

experiências de tentar

40

tirar o medidor. O lugar, ele tem de ter uma perspectiva mais ampla. Eles têm toda a razão no sentido de que essas fronteiras intelectuais continuam a ser racialmente inscritas e que você não simplesmente flutua através delas como uma abelha e se senta onde quiser.

bell: É por isso que eu senti que tinha muito a oferecer no sentido de que eu não estava saindo de um contexto de negritude desamorosa. Que na verdade eu estava saindo de um contexto total de negritude, quando eu fui para Stanford vindo daquele mundo negro segregado. Eu tenho visto como central para meu projeto político como uma pensadora feminista e em termos de trabalho intelectual em torno da raça e do ser, uma presença que diz que você pode amar a negritude e, simultaneamente, ter esse interesse expansivo em muitas outras coisas.

Stuart: Sim. Essa é a combinação em que se tem de tentar dar significado político. É esse o problema em que acho que nos deparamos com as barreiras. É por isso que podemos levar essa ideia adiante com mais força, porque sempre foi difícil encontrar uma política que seja adequada a essa visão. Por isso, a política nos leva constantemente a abandonar o nosso lado, a nos tornar uma voz do mundo e a inscrever a agenda de outra pessoa, ou a falar de dentro e, conseqüentemente, a ficar confinados a ela. É por isso que mais avanços parecem ser feitos na frente intelectual, artística e estética do que podem ser feitos na frente política. É como se a política estivesse por trás de algumas das coisas que agora podemos ver e falar intelectualmente. Mais uma vez, "*The Black Atlantic*" é tão importante em dar, de forma viva e profunda, uma evidência contínua disso em relação a algumas das principais figuras de todo o movimento historicamente.

bell: Where the book becomes problematic is that it is not able to frame that relation to a progressive politics for the future. It's exactly what you just stated. We can do it in the realm of art. We can do it in the realm of music and writing, but when it comes to envisioning what this expansive politics would look like it becomes very difficult.

41

Stuart: It does become difficult, and the book does not succeed in doing that. One has to ask which book could or does snatch this out of the air. There are attempts to do this in the way that music is written about in the end. It is a metaphor for this, of the changing same and how that concept is applied to the domain of the aesthetic in black popular culture. This is what stands in the book in place of any more grounded way of sketching a politics adequate to the intellectual position it has. It's a metaphor since we don't have anything else. I turn to this question because in relation to some of the more celebratory diasporic forms, both of politics and intellectual work, I'm sometimes seen as hanging back a bit with the essentialists, in retaining an interest in speaking within the black position. There are two reasons for this, one is the one that you have given, which is that one always speaks out of a particular space, or spaces, out of a site, out of particular languages, and you are going to love, and respect, and honor those languages that have allowed you to speak at all, which enable you to speak at all. Everybody comes from somewhere. They don't just come from the world, they come from somewhere, and address the world. So one has to have that respect.

But the second thing is that I have a very profound sense that because we have not been able to generate a politics adequate to the broader view that we have then we have to recognize the degree to which ordinary black folks depend on essentialist politics to preserve their lives

bell: Onde o livro se torna problemático é que não é capaz de enquadrar essa relação com uma política progressista para o futuro. É exatamente o que você acabou de dizer. Podemos fazer isso no reino da arte. Podemos fazer isso no domínio da música e da escrita, mas quando se trata de imaginar como seria esta política expansiva, isso se torna muito difícil.

41

Stuart: Torna-se difícil e o livro não consegue fazer isso. Alguém tem de perguntar que livro poderia ou arrancar isso do ar. Há tentativas de fazer isso da maneira que a música é escrita no final. É uma metáfora para isso, da mudança mesmo e como esse conceito é aplicado ao domínio da estética na cultura popular negra. Isto é o que está no livro no lugar de qualquer forma mais fundamentada de esboçar uma política adequada à posição intelectual que tem. É uma metáfora, já que não temos mais nada. Passo agora a esta questão, porque em relação a algumas das formas diáspóricas mais celebratórias, tanto da política como do trabalho intelectual, às vezes sou visto como um pouco atrasado com os essencialistas, persistindo em um interesse em falar dentro da posição negra. Existem duas razões para isto, uma é a que você tem dado, que é essa que sempre se fala de um espaço particular, ou espaços, fora de um lugar, fora de línguas particulares, e você vai amar e respeitar e honrar as línguas que têm permitido a você pelo menos falar, que permitem você falar. Todo mundo vem de algum lugar. Eles não vêm apenas do mundo, eles vêm de algum lugar e se dirigem ao mundo. Por isso, tem-se que ter esse respeito.

Mas a segunda coisa é que eu tenho um sentido muito profundo que, porque não temos sido capazes de gerar uma política adequada para a visão mais ampla que temos, então, temos que reconhecer o grau o qual pessoas negras comuns dependem de políticas essencialistas para preservar as suas vidas de

from one day to the next. Until we can defend them in some other more expansive, more open way, we can't just crap on what they have left, on what they have been thrown back to, on the uppers of their defenses in which the only thing they have to say is, "This is who I am.

This is where I stand. This is where I want to go back to. This is my defense against the world, otherwise I will drown." People play around with this as if we could just float across these spaces in our nomadic, postmodern way, sifting from here and there, borrowing from here and

42

there. That version of openness, of the diasporic, I think is just completely irresponsible.

bell: I have tried to theorize in a way that takes one back to concrete experiences. We cannot intervene in essentialist politics if we are not willing to share the concrete strategies that we actually use in our individual lives to live better lives. This has been a real dilemma around notions of privacy and liberal individualism. What that essentialist politic keeps alive is some notion of collectivity and communalism. What the rise into a liberalist, individualist lifestyle has afforded many of us, is in fact that we don't have to share the strategies, because we are not operating in the context of communalism. We can see ourselves as operating in a very influenced, Enlightenment notion of leadership, as the leader who is apart. It has always astounded me that people don't raise critical questions about Farrakhan's living apart from the constituency that he is leading. So that whatever survival strategies

um dia para o outro. Até que possamos defendê-las de outra forma mais expansiva, forma mais aberta, não podemos simplesmente cagar no que elas deixaram, no que elas têm retornado, na parte superior de suas defesas em que a única coisa que elas têm a dizer é: "Isto é quem eu sou.

Aqui é onde estou. Aqui é onde eu quero voltar. Esta é a minha defesa contra o mundo, senão me afogarei". As pessoas brincam com isso como se pudéssemos flutuar através desses espaços à nossa maneira nômade e pós-moderna, peneirando daqui e dali, pedindo emprestado daqui e

42

dali. Essa versão de abertura, da diáspora, eu acho que é completamente irresponsável.

bell: Tentei teorizar de uma forma que se leva de volta a experiências concretas. Não podemos intervir na política essencialista se não estivermos dispostos a partilhar as estratégias concretas que realmente utilizamos nas nossas vidas individuais para viver melhores vidas. Isso tem sido um verdadeiro dilema em torno de noções de privacidade e individualismo liberal. O que essa política essencialista mantém viva é alguma noção de coletividade e comunalismo. O que a ascensão a um estilo de vida liberalista e individualista tem proporcionado a muitos de nós é de fato que não temos que compartilhar as estratégias, porque não estamos operando no contexto do comunalismo. Podemos nos ver como operando em uma noção iluminista de liderança muito influenciada, como o líder que está à parte. Sempre me surpreendeu que as pessoas não levantassem questões críticas sobre a vida de Farrakhan à parte do eleitorado que ele lidera. Para que quaisquer que sejam as estratégias de sobrevivência que

he employs in order to both speak to a world of blackness, and keep alive a sense of himself as a cosmopolitan, diasporic individual, don't have to be shared because the latter side of him doesn't have to be held up.

Stuart: The two sides are neatly segregated, and both are maintained at once.

bell: Part of what I was trying to say in the final chapter of *Killing Rage* (1996) was that when I evoked a beloved community I was very interested in the work of male theorists who were saying that racism is never going to end, and we are never going to get away from it.

When in fact many of us are living lives that are full of the diversity of bonds and ties. I wrote about the fact that I really believe that there are white people in my life who have divested of their racism. I don't really believe that one has to be racist in some essentialist way, but why aren't we able to build a progressive politics from this standpoint?

43

Stuart: I was talking earlier about the film that Jess is making. Jess is making a film in Brixton about young Brixtonians. Brixton has its image as the oldest settled black community in London, but of course it is actually much more diverse than that. It is changing very rapidly.

So he is making this film about the young people in Brixton, about the diversity of people, and it has a wonderful couple, a black boy and white boy who are very close friends. The white boy is a white working class lad, typical London, who is about seventeen. He has made a fish pond with his father in the waste ground where they live. He does up

ele utilize para falar com um mundo da negritude e manter vivo um senso de si mesmo como um indivíduo cosmopolita e diaspórico, não tenham de ser partilhadas, porque o lado posterior dele não precisa ser sustentado.

Stuart: Os dois lados estão bem separados e ambos são mantidos ao mesmo tempo.

bell: Parte do que eu estava tentando dizer no capítulo final do "*Killing Rage*", de 1996, foi que, quando evoquei uma comunidade amada, estava muito interessada no trabalho dos teóricos masculinos que estavam dizendo que o racismo nunca vai acabar e nós nunca vamos fugir dele.

Quando, na verdade, muitos de nós estamos vivendo vidas que estão cheias da diversidade de laços e amarras. Escrevi sobre o fato de que eu realmente acredito que há pessoas brancas em minha vida que se despojaram de seu racismo. Realmente não acredito que alguém tem que ser racista de alguma forma essencialista, mas por que não somos capazes de construir uma política progressista a partir desse ponto de vista?

43

Stuart: Estava falando sobre o filme que Jess está fazendo. Jess está fazendo um filme em Brixton sobre os jovens brixtonianos. Brixton tem sua imagem como a mais antiga comunidade negra estabelecida em Londres, mas é claro que é, na realidade, muito mais diversificada que isso. Ela está mudando muito rapidamente.

Então, ele está fazendo esse filme sobre pessoas jovens em Brixton, sobre a diversidade das pessoas, e tem um casal maravilhoso, um garoto negro e um garoto branco que são amigos muito próximos. O garoto branco é um rapaz branco da classe trabalhadora, típico londrino, que tem cerca de 17 anos. Ele fez

cars, and he drives a little mini which is practically falling apart. This black boy with locks is an up and coming d.j. These kids met, they lived in the same house, but of course, never talked to one another, and were kind of opposed to one another. The black boy came downstairs one day and saw a group of black boys beating this boy up rather badly. He is not very articulate as to why, but he went in and stopped them. He said,

“No you mustn’t do that. He’s my mate.” Although he wasn’t. Because he was black the other guys left him alone. Since then they have been bosom friends. They don’t do everything together. They live quite separate lives, but when they are together it is obvious that there is a great bond between them. They go driving in the country. This kid likes the country so they go driving out to the south coast.

In the course of the film Jess asks both boys what would you feel about having a mixed race child, and both of them say, “Well, I wouldn’t think of it for myself. I don’t know if I could bond with the other race that way. But,” they both say, “of course it’s my kid so if I had it I would look after it. I’ll defend it.” They are sitting next to one another. They’re like two lovers. They’re sitting on the sand throwing pebbles into the sea.

It is the most romantic moment. They have lived their lives in and out of each other’s pocket. The white guy actually says, “I wouldn’t be here if it weren’t for him. They were going to kill me so I owe him everything.

I owe him my life.” This notion that they couldn’t possibly have the

uma lagoa de peixes com seu pai no chão de lixo onde eles vivem. Ele arruma carros e conduz um pequeno mini carro que está praticamente caindo aos pedaços. Esse rapaz negro com dreads¹¹ é um DJ promissor. Essas crianças se conheceram, viviam na mesma casa, mas, claro, nunca falavam um com o outro e eram meio opostos um ao outro. Um dia, o rapaz negro desceu as escadas e viu um grupo de rapazes negros espancando esse garoto bastante mal. Ele não está muito certo sobre o motivo, mas ele foi e os parou. Ele disse:

“Não, você não deve fazer isso. Ele é meu amigo”. Embora ele não fosse. Porque ele era negro, os outros caras o deixaram em paz. Desde então, eles têm sido amigos do peito. Eles não fazem tudo juntos. Eles vivem vidas bem separadas, mas quando estão juntos é óbvio que há um grande vínculo entre eles. Vão dirigir no campo. Um garoto gosta do campo, por isso vão dirigir na costa sul.

No decorrer do filme, Jess pergunta aos dois meninos o que eles sentiriam sobre ter um filho de raça mista e ambos dizem: “Bem, eu não pensaria nisso por mim mesmo. Não sei se posso criar laços com a outra raça dessa maneira, mas...”, ambos dizem: “claro que é o meu filho, por isso, se o tivesse, cuidaria dele. Vou defendê-lo”. Eles estão sentados um ao lado do outro. São como dois amantes. Estão sentados na areia atirando pedras para o mar.

É o momento mais romântico. Eles viveram as suas vidas dentro e fora do bolso um do outro. O cara branco, na verdade, diz: “Eu não estaria aqui se não fosse por ele. Eles iam me matar, por isso devo-lhe tudo.

Eu devo a ele a minha vida”. Essa noção de que eles não poderiam ter os

¹¹ É o mesmo que dreadlocks ou rastafari.

kinds of relationships with the other races that might produce a mixed race child comes from somewhere at the top of their heads that has absolutely nothing to do with the actual lives they're all living in Brixton.

Going to the same clubs. Listening to the same music. Going to each other's backyards. Standing with one another at the bottom of the staircase in the same project building. So a great deal, certainly, in England that is, of what is spoken as a kind of essentialist politics, essentialist framework denies a sociological reality which is much more complex than that. We have to speak on behalf of this because sometimes people will say, "You are middle class. You don't experience this. You don't live on the front lines." I am not suggesting that the front line is nice, that there isn't any racism there. I know exactly how much there is, but you need to give an account of it which is not just one-dimensional, that is not what all white kids, or black kids living in London, know about.

bell: That is though precisely the dilemma, and part of why essentialism is on the upswing, because the lived experience is no longer that of containment, even in the world of racial apartheid in which I grew up. Because there is a shortage of public housing, this world that was all black now has many white families moving into an all black world. So the very notion of blackness is obviously never going to be the same, because the blackness we grew up in was predicated upon non-engagement, non-involvement. You had no white neighbors if you were among the segregated black poor. It is precisely people's inability to articulate the meaning of these new experiences. What does blackness become in the context of this diversity and this variety?

tipos de relações com as outras raças que podem produzir uma criança mestiça vem de algum lugar sem que eles pensem muito que não tem absolutamente nada a ver com as vidas reais que eles todos estão vivendo em Brixton.

Ir aos mesmos clubes. Ouvir a mesma música. Ir para os quintais um do outro. Estar um com o outro no pé da escada no mesmo edifício do projeto. Portanto, um grande acontecimento, certamente, na Inglaterra, do que se fala como uma espécie de política essencialista, o quadro essencialista nega uma realidade sociológica muito mais complexa do que isso. Temos de falar em nome disso porque, às vezes, as pessoas dizem: "Vocês são da classe média. Não experienciam isto. Vocês não vivem na linha de frente". Não estou sugerindo que a linha de frente seja agradável, que não haja qualquer racismo lá. Eu sei exatamente o quanto há, mas você precisa ter em conta isso, que não é apenas unidimensional, isso não é o que todas as crianças brancas, ou crianças negras que vivem em Londres, sabem.

bell: Esse é precisamente o dilema e parte da razão pela qual o essencialismo está em ascensão, porque a experiência vivida já não é a de contenção, mesmo no mundo do apartheid racial em que eu cresci. Porque há uma escassez de moradias públicas, esse mundo que era todo negro agora tem muitas famílias brancas se movendo para um mundo todo negro. Então, a própria noção de negritude obviamente nunca será a mesma, porque a negritude em que crescemos foi baseada em não-engajamento e não-envolvimento. Você não teria vizinhos brancos se estivesse entre os pobres negros segregados. É precisamente a incapacidade das pessoas de articular o significado dessas novas experiências. O que é que a negritude se torna no contexto dessa diversidade e dessa variedade?

Stuart: It is as if we don't have a concept of what blackness might be in the context of diversity, as if it is polarized between either blackness or diversity, but the two things can't be maintained together. Incidentally, what do you think of Henry Louis Gates' book, *Colored People*, about his own childhood?

45

bell: My one-line review of his book in my journal was, "Gee, this person wrote a whole book and told us absolutely nothing about his own life." I thought it was an interestingly structured book. Since I am also about to publish two autobiographies, I've been real aware of the degree to which memoirs and the autobiography has become this crucial discourse in and of itself within the discourse of race and gender. Partially through the writing of one's past someone like Skip is attempting to say, "I may be at Harvard, and I may be brokering in this academic world that is predominantly white, but here is testimony to blackness, to my roots." But it is interesting how then people cannot critique that testimony to see how much it is fashioned along a particular line, a particular line that works as an affirmation of a very static notion of blackness even as your own experience is not remaining in a static notion of blackness at all, but of engaging blackness within the context of diversity and variety.

Stuart: Do you mean by that that he doesn't talk about his own movement out of that world, or what has happened to him since?

Stuart: É como se não tivéssemos um conceito do que a negritude pode ser no contexto da diversidade, como se fosse polarizada entre a negritude ou a diversidade, mas as duas coisas não podem ser mantidas juntas. A propósito, o que acha do livro de Henry Louis Gates, "*Colored People*", sobre a sua própria infância?

45

bell: Minha resenha de uma linha de seu livro em meu diário foi: "Puxa, essa pessoa escreveu um livro inteiro e não nos disse absolutamente nada sobre sua própria vida". Achei que era um livro interessante e estruturado. Já que eu também estou prestes a publicar duas autobiografias, tenho estado realmente ciente do grau em que as memórias e a autobiografia tem se tornado esse discurso crucial em e de si mesmo dentro do discurso da raça e do gênero. Parcialmente, através da escrita do passado de alguém, como Skip está tentando dizer: "eu posso estar em Harvard e eu posso estar intermediando nesse mundo acadêmico que é predominantemente branco, mas aqui está o testemunho da negritude para as minhas raízes". Mas é interessante como então as pessoas não podem criticar esse testemunho para ver o quanto ele é formado ao longo de uma determinada linha, uma linha específica que funciona como uma afirmação de uma noção muito estática de negritude mesmo que sua própria experiência não seja permanente de um noção estática de negritude, mas de negritude envolvente dentro do contexto de diversidade e variedade.

Stuart: Você quer dizer com isso que ele não fala sobre seu próprio movimento para fora daquele mundo, ou o que aconteceu com ele desde então?

bell: I also felt like he didn't talk about his own movement in that world. When I was sitting up in my racially segregated, Christian fundamentalist household reading my Wordsworth and Elizabeth Barrett Browning there's the imagination of a world beyond a static notion of blackness that happens prior to the movement out of that world. And I feel that in a sense it has become very unfashionable to lay claim to that imagination. In order to lay claim to authentic blackness you have to not confess to the other forces that moved you. The greatest force in my childhood, in terms of my development as a thinker and an artist, was Emily Dickinson. But for a long time I didn't refer to Emily Dickinson because there was no space for this in the project of rewriting one's black authenticity. I felt that was what was missing from Skip's narrative that willingness to write into the narrative what your own imagination

46

of otherness is that is beyond the personal. Obviously I didn't know Emily Dickinson, but it's what she symbolizes as the writer devoted to her work. This was crucial to my development of myself as a thinker and a writer.

Stuart: There must have been things like that for him too.

bell: That was the gap that I felt in that text, and everything becomes marked by the personal encounter with the other as opposed to the imagination as a field of dreams. To me what released me from the narrow blackness and whiteness of my upbringing was the imagination of another place. To some extent, what I feel most in narrow nationalisms and fundamentalisms is their attack and their assault on the imagination. Our imagination is where our strength to resist lies.

bell: Também senti que ele não falava do seu próprio movimento naquele mundo. Quando eu estava sentada em minha casa racialmente segregada, fundamentalista cristã lendo meu Wordsworth e Elizabeth Barrett Browning, há a imaginação de um mundo além de uma noção estática de negritude que acontece antes do movimento para fora desse mundo. E eu sinto que, de certa forma, tornou-se muito fora de moda reivindicar essa imaginação. A fim de reivindicar a negritude autêntica, você tem que não confessar as outras forças que o moveram. A maior força da minha infância, em termos do meu desenvolvimento como pensadora e artista, foi a Emily Dickinson. Mas durante muito tempo não me referi à Emily Dickinson, porque não havia espaço para isso no projeto de reescrever a autenticidade negra. Senti que era isso que faltava na narrativa do Skip, essa vontade de escrever na narrativa o que a sua própria imaginação

46

da alteridade é, que está além do pessoal. Obviamente não conhecia a Emily Dickinson, mas é o que ela simboliza como a escritora dedicada ao seu trabalho. Isso foi crucial para o meu desenvolvimento como pensadora e escritora.

Stuart: Deve ter havido coisas assim para ele também.

bell: Essa era a lacuna que eu sentia naquele texto e tudo se torna marcado pelo encontro pessoal com o outro em oposição à imaginação como um campo de sonhos. Para mim, o que me libertou da estreita negritude e branquitude da minha educação era a imaginação de outro lugar. Em certa medida, o que mais sinto em nacionalismos e fundamentalismos estreitos é o seu ataque e o seu ataque à imaginação. A nossa imaginação

Stuart: It is very strained, very one-dimensional. It doesn't encourage the play and the imagination. You should always have a possible other.

It doesn't have to be a real place. You just need a place in the mind that one can go to. You are right in saying that that dimension is missing from the text. I guess I liked it because I thought it was unexpected of him at this moment to make that move.

bell: This takes us back to the question of why women, black women in particular, have never really emerged as the powerful prophetic leaders of movements for black liberation. While we can cite Angela Davis as a powerful icon, she's never really been perceived as a leader. That has a lot to do with the fact that, whether consciously or not, feminism has to play the role in bringing any black woman thinker, leader into greater subjectivity, into greater politicization of herself. But because this is so rejected in the sphere of blackness, to some extent, people like Skip can become the voice, the authority, the god-like father, despite their interracial relations, despite their being located in places like Harvard, because they can authenticate blackness in other ways. I saw this

47

narrative at this historical moment being about that, about laying claim to blackness. When I think about my own story of my girlhood what people will see when reading it is how much I am influenced by these voices that are beyond notions of blackness and black identity which are the forces of Wordsworth, Gerard Manly Hopkins, the poets whose work filled my days, and whose

está onde a nossa força para resistir permanece.

Stuart: É muito tensa, muito unidimensional. Não encoraja a brincadeira e a imaginação. Você deveria sempre ter um possível outro.

Não tem de ser um lugar real. Você só precisa de um lugar na mente para onde se possa ir. Você tem razão quando diz que essa dimensão está ausente do texto. Acho que gostei, porque achei que era inesperado da parte dele neste momento fazer aquele movimento.

bell: Isso nos leva de volta à questão de por que as mulheres, mulheres negras em particular, nunca realmente emergiram como as poderosas líderes proféticas dos movimentos para a libertação negra. Embora possamos citar Angela Davis como um ícone poderoso, ela nunca foi realmente percebida como uma líder. Isso tem muito a ver com o fato de que, conscientemente ou não, o feminismo tem que desempenhar o papel de levar qualquer mulher negra pensadora, líder para uma maior subjetividade, para uma maior politização de si mesma. Mas porque isso é tão rejeitado na esfera da negritude, até certo ponto, pessoas como Skip podem se tornar a voz, a autoridade, o pai semelhante a Deus, apesar de suas relações inter-raciais, apesar de estarem localizadas em lugares como Harvard, porque elas podem autenticar a branquitude de outras formas. Eu vi isso

47

narrativa nesse momento histórico sendo sobre isso, sobre reivindicar a branquitude. Quando eu penso sobre a minha própria história de minha mocidade, o que as pessoas vão ver quando a lerem é, pois, o quanto eu sou influenciada por essas vozes que estão para além de noções de negritude e identidade negra que são as forças de Wordsworth, Gerard Viril Hopkins, os poetas cuja obra

imagination of reality was what gave me a sense of the life that I wanted to lead, and that I was moving toward. That has left something that will authenticate me in blackness.

The whole construction of black woman as the betrayer of the race, as almost inherent betrayer of the race, precludes black women being able to move against the boundaries on lots of levels and still maintain the kind of positioning that allows for leadership. The most expansive thought about identity and blackness has really come from black women thinkers and again black gay theory, and yet that is the theory that is least embraced. So finally, at the end of the day, people would rather have black male leaders, more conservative black male leaders who authenticate a blackness they are familiar with than embrace the work of more visionary thinkers who expand beyond that.

preencheram meus dias, e cuja imaginação da realidade foi o que me deu um sentido de vida que eu quisesse conduzir e que eu estava me movendo na direção. Isso deixou algo que me autenticará na negritude.

Toda a construção da mulher negra como traidora da raça, como quase inerente traidora da raça, impede que as mulheres negras sejam capazes de se mover contra as fronteiras em muitos níveis e ainda manter o tipo de posicionamento que permite a liderança. O pensamento mais expansivo sobre identidade e negritude veio realmente de mulheres negras pensadoras e novamente a teoria gay negra e, ainda assim, essa é a teoria que é menos abraçada. Então, finalmente, no final do dia, as pessoas prefeririam ter líderes negros masculinos, líderes negros masculinos mais conservadores que autenticam uma negritude que elas estão familiarizadas do que abraçar o trabalho de pensadoras mais visionárias que expandem além disso.
